



Instituto Politécnico
de Castelo Branco
Escola Superior
de Educação

MOTIVAÇÃO DAS CRIANÇAS E JOVENS PARA A ESCOLHA DO FUTEBOL COMO PRÁTICA DESPORTIVA: DIFERENÇAS ENTRE GÉNERO, REGIÃO E ESCALÃO ETÁRIO

Mestrado em Atividade Física

Nuno Miguel Almeida Campos Dâmaso

Orientadores

Professor Doutor João Manuel Patrício Duarte Petrica
Professor Doutor Rui Miguel Duarte Paulo

Dezembro 2014



Instituto Politécnico
de Castelo Branco
Escola Superior
de Educação

MOTIVAÇÃO DAS CRIANÇAS E JOVENS PARA A ESCOLHA DO FUTEBOL COMO PRÁTICA DESPORTIVA: DIFERENÇAS ENTRE GÉNERO, REGIÃO E ESCALÃO ETÁRIO

Autor

Nuno Miguel Almeida Campos Dâmaso

Orientadores

Professor Doutor João Manuel Patrício Duarte Petrica

Professor Doutor Rui Miguel Duarte Paulo

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco para o cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Atividade Física, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor João Manuel Patrício Duarte Petrica, do Instituto Politécnico de Castelo Branco e do Professor Doutor Rui Miguel Duarte Paulo, do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Dezembro 2014

Composição do Júri

Presidente do Júri

Professor Doutor João Júlio Matos Serrano

Professor Adjunto da Escola Superior de Educação de Castelo Branco

Arguente

Professor Doutor Marco Batista

Professor Adjunto Convidado da Escola Superior de Educação de Castelo Branco

Vogal

Professor Doutor Rui Miguel Duarte Paulo

Professor Adjunto Convidado da Escola Superior de Educação de Castelo Branco

Dedicatória

Esta dissertação de mestrado vai inteiramente dedicada aos meus pais, José Anunciação Campo Dâmaso e Fernanda Palmira Almeida Campos Dâmaso pela educação e formação como pessoa que me tem dado ao longo da minha vida e o apoio e incentivo permanente na procura dos meus sonhos e objetivos.

Também não podia deixar de dedicar à minha namorada, Mariana de Castro Bonifácio Ramos Tomaz, pelo incondicional e constante apoio que me tem transmitido tanto nos momentos menos bons como nos momentos bons.

Aos meus Pais e à minha namorada, o meu mais sincero e profundo OBRIGADO.

Agradecimentos

Para realização deste trabalho de investigação foram muitas as pessoas que contribuíram de forma direta e indireta. Sem a contribuição dessas pessoas não teria sido possível a sua realização. Assim sendo, fica aqui expresso o meu agradecimento pela disponibilidade e ajuda que me prestaram ao longo deste tempo na elaboração desta dissertação de mestrado.

Gostaria de agradecer, ao Professor João Manuel Patrício Duarte Petrica, pela orientação e permanente disponibilidade na orientação da dissertação de mestrado.

Ao Professor Rui Miguel Duarte Paulo, pela permanente ajuda, conselhos, colaboração e orientação em todo o processo, desde o início com a elaboração do requerimento, na recolha e na análise dos dados e na de elaboração final da dissertação de mestrado.

Aos Treinadores das equipas onde foram recolhidos os dados, pela disponibilidade prestada e colaboração durante o processo de aplicação e levantamento de dados.

Aos Pais das crianças e jovens que participaram no estudo, pela autorização concedida para que os seus filhos dessem o precioso e importante contributo na participação e na realização da investigação.

Às Crianças e Jovens que participaram no estudo, pela disponibilidade e colaboração prestada na recolha dos dados.

Ainda gostaria de deixar o meu agradecimento, ao Senhor Aníbal Belo, pelas horas que no seu estabelecimento, durante a elaboração da dissertação de mestrado.

Mais uma vez, a todos estas pessoas, o meu e mais profundo OBRIGADO.

Resumo

A prática desportiva assume no quotidiano e na formação dos jovens um papel importante, neste contexto, a investigação tentou dar resposta aos motivos subjacentes à escolha do futebol como prática desportiva por parte das crianças e jovens da região de Castelo Branco e Coimbra, fazendo comparação entre as duas regiões, assim como, procurar saber as diferenças consoante a idade e o género.

A amostra foi constituída por 220 crianças e jovens de ambos géneros com uma média de idades de $12,82 \pm 2,790$ das duas regiões. Os instrumentos utilizados na investigação para a recolha de dados foi um questionário de caracterização pessoal e o Questionário de Motivação para as Atividades Desportivas (QMAD), versão traduzida por Serpa e Frias (1990), do Participation Motivation Questionnaire (PMQ) de Gill, Gross, e Huddleston (1983), sendo este questionário constituído por 30 itens agrupados em 8 categorias/dimensões motivacionais. No tratamento estatístico recorremos ao programa Statistical Package for the Social Sciences, onde utilizámos a estatística descritiva, média aritmética e desvio padrão e a estatística inferencial aplicada pelo *Kolmogorov-Smirnov Test*, *T-Student*, *One-Way Anova* e o *Post-Hoc Scheffé*.

Os resultados obtidos na nossa investigação, indicam-nos que as categorias/dimensões motivacionais, o “desenvolvimento de competências”, a “afiliação específica”, a “forma física”, a “competição” e o “prazer”, foram as mais indicadas por parte das crianças e jovens das duas regiões e a categoria/dimensão motivacional “estatuto” foi a menos indicada pelas crianças e jovens da região de Castelo Branco e Coimbra, quanto à comparação entre os géneros não foram verificadas diferenças, contudo na comparação entre idades, verificámos que existem diferenças estatisticamente significativas e muito significativas. Quanto à comparação entre as duas regiões, encontrámos diferenças estatisticamente significativas em duas categorias/dimensões motivacionais.

Assim, concluímos que existem diferenças estatisticamente significativas e muito significativas ao nível das motivações pelas quais os sujeitos da amostra escolhem o futebol como prática desportiva na comparação entre os sujeitos dos distintos escalões etários.

Palavras-chave

Futebol; Prática Desportiva; Motivação; Género; Idade

Abstract

The sport takes in everyday life and in training young people an important role, in this context, the research attempted to address the reasons behind the choice of football as sport by children and young people in the region of Castelo Branco and Coimbra, making comparison between the two regions, as well as find out the differences according to age and gender.

The sample consisted of 220 children and young people of both genders with a mean age of $12,82 \pm 2,790$ in both regions. The instruments used in research for data collection was a questionnaire of personal characterization and the Motivation Questionnaire for Sports Activities (QMAD) version translated by Serpa and Frias (1990), the Participation Motivation Questionnaire (PMQ) of Gill, Gross and Huddleston (1983), and this questionnaire consists of 30 items grouped into 8 categories/motivational dimensions. In the statistical analysis we used the Statistical Package for Social Sciences, where we used descriptive statistics, arithmetic mean and standard deviation and inferential statistics applied by the Kolmogorov-Smirnov Test, T-Student, One-Way ANOVA and Post-Hoc Scheffé.

The results obtained in our research, indicate to us that the categories/motivational dimensions, the "skills development", the "specific affiliation", the "fitness", the "competition" and the "pleasure", were the most frequent by children and young people of the two regions and the category/motivational dimension "status" was the least suitable for children and youth of the region of Castelo Branco and Coimbra, as to compare gender differences were found, however the comparison between ages, we found that there are statistically significant and very significant differences, as the comparison between the two regions, we found statistically significant differences in two category/motivational dimension.

Thus, we conclude that there are statistically significant differences and very significant in terms of the motivations for which the sample subjects choose football as sport in the comparison between subjects of different age groups.

Keywords

Football; Sports Practice; Motivation; Gender; Age

Índice

Capítulo I.....	1
1. Introdução.....	3
1.1. Pertinência do Estudo	4
1.2. Estrutura da Dissertação.....	5
Capítulo II.....	7
2. Revisão Literatura.....	9
2.1. Futebol.....	9
2.2. Prática Desportiva	12
2.3. Motivação	15
2.3.1. Teorias da Motivação.....	19
2.3.2. Influência das Variáveis Género e Idade na Motivação para a Prática Desportiva.....	25
2.4. Estado da Arte	27
Capítulo III.....	37
3. Objeto de Estudo	39
3.1. Introdução.....	39
3.2. Objetivos e Questões de Investigação	39
3.2.1. Objetivo Geral do Estudo.....	39
3.2.2. Objetivos Específicos do Estudo	39
3.2.3. O Problema	40
3.3. As Hipóteses Fundamentais/Gerais.....	41
3.4. Variáveis do Estudo.....	41
Capítulo IV	45
4. Metodologia.....	47
4.1. Introdução.....	47
4.2. Amostra.....	47
4.3. Instrumentos.....	48
4.3.1. Declaração de Consentimento e Informação.....	48
4.3.2. Questionário de Caraterização Pessoal	48

4.3.3. Questionário de Motivação para as Atividades Desportivas (QMAD), versão traduzida por Serpa e Frias (1990), do Participation Motivation Questionnaire (PMQ) de Gill, Gross, e Huddleston (1983).....	49
4.4. Procedimentos	50
4.5. Tratamento Estatístico	51
Capítulo V	53
5. Apresentação dos Resultados	55
5.1. Introdução	55
5.2. Análise Descritiva	55
5.3. Análise Inferencial.....	61
Capítulo VI.....	69
6. Discussão dos Resultados.....	71
Capítulo VII	79
7. Conclusões.....	81
7.1. Verificação das Hipóteses de Estudo Formuladas	82
7.2. Perspetivas de Investigação: Limitações e Sugestões	83
7.2.1. Limitações.....	83
7.2.2. Sugestões.....	84
Bibliografia.....	87
Anexos.....	101
A. Declaração de Consentimento e Informação	103
B. Questionário de Caracterização Pessoal.....	107
C. Questionário de Motivação para as Atividades Desportivas (QMAD) versão traduzida por Serpa e Frias (1990), do Participation Motivation Questionnaire (PMQ) de Gill, Gross, e Huddleston (1983).....	111
D. Base de Dados.....	115
E. Tabelas do Nível de Significância das Comparações entre Grupos os Escalões para cada pergunta (Análise Inferencial).....	127

Índice de Figuras

Figura 1 - Efeitos da Prática Desportiva (Cannellas & Soria, 1991).....	14
Figura 2 - Condicionamento Operante de Skinner (1953)	19
Figura 3 - Teoria de Hierarquização de Maslow (1954).....	20
Figura 4 - Teoria da Motivação de Herzeberg, Mausner, e Snyderman (1959).....	21
Figura 5 - Ciclo Motivacional de Lewin (1936)	21
Figura 6 - Teoria da Atribuição de Heider (1958)	22
Figura 7 - Teoria ERG de Alderfer (1969)	23
Figura 8 - Teoria Social Cognitiva de Bandura (Pajares & Olaz, 2008).....	23
Figura 9 - A Teoria da Expetativa de Vroom (1995)	24
Figura 10 - Resumo do estudo de Gill, Gross e Huddleston (1983) (Rebelo,1999) .	28

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Fontes de Motivação (Deci & Ryan, 1985).....	17
Tabela 2 - Teoria das Necessidades Adquiridas de McClelland (1961)	22
Tabela 3 - Caracterização da Amostra.....	48
Tabela 4 - Média e desvio padrão dos resultados das variáveis avaliadas, dividida pelos grupos	56
Tabela 5 - Média e desvio padrão dos resultados das variáveis avaliadas, dividida pelos grupos	57
Tabela 6 - Média e desvio padrão dos resultados das variáveis avaliadas, dividida pelos grupos	58
Tabela 7 - Média e desvio padrão dos resultados das variáveis avaliadas, dividida pelos grupos	59
Tabela 8 - Média e desvio padrão dos resultados das variáveis avaliadas, dividida pelos grupos	60
Tabela 9 - Nível de significância das comparações entre região/localidade (Castelo Branco/Coimbra), para as perguntas do questionário (Teste de Levene)	62
Tabela 10 - Nível de significância das comparações entre região/localidade (Castelo Branco/Coimbra), para as perguntas do questionário (Teste de Levene)	63
Tabela 11 - Nível de significância das comparações entre os géneros (Masculino/Feminino), para as perguntas do questionário (Teste de Levene)	64
Tabela 12 - Nível de significância das comparações entre os géneros (Masculino/Feminino), para as perguntas do questionário (Teste de Levene)	65
Tabela 13 - Diferenças entre grupos, referente aos escalões etários.....	66

Lista de Acrónimos

AF – Atividade Física

DP – Desvio Padrão

EMI - Exercise Motivations Inventory

EMI-2 - Exercise Motivations Inventory – 2

ERG - Existence, Relatedness e Growth

FA - Football Association

FIFA - Fédération Internationale de Football Association

FPF - Federação Portuguesa de Futebol

M - Média Aritmética

ONU - Organização das Nações Unidas

PMQ – Participation Motivation Questionnaire

QMAD – Questionário de Motivação para as Atividades Desportivas

QMPD - Questionário de Motivação para a Prática desportiva

QME - Questionário de Motivação para o Exercício

SD – Standard Deviation

SPSS - Statistical Package for the Social Sciences

UEFA – Union of European Football Associations

Capítulo I

Introdução

1. Introdução

As crianças e os jovens têm dedicado uma parte significativa dos seus tempos livres à prática das atividades desportivas, relegando para segundo plano outro tipo de atividades na ocupação dos seus tempos livres (Feliu, 1997). Vivemos numa sociedade em que o desporto assume grande importância na vida das pessoas, importância essa que está em conformidade com a forma como a sociedade encara valores essenciais da vida do cidadão, como a liberdade, a educação, a igualdade, a saúde e a qualidade de vida (Vasconcelos, 2006). O desporto assume-se como uma forma de compensação social, para além dos benefícios relacionados com a saúde, na medida em que permite ao indivíduo a valorização do seu ego, através da afirmação da sua personalidade e da sua corporalidade (Lima, 1988). Como faz referência Araújo (1995), o desporto é inevitavelmente na atualidade uma manifestação social, que tem a capacidade de mobilizar pessoas. O desporto e a atividade física (AF) assumem-se como parte integrante da vida social, sendo preconizados como um dos meios de compensar os efeitos nocivos do modo de vida da sociedade moderna (Mota, 2001). O desporto tem vindo a ganhar uma maior expressão na nossa sociedade, não só porque a procura desportiva, no âmbito das práticas de lazer, aumentou, mas também porque se assistiu à intensificação da competição desportiva (Marivoet, 2005).

A prática desportiva, para além de ser, atualmente, um tema muito em voga, é desde há muito tempo, considerada um fator protetor da saúde dos adolescentes, uma vez que tem para estes inúmeros benefícios físicos, psicológicos e sociais (Costa, 2007). Segundo Marivoet (1991), a prática desportiva está intimamente ligada com um conjunto de variáveis que a estruturam, como o género, estado civil, idade, habilitações literárias, categorias sociais e atividade. Num estudo realizado por Marivoet (2001), no início da época desportiva de 1998/99, constatou-se que a modalidade mais praticada era o futebol.

Primeiro Figo, Cristiano Ronaldo, José Mourinho. Só depois, e a muita distância, Nélon Évora, Naide Gomes, Vanessa Fernandes ou Armindo Araújo. Portugal pode estar a diversificar-se em termos desportivos e a conquistar resultados de excelência em muitas modalidades, mas continua a ser muito um país de futebol (Vazo, 2010). De acordo com o mesmo autor, é este o desporto que tem mais praticantes, o que tem mais visibilidade e exposição mediática, o que movimenta mais paixões e mais dinheiro. O futebol é o desporto que mais tem crescido na última década, num panorama de aumento generalizado do número de praticantes nas várias modalidades. O futebol, na sua essência, é um dos desportos que mais cativa as pessoas, especialmente os mais jovens. Esta modalidade funciona como elemento agregador e de entendimento entre povos. O poder do futebol consegue furar canais políticos e contribui para amenizar tensões entre povos em conflito (Bento, 2001). Atualmente, o futebol é um fenómeno de extrema importância tanto em Portugal

como no mundo. O seu poder de influência é cada vez maior, sendo já considerado uma importante referência do setor económico, social e cultural (Santos, 2011).

Atendendo à importância que a prática desportiva assume atualmente no quotidiano e na formação dos jovens, sendo o futebol a modalidade desportiva mais procurada e praticada em Portugal é necessário surgirem investigações que contemplem os motivos subjacentes à prática desportiva por parte dos indivíduos, neste contexto pretendemos dar o contributo com a nossa investigação.

A motivação é dos conceitos mais referidos em desporto, utilizando-se quer para explicar comportamentos inapropriados ou de sucesso dos atletas, quer ainda para justificar estratégias dos treinadores, procurando aumentar o empenhamento dos seus jogadores (Alves, Brito & Serpa, 1996). Os psicólogos do desporto têm passado uma grande quantidade de tempo, nos últimos anos, tentando perceber o complexo quadro da motivação no desporto (Biddle, 1999). Segundo Fonseca (1995), os motivos que levam os atletas à prática desportiva de uma modalidade desportiva parecem ser influenciados por algumas das suas características, como a idade, o género, o tipo de desporto praticado, os anos de prática, a habilidade/competência, a raça e o estatuto, já Koivula (1999), defende as mesmas características como fatores motivacionais para a participação no desporto.

Com base na importância do desporto na nossa sociedade, como na liberdade, educação, a igualdade, saúde e qualidade de vida, sendo o futebol o desporto com a maior prática e visibilidade em Portugal, iremos através da nossa investigação tentar perceber os motivos pelos quais as crianças e jovens de idades distintas e de ambos os géneros da região de Castelo Branco e da região de Coimbra, para a escolha do futebol como prática desportiva, comparando as duas regiões, assim como as idades e os géneros, procurando verificar se existem diferenças, sendo este o principal objetivo da investigação.

1.1. Pertinência do Estudo

Para Rocha (2009), o desenvolvimento da motivação do indivíduo para a prática de uma AF ou desportiva, é tão importante quanto o aspeto físico. Assim, o profissional da área desportiva, não se deve somente preocupar com a parte física das pessoas, mas também com o aspeto psíquico, pois muitas vezes estes aspetos são determinantes para o desenvolvimento das práticas desportivas, principalmente em crianças e adolescentes, visando também a manutenção deste comportamento quando adultos.

A permanência, o sucesso e o fracasso no envolvimento desportivo encontram-se intimamente ligados a fenómenos do foro psicológico, independentemente do nível de prática do indivíduo, sendo assim, o conhecimento das razões da motivação para a participação em atividades físicas/desportivas assume um papel determinante a nível

do processo de intervenção pedagógica dos professores junto dos alunos, visando a sua melhoria (Rocha, 2009).

Assim sendo, devido à importância que a prática desportiva tem atualmente, no quotidiano e na formação dos jovens, e sendo o futebol a modalidade desportiva mais procurada e praticada, a nossa investigação vai tentar dar resposta aos motivos subjacentes à prática desportiva por parte das crianças e dos jovens da região de Castelo Branco e da região de Coimbra, fazendo comparação entre as duas regiões, assim como, procurar saber as diferenças consoante a idade e o género.

1.2. Estrutura da Dissertação

A investigação irá dividir-se em nove partes, introdução, revisão da literatura, objeto de estudo, metodologia, apresentação dos resultados, discussão dos resultados, conclusão, bibliografia e anexos. A estrutura da dissertação de mestrado é descrita de modo a facilitar o entendimento das metas delineadas e do percurso traçado para atingir os objetivos propostos:

- O primeiro capítulo é reservado à Introdução, na qual se expõe a pertinência do estudo, a justificação para a escolha do tema e o planeamento da estrutura do trabalho.

- No segundo capítulo, a revisão da literatura, inicia-se com o aparecimento do futebol a nível mundial bem como em Portugal e a sua importância na nossa sociedade. Em seguida a prática desportiva, fazendo referência à sua importância, tanto a nível pessoal como social. Posteriormente, a motivação, com definições de vários autores assim como as teorias da motivação e a influência das variáveis género e idade na motivação, para a prática desportiva. Por último, o estado da arte, onde fazemos referência a estudos internacionais e estudos nacionais, que vão ao encontro com a nossa investigação.

- O capítulo três é consagrado ao objeto de estudo, onde procederemos à apresentação dos objetivos que se pretendem alcançar e respetivas questões de investigação, assim como a formulação das hipóteses e as variáveis de estudo.

- No quarto capítulo, aparecerá a metodologia, onde descrevemos e explicaremos minuciosamente os procedimentos adotados neste estudo, identificando os sujeitos participantes, os métodos, técnicas e instrumentos de recolha e tratamento estatístico dos dados.

- A apresentação dos resultados aparecerá no capítulo quinto, com a apresentação dos nossos resultados através de uma análise descritiva e uma análise inferencial. Seguidamente o sexto capítulo com a discussão dos resultados apresentados.

- No capítulo sete, irão ser apresentadas as conclusões do estudo, indicando a verificação de todas as hipóteses de estudo formuladas bem como a referência a

algumas perspetivas de investigação, nomeadamente as limitações do estudo assim como sugestões para futuras investigações.

- Posteriormente serão apresentadas as referências bibliográficas, onde utilizamos as normas de referência bibliográfica da APA (2010, 6ª edição).

- Por fim apresentaremos os Anexos, onde vêm expostos os materiais e instrumentos utilizados na recolha dos dados da investigação.

Capítulo II

Revisão Literatura

2. Revisão Literatura

2.1. Futebol

Os primeiros registos do futebol parecem ter como localização a China do período neolítico, quando se faziam bolas de pedra para serem chutadas em jogos na província de Shan Xi. Com o tempo e com o encontro entre as culturas, o jogo com a bola chegou às ilhas britânicas através dos soldados do império romano (Galeano, 1995). A partir século XIV existem indícios do futebol na Grã-Bretanha, contudo a sua prática era proibida através de decretos emitidos pelo rei, que condenava este jogo por ser extremamente violento (Elias & Dunning, 1986). Nessa altura o jogo possuía poucas regras, baseadas nos costumes e nas relações sociais existentes naquele tempo (Giulianotti, 2002). Durante o século XVI este jogo de futebol passou a ser mais disputado durante os feriados religiosos, servia de ambiente para integrar os indivíduos em âmbito local e promover a ordem social ao dar maturidade aos jovens, servindo como ritual de passagem para a idade adulta. Em resumo, o jogo favorecia a solidariedade social (Giulianotti, 2002). O mesmo autor refere que o desporto em geral, mas em particular o futebol, pode ter tido um início popular, mas em pleno século XVI o futebol era jogado pelos alunos de Oxbridge, que pertenciam à elite inglesa.

A revolução industrial, a reorganização do espaço urbano, o advento de uma classe trabalhadora controlada por uma burguesia municipal que se caracterizava por ser ávida e por erradicar quaisquer tipos de diversão “não civilizados” e a regulamentação do jogo regida pela Football Association (FA) criada em 1863, deram ao futebol uma grande importância na nova cultura urbana da Inglaterra. As relações comerciais britânicas, aliadas aos vínculos imperiais, foram fundamentais para a difusão do futebol pelo mundo (Giulianotti 2002). No Chile em 1889 foi fundado o primeiro clube por marinheiros ingleses, na Argentina e Uruguai, a partir de 1860 surgem os primeiros clubes fundados por imigrantes (Giulianotti, 2002). Em 1864 já se jogava futebol nos portos do Brasil, assim sendo, não só na Europa se deu a expansão do futebol (Bellos, 2001). Consequências da expansão do futebol foram surgindo pela Europa os primeiros clubes de futebol. O ano de 1895 foi o de fundação da Federação Suíça de Futebol, cinco anos mais tarde, surgia a federação alemã e em 1906 a portuguesa. Consequentemente há um aumento do número de clubes em cada um desses países (Elias & Dunning, 1986). Em 1904 surge, em Paris, a Federação Internacional de Futebol, designada por Fédération Internationale de Football Association (FIFA), entidade que reúne as associações nacionais de futebol, em consequência da rápida expansão e popularização do jogo pelo mundo (Rodrigues, 2006).

A partir de 1945 com o final da II Guerra Mundial, proporcionou grandes mudanças em praticamente todos os campos, desde a economia até a política, passando pelo campo sociológico e claro no desporto (Coelho & Pinheiro, 2002). O futebol começou a ser um assunto interessante para os meios de comunicação, especialmente para a televisão. Em 1956 criam-se as competições Europeias, referentes à União das Federações Europeias de Futebol, designada em inglês por Union of European Football Association (UEFA), também arrastadas pela ligação Futebol/Televisão (Coelho & Pinheiro, 2002).

Assim como no resto do mundo, Inglaterra foi também o intermediário responsável pela implantação do famoso jogo em Portugal (Violante, 2010). Começa-se a notar uma tentativa de profissionalizar o futebol português a partir de 1910, até então bastante ligado ao amadorismo, criando-se assim a Associação de Futebol de Lisboa. Quatro anos depois, é criada a União Portuguesa de Futebol, hoje conhecida como Federação Portuguesa de Futebol (FPF) (Violante, 2010). Só por volta de 1950, com o desencadear de um processo de crescimento económico moderno, com a subida generalizada do nível de vida, após a segunda guerra mundial, permitiu o desenvolvimento e profissionalização do futebol de alta competição em Portugal (Nunes & Valério, 1996). No final dos anos 50 com a profissionalização do futebol com a construção de estádios, com a contratação de treinadores estrangeiros que trouxeram para Portugal mais experiência, os meios de comunicação começam a ter um interesse maior no desporto da sociedade, assim sendo, em 1957 com a chegada da televisão a Portugal começam a ser transmitidos jogos em direto (Violante, 2010). Pode dizer-se que a partir da década de 1960, o futebol de alta competição ficou plenamente profissionalizado em Portugal (Nunes & Valério, 1996).

Em Portugal, nenhum outro desporto atrai tantos adeptos como o futebol, se tivermos em atenção o seu impacto social, verificamos que nenhuma outra modalidade produz um envolvimento social tão intenso e duradouro associado a uma forte componente emocional, de facto, a designação de “desporto-rei” atribuída ao futebol define bem a relação existente entre os portugueses e esta modalidade (Santos, 2011). Assim sendo, o futebol é um fenómeno à escala mundial, sendo mesmo um forte exemplo de globalização, assumindo-se como indústria de espetáculo, e atualmente, é um dos produtos dessa indústria mais consumidos por todo o mundo (Marinho, 2007). Vinte milhões de praticantes federados, 134 países filiados na FIFA dos quais 120 consideram o futebol a modalidade nacional, é prova, para quem ainda tem dúvidas, de que o futebol é um fenómeno à escala mundial (Sérgio, 2003). Ao longo do século XX a popularização do futebol aumentou com os avanços tecnológicos dos meios de comunicação e de transportes. O organismo regulador do futebol, a FIFA, hoje conta com mais países associados do que a própria Organização das Nações Unidas (ONU) (Rodrigues, 2006).

Para Garganta e Pinto (1994), o futebol é uma atividade com grande popularidade, podendo ser comprovado pelo elevado número de praticantes e espetadores que move. Segundo Reilly, citado por Garganta (1997), o futebol é considerado a

modalidade desportiva mais popular à escala mundial, praticado em todas as nações, sem exceção. O futebol, na sua essência, é um dos desportos que mais cativa as pessoas, especialmente os mais jovens. Esta modalidade funciona como elemento agregador e de entendimento entre povos. O poder do futebol consegue furar canais políticos e contribui para amenizar tensões entre povos em conflito (Bento, 2001). O futebol é uma modalidade desportiva inscrita no quadro dos designados jogos desportivos coletivos (JDC) (Garganta, 1997). O futebol é um desporto coletivo, que segundo Teodorescu (1983), tem um caráter lúdico, em que os jogadores que constituem as duas equipas encontram-se numa relação de adversidade típica não hostil, denominada de rivalidade desportiva. É caracterizado por ser um desporto coletivo, no qual os intervenientes, neste caso, os jogadores, se encontram agrupados em duas equipas numa relação de adversidade-rivalidade desportiva, numa luta incessante pela conquista da posse da bola, com o objetivo de a introduzir o maior número de vezes na baliza adversária e evitá-los na sua própria baliza, com vista à obtenção da vitória, dentro dos constrangimentos impostos pelo próprio jogo (Pires, 2011).

Para Castelo (2009), o futebol é um jogo desportivo coletivo no qual a sua dinâmica resulta da competição entre duas equipas pela conquista da posse de bola, com o objetivo de introduzir a bola o maior número de vezes possível na baliza adversária e evitar que esta entre na sua própria baliza. Face aos constantes ajustes no comportamento dos 22 jogadores para potenciar a ação de uma equipa em relação ao adversário, o jogo de futebol encerra uma grande complexidade de relações que lhe permitem ter uma dinâmica própria mas de resultado sempre imprevisível. (Malta & Travassos, 2014). Já para Garganta (1997), diz que o futebol não é apenas um jogo desportivo coletivo, ou um espetáculo desportivo, mas também um meio de educação física e desportiva, um campo de aplicação da ciência e uma disciplina de ensino. Wade (1978) refere que o futebol é um jogo entre duas equipas, sendo que quando uma delas detém a posse da bola, tenta ultrapassar a oposição dos adversários no sentido de se aproximar da baliza, rematar e marcar golo, por sua vez, a equipa que não possui a bola procura impedir a progressão e os remates dos adversários, ao mesmo tempo que tenta apoderar-se da bola para atacar. Segundo Bangsbo (1994), o futebol caracteriza-se por ser um desporto que requer a execução de ações motoras de forma intermitente, com e sem bola, que variam aleatoriamente de jogo para jogo pois, são determinadas pelas particularidades de movimentação tática exigidas em cada competição, impondo aos praticantes uma elevada intensidade de esforço. O futebol é um jogo de oposição, no qual temos a considerar o ato tático do jogo. Os jogadores das equipas que se defrontam realizam diversas ações consoantes se encontram na fase de defesa ou na fase de ataque (Almeida, 2009). Atualmente, o futebol é um fenómeno de extrema importância tanto em Portugal como no mundo. O seu poder de influência é cada vez maior, sendo já considerado uma importante referência do setor económico, social e cultural (Santos, 2011).

2.2. Prática Desportiva

Vivemos numa sociedade em que o desporto assume grande importância na vida das pessoas, importância essa que está em conformidade com a forma como a sociedade encara valores essenciais da vida do cidadão, como a liberdade, a educação, a igualdade, a saúde, a qualidade de vida (Vasconcelos, 2006). A prática desportiva, para além de ser, atualmente, um tema muito em voga, é desde há muito tempo, considerada um fator protetor da saúde dos adolescentes, uma vez que tem para estes inúmeros benefícios físicos, psicológicos e sociais (Costa, 2007).

Para Mota (2001), o desporto e a AF são uma componente da vida em sociedade, sendo considerados um dos meios de compensar os prejuízos que advêm do modo de vida das sociedades modernas. Segundo Costa (1992), é possível uma análise de qualquer sociedade através dos desportos por ela praticados, pois o desporto está intrinsecamente ligado à génese, às estruturas e à atividade da sociedade. Para Marivoet (1991), a prática desportiva está intimamente ligada com um conjunto de variáveis que a estruturam, como o género, o estado civil, a idade, as habilitações literárias, as categorias sociais e a atividade.

O conceito de prática desportiva não possui ainda um consenso entre os estudiosos da área, mas não pode ser confundida com AF ou exercício físico. Estes diferentes conceitos apesar de estarem todos relacionados com o movimento humano são seguramente diferentes nas suas especificidades (Carneiro, 2011). Segundo o Concelho Europeu (1995), o conceito de prática desportiva define-se como todas as formas de AF, que através de uma participação organizada ou não, tem por objetivo a melhoria da condição física e psíquica, o desenvolvimento das relações sociais ou a obtenção de resultados em competições de todos os níveis.

Para Costa (2002), o desporto é um fenómeno eminentemente cultural e as relações entre desporto e cultura têm o seu fundamento nas próprias raízes da história do homem. Ferrando, Barata, e Otero (1998), fazem referência que o desporto enquanto prática ou atividade social engloba um amplo repertório de símbolos, valores, normas e comportamentos que o identificam e o diferenciam claramente de outras práticas sociais. Neste sentido, o desporto delimita um âmbito cultural específico, que foi adquirindo uma diferenciação funcional própria, até alcançar o carácter universal que tem atualmente. Guttmann (1994) define o desporto moderno como um conjunto de características sistemáticas inter-relacionadas e que contrastam com práticas lúdicas tradicionais. Os elementos que caracterizam as atividades desportivas modernas são, a secularização na orientação das práticas, a igualdade na possibilidade de participação, a burocratização na administração e organização das práticas, a especialização no sentido da diferenciação consoante as aptidões e as estratégias técnico/táticas, a racionalização não só do desempenho físico, mas também das regras para uma maior rentabilidade e espetacularidade, a quantificação que permite comparar marcas, resultados e desempenhos, a obsessão

pelo recorde e o desafio em superá-lo. O desporto é visto cada vez mais, como um produto e um serviço geradores de educação, de cultura, de lazer e de economia. Deixou de ser instrumento exclusivo da escola, passando a ser uma atividade de significativo valor económico, social, e político, no quadro de decisões e na adoção de estratégias de desenvolvimento (Pires, 1996).

O fenómeno desportivo converteu-se num desporto plural, em que são convidados a participar todos os indivíduos na diversidade dos seus estados de desenvolvimento, de comportamento e rendimento, crianças e jovens, adultos e idosos, maridos e esposas, pais e mães, avôs e avós, cultos e incultos, formados e não formados, ricos, pobres e remediados, solteiros, casados e divorciados, saudáveis e doentes, normais e deficientes (Bento, 1991). Desporto de tempo livre, de educação, de manutenção, de melhoria de saúde, de recomposição da capacidade psicológica/física de trabalho, do espetáculo e do profissionalismo invadiu a realidade social. O desporto é um reflexo de própria modernidade (Vasconcelos, 2006).

Em Portugal, a prática desportiva até 1974 era sobretudo exercida pelos clubes ou escolas, dirigida aos escalões mais novos e no âmbito da competição, havendo restrições e controle aos clubes desportivos, devido à proibição da liberdade associativa (Sousa, 1998). Em 1988, na população dos 15 aos 60 anos, 39% não tinha uma grande experiência desportiva, em 1998, para a mesma população, 37%, entre os 15 anos e 74 anos o valor sobe para os 43%. A este respeito é importante referir que as mulheres são as grandes ausentes de experiências desportivas, o que denota os preconceitos face à atividade desportiva feminina. Quanto aos homens, os valores são mais baixos, sendo de realçar, que o serviço militar obrigatório constitui um espaço onde para muitos foi possível a experiência de uma prática desportiva pela primeira vez, embora os jogos de rua e as características de algumas modalidades, entre elas, o futebol, a caça e a pesca se identifiquem com os padrões culturais das práticas marcadamente masculinas, sobretudo nas gerações mais velhas. (Vasconcelos, 2006). Segundo o mesmo autor, apesar de a oferta desportiva no nosso país ter crescido em termos qualitativos e quantitativos, existem ainda vários locais do país e segmentos da população muito carenciadas.

Marivoet (1998) refere que uma das tendências emergentes de estudo sobre os hábitos desportivos em Portugal é que a ausência de prática desportiva na juventude é determinante para a não existência do hábito na fase adulta. O desporto tem vindo a ganhar uma maior expressão na nossa sociedade, não só porque a procura desportiva, no âmbito das práticas de lazer, aumentou, mas também porque se assistiu à intensificação da competição desportiva (Marivoet, 2005). O desporto e a AF sensibilizam os jovens a responsabilizarem-se pelo próprio bem-estar e a contribuírem para o bem-estar dos outros. O envolvimento na AF e desportiva possui um papel importante na socialização da criança que aí toma contacto com os valores que prevalecem na sociedade (Brustad, 1993). Bento (2004) refere que a prática desportiva é um baluarte na formação pedagógica, educativa e cultural. Nela se reveem aspetos relevantes da formação da pessoa, da construção de relações

interpessoais gratificantes, da afirmação pessoal e conhecimento social desportista. Segundo Mota (1997a), a existência de uma vida ativa como modelo de um estilo de vida associa-se ao bem estar, à qualidade de vida e consequentemente à saúde dos indivíduos. Para Vieira (2007), o desporto é uma fonte promotora de estilos e hábitos de vida saudáveis na população em geral e mais especificamente, na população juvenil, nomeadamente, nas escolas. Para Marques (1997), atualmente, mais importante do que avaliar a aptidão física, é fomentar as crianças e jovens o gosto pela prática de atividades físicas, proporcionando-lhes experiências positivas, com o objetivo de virem a ser adultos com estilos de vida ativos. Mota (1997b), sugere que se desenvolvam esforços no sentido de envolver os pais em programas de AF com os filhos, uma vez que quanto mais ativos e envolvidos estiverem os pais, maior é a probabilidade da criança ser mais ativa. Neto (1994) considera que a prevenção da saúde é um objetivo social e que a criação de hábitos para a saúde deve promover-se logo de criança. Parece natural portanto que os adultos evidenciem a preocupação de orientar as crianças e os jovens no sentido da prática desportiva (Fonseca, 2004).

Na **Figura 1**, podemos observar os efeitos que a prática desportiva tem sobre os indivíduos, segundo Cannellas e Soria (1991).

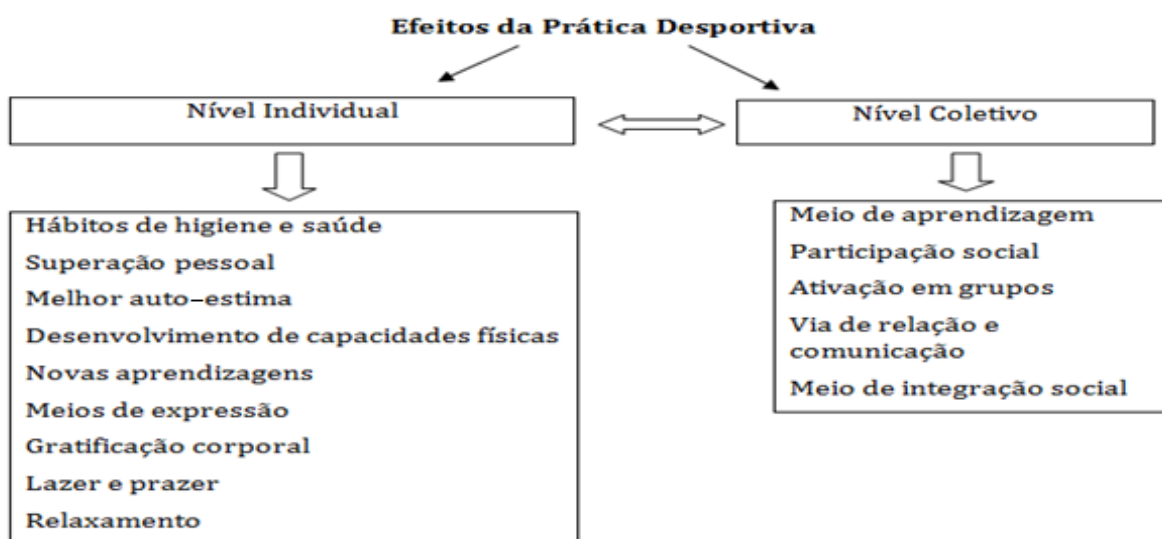


Figura 1 - Efeitos da Prática Desportiva (Cannellas & Soria, 1991)

2.3. Motivação

A história do estudo da motivação é a história da procura de respostas para o porquê do comportamento humano. Na psicologia, a motivação é concebida como o aspeto dinâmico do comportamento através do qual se procura compreender o processo de orientação do comportamento para situações e objetos preferidos. Compreender porque é que os indivíduos perseguem certas finalidades em vez de outras, tem sido alvo de preocupação e interesse desde Sócrates e Aristóteles. O seu estudo sistemático, no entanto, data somente do início do século XX (Lemos, 1993).

Motivação é o termo geral que descreve o comportamento regulado por necessidade e instinto com respeito a objetivos (Deese, 1964). Prévost (2001) refere que a motivação inscreve-se na função de relação do comportamento, graças a ela, as necessidades transformam-se em objetivos, planos e projetos, o sujeito procura ativamente formas de interações de modo que certas relações com certos objetos são exigidos ou indispensáveis ao funcionamento. O psicólogo estuda as variáveis da situação no seio das redes de relações, porque a complexidade das necessidades se mede pela do funcionamento, sendo que é a motivação que desperta necessidades latentes. O desenvolvimento da motivação implica então:

- 1 – A canalização das necessidades (aprendizagem);
- 2 – A elaboração cognitiva (alvos e projetos);
- 3 – A motivação instrumental (meios e fins);
- 4 – A personalização (autonomia funcional).

O conceito de motivação ou dos motivos de atuar deve ser o conceito mais central da psicologia atual. Ao contrário da psicologia antiga, que se limitava ao estudo de modos de comportamento, funções e realizações, a psicologia moderna, desde as investigações básicas de Freud, interessa-se cada vez mais pelo estudo da motivação (Buhler, 1990). O motivo, ou motivação refere-se a um estado interno que resulta de uma necessidade e que ativa ou desperta comportamento usualmente dirigido ao cumprimento da necessidade ativante. Os motivos que parecem ser em grande parte estabelecidos por experiências são conhecidos simplesmente como motivos (Davidoff, 1983). O conceito de motivação engloba todos os processos e estados psíquicos, que enquanto motivos, põem em movimento o comportamento do indivíduo, o mantêm em ação e o orientam para objetivos. A ela pertencem a totalidade das necessidades, impulsos, aspirações, moções voluntárias, humor, afetos, e emoções. A motivação é a causa de movimento e mudança, e a totalidade das forças que desencadeiam, dirigem e mantêm o comportamento em direção a um objetivo. A motivação é um aspeto ou consequência das mudanças de estado do organismo.

Como resultado de um deslocamento ou perturbação do equilíbrio interno brota da tendência a restabelecer o equilíbrio um motivo desencadeador do comportamento (Dietrich & Walter, 1978). Para Fonseca (1993), a motivação é o estudo dos constructos que potenciam e direcionam os comportamentos. Já Roberts (2001) refere que a motivação é um processo cognitivo dinâmico e complexo baseado em avaliações subjetivas do participante sobre o resultado, dependendo do objetivo da ação e do significado do contexto para o mesmo. Assim sendo, segundo Gomes (2006), a motivação é considerada um processo sociocognitivo em que os indivíduos se tornam motivados ou desmotivados através da avaliação das suas competências num contexto de realização e do significado do contexto para a pessoa, sendo essa aproximação sociocognitiva mais utilizada nos últimos anos.

Um exame cuidadoso da palavra motivo e do seu uso, revela que na sua definição, deverá haver referência a três componentes, o comportamento de um sujeito, a condição biológica interna relacionada, e a circunstância externa relacionada (Ray, 1964). Sempre que sentimos um desejo ou necessidade de algo, estamos em um estado de motivação. Motivação é um sentimento interno é um impulso que alguém tem de fazer alguma coisa (Rogers, Ludington & Graham, 1997). Segundo Lieury e Fenouillet (2000), a motivação é o conjunto de mecanismos biológicos e psicológicos que possibilitam o desencadear da ação, da orientação para um objetivo ou para se afastar dele, quanto mais motivada a pessoa está, mais persistente e maior é a atividade. Para cada ação que uma pessoa ou animal executa, perguntamos: “porque fez aquilo”. Quando fazemos esta pergunta, estamos a perguntar sobre a motivação daquela pessoa ou animal. Questões sobre motivação, então, são questões sobre as causas de uma ação específica (Mook, 1987). Para Ferguson (1976), motivação, como muitos outros conceitos na psicologia, não é facilmente delimitado. Uma pessoa está motivada com base em comportamentos específicos que a pessoa manifesta ou com base em acontecimentos específicos que se observam quando estão acontecer. A psicologia tende a limitar a palavra motivação aos fatores envolvidos em processos de energia e incluir outros fatores na determinação do comportamento (Cofer, 1972). Segundo Weinberg e Gould (1995), quando falamos em motivação, falamos na realização, tal significa falarmos numa tendência para lutar pelo sucesso, persistir face ao fracasso e experienciar o orgulho pelos resultados e pelos resultados obtidos. A motivação na psicologia é usualmente referida para gerir a motivação dos outros, que é sempre o interesse dos pais, professores ou treinadores, ou para gerir a nossa própria motivação (Roberts, 2001).

A motivação é dos conceitos mais referidos em desporto, utilizando-se quer para explicar comportamentos inapropriados ou de sucesso dos atletas, quer ainda para justificar estratégias dos treinadores, procurando aumentar o empenhamento dos seus jogadores (Alves et al., 1996). Os psicólogos do desporto têm passado uma grande quantidade de tempo, nos últimos anos, tentado perceber o complexo quadro da motivação no desporto (Biddle, 1999). Assim, a psicologia do desporto é um ramo científico independente, que resultou da interceção entre a psicologia, ciências do

desporto e do próprio desporto, sendo simultaneamente uma área profissional que olha para o desporto e para o exercício sob uma perspetiva psicológica (Araújo, 2002). Segundo Weinberg e Gould (2001), a psicologia do desporto dedica-se ao estudo científico das pessoas e dos seus comportamentos nas atividades do desporto e exercício.

O estudo da motivação e os seus efeitos no comportamento de realização consiste na investigação da intensidade, direção e persistência do comportamento (Roberts, 2001). É a investigação das influências sobre a ativação, força e direção do comportamento (Arkes & Garske, 1977). Segundo Pinsach e Corominas (2002), existem múltiplas teorias para explicar a motivação e as causas que levam a um determinado comportamento. Atualmente, diversos autores coincidem em referir a motivação em três aspetos característicos:

- 1 – O conseguir algo: a satisfação processa-se por efetuar e controlar uma tarefa.
- 2 – Demonstração da própria habilidade: a satisfação obtêm-se ao demonstrar que se é o melhor que os outros numa determinada tarefa.
- 3 – Aprovação social: O importante é ser popular, reconhecido e aclamado pelos outros.

Segundo Rego (1995), todos os grandes sistemas teóricos reconhecem que todo o comportamento é motivado, o que equivale a dizer que subjacente a qualquer atividade está sempre um motivo, ou conjunto de motivos, cuja influência o sujeito pode ter, ou não, consciência. Assim sendo, existem dois tipos de motivações que se podem classificar de internas/intrínsecas e externas/extrínsecas. As internas estão relacionadas com fatores profundos, instintos e necessidades; e as externas com estimulações e valores de ordem social, relacional, como por exemplo, o estatuto e afirmação. (Cruz, 1996).

Tabela 1 - Fontes de Motivação (Deci & Ryan, 1985)

Fontes	Definições
Motivação Intrínseca	Voltada para o prazer, satisfação ou sentimentos de competência que se obtêm pela prática de uma atividade em si mesma.
Motivação Extrínseca	Realização de uma atividade de uma forma instrumentalista, focalizada nos resultados dessa mesma atividade e/ou por pressões externas.

As fontes de motivação podem ser classificadas em intrínsecas e extrínsecas, e de acordo com Morris e Maisto (2004), motivação intrínseca diz respeito às recompensas que se originam da ação em si e a motivação extrínseca refere-se às recompensas que não são obtidas da atividade, mas são as consequências dessa.

A motivação intrínseca surgiu como importante fenómeno para educadores, uma fonte natural de aprendizagem e realização que pode ser sistematicamente catalisada ou prejudicada por pais e professores. A motivação intrínseca resulta na aprendizagem de alta qualidade e criatividade (Deci & Ryan, 2000). Para Cruz (1996), com as recompensas extrínsecas a motivação vem de outras pessoas ou fatores externos, sob a forma de reforços positivos e negativos. Por outro lado, os indivíduos também podem participar e competir desportivamente por razões intrínsecas. É o caso das pessoas que são intrinsecamente motivadas para serem competentes e para aprenderem novas competências, que gostam de competição ação ou excitação e que querem também divertir-se e aprender o máximo que forem capazes.

Standage e Treasure (2002) referem que em contraste com a motivação intrínseca, a motivação extrínseca refere-se a uma variedade de estilos que vão desde a regulação externa à regulação integrada e caracteriza-se por metas individuais de ação sendo direcionadas por alguma consequência separadamente, ou seja, a recompensa, a ameaça ou a punição. Deci e Ryan (1985) reconhecem quatro tipos de motivação extrínseca: regulação externa, regulação-introjeção, regulação identificada e regulação integrada (Ntoumanis, 2001).

- **A regulação externa** representa comportamentos que são regulados através de meios externos, tais como recompensas ou sanções. Representando a motivação extrínseca como é definida tradicionalmente, a regulação externa é a forma menos autodeterminada de regulação extrínseca, e refere-se ações que são realizadas, a fim de ganhar uma recompensa ou evitar uma punição (Ntoumanis, 2001).

- **A regulação-introjeção**, refere-se a comportamentos que estão a começar a ser internalizados, mas eles não são totalmente auto-determinados. Estes comportamentos podem ser realizados, por exemplo, a fim de obter reconhecimento social ou evitar pressões internas e sentimentos de culpa.

- **A regulação identificada**, o comportamento torna-se mais autodeterminado. Os resultados do comportamento são altamente valorizados e este último é realizado com menor pressão, mesmo que não seja particularmente agradável.

- **A regulação integrada**, representa a forma mais autodeterminada do processo a internalizar. Refere-se a comportamentos que são realizados fora de escolha, a fim de harmonizar e trazer coerência a diferentes partes de si mesmo. Apesar da regulação integrada, representar formas de comportamento integrado e autodeterminado, ainda é um comportamento motivado extrinsecamente porque é realizado, a fim de atingir metas pessoais de rendimento e não por recurso inerente na atividade.

2.3.1. Teorias da Motivação

Para entendermos a motivação devemos tentar compreender as teorias que se propõem a explicá-la, bem como os conceitos que estabelecem o termo (Roberts, 2001):

- Freud (1953), fazendo referência à sua primeira publicação em 1900, apresenta uma abordagem psicanalítica evidenciada na teoria da psicodinâmica, onde se compreende que a motivação é um “drive”, o desejo (termo eminentemente psicanalítico) que surge internamente de processos inconscientes, filogenéticos, derivados de pulsões e externamente rumo ao objeto erotizado, ou seja, objeto e/ou meta potencial. Assim sendo a motivação é uma função interna ou externa de aproximação ao desejo, tornando-se um fator potenciador quando alcançado e um fator redutor e/ou patológico quando inibido.

- McClelland e Atkinson (1948) elaboraram a teoria da motivação para a realização, tentando determinar a magnitude, a direção e o comportamento no domínio das atividades humanas. Esta teoria aplica-se somente quando um indivíduo sabe que o seu desempenho será avaliado por ele próprio, ou, por outra pessoa, sendo o resultado desta ação favorável quando se atinge os objetivos (sucesso), ou será desfavorável quando não se atinge o objetivo desejado (fracasso).

- Skinner (1953) apoia-se no condicionamento para determinar a continuidade do comportamento, assim, delineou que a motivação influenciada por estímulos distingue-se entre os sentidos de saciedade e privação, oriundos de forças biológicas ou vivências situacionais.

- Para Skinner, qualquer aparência de uma organização interna à personalidade não é atribuível a uma tendência integrativa presumida, mas sim ao facto de que as pessoas organizam e sistematizam as ocorrências relevantes que encontram em seus quotidianos (Ryan & Deci, 2002).

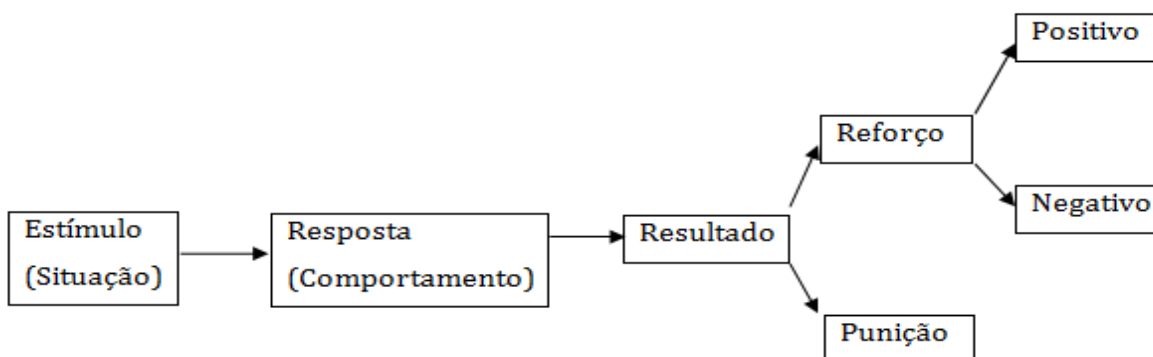


Figura 2 - Condicionamento Operante de Skinner (1953)

- A teoria de Maslow é uma das mais populares teorias da motivação na literatura. Publicada em 1954, o autor desenha um modelo determinado em função de necessidades. A teoria é organizada em formato de pirâmide, sendo que as necessidades das pessoas são hierarquicamente organizadas desde as mais básicas (fisiológicas) às mais complexas (auto-realização). As necessidades apresentadas na base devem ser cumulativamente satisfeitas, total ou parcialmente, para atingir as seguintes, até ao vértice, ou seja, para atender as necessidades de proteção e segurança, as necessidades fisiológicas precisam estar saciadas e assim sucessivamente, havendo necessidades de um equilíbrio para a progressão. Assim, existem cinco tipos de necessidades: necessidades fisiológicas; necessidades de proteção e segurança, necessidades de amor/pertença, necessidades de estima ou autoestima e necessidades de autorrealização. Essa conceção não procura apenas satisfazer necessidades físicas, mas o crescimento e desenvolvimento humano (Macagnan, 2013).



Figura 3 - Teoria de Hierarquização de Maslow (1954)

- A teoria de Herzberg, Mausner e Snyderman (1959), assenta em dois fatores: Fatores de Higiene e Fatores Motivacionais. Os fatores de higiene são de natureza contextual, no sentido das questões que cercam o trabalho, mas não são diretamente envolvidas no trabalho em si, por exemplo, salários, condições de trabalho, segurança no trabalho, benefícios extras, política empresarial, qualidade na relações interpessoais, que são similares as necessidades fisiológicas, necessidades de proteção e segurança, necessidades de amor/pertença de Maslow (1954). Se eles não são satisfeitos, esta deficiência atua como bloqueio na motivação de um indivíduo ou grupo. Já os fatores motivacionais são relacionados com o conteúdo do próprio trabalho, por exemplo, realização, reconhecimento, responsabilidades, crescimento e desenvolvimento pessoal. Estes, quando estão presentes, geram bons sentimentos e

atuam como motivadores, sendo similares as necessidades de estima e necessidades de auto-realização de Maslow (1954).

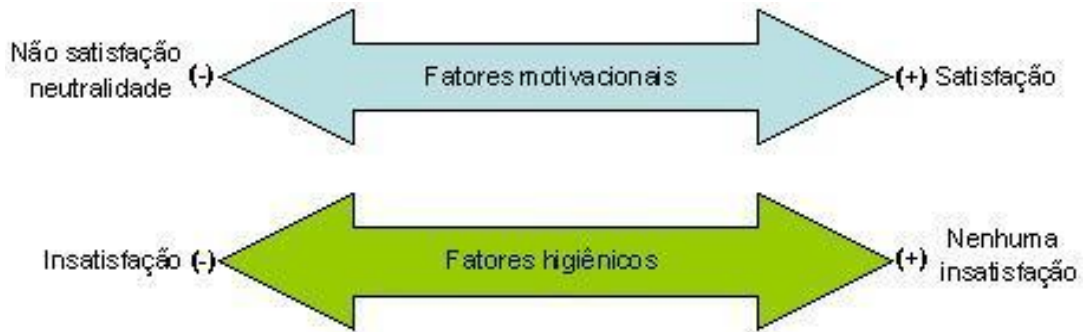


Figura 4 - Teoria da Motivação de Herzberg, Mausner, e Snyderman (1959)

- Lewin (1936) e Heider (1958) desenvolveram abordagens complexas acerca do comportamento motivado, que integram preferências e afetos, bem como crenças e deduções como determinantes dos julgamentos e comportamentos de um indivíduo (Macagnan, 2013). Segundo Lewin (1936), o comportamento resulta de forças internas e externas no campo de ação, que direciona as atividades individuais.



Figura 5 - Ciclo Motivacional de Lewin (1936)

- Heider (1958) descreve os fatores que podem influenciar as nossas atribuições sobre a causa do comportamento das pessoas e apresenta de que forma o modo que cada um interpreta o comportamento dos outros e direciona as próprias reações a isto.

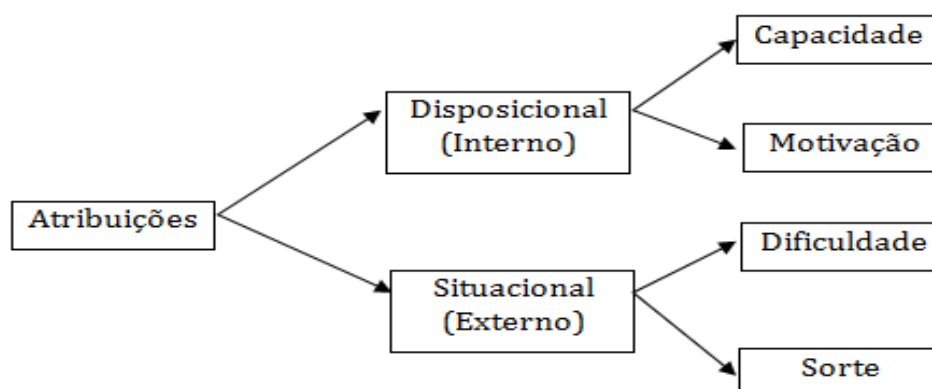


Figura 6 - Teoria da Atribuição de Heider (1958)

- Os estudos de Lewin (1936) e Heider (1958) contribuíram para a estruturação de modelos de estudo acerca dos processos sociocognitivos relacionados com a motivação. Nessa relação a abordagem sociocognitiva tem impulsionado as pesquisas sobre a motivação e ao longo dos últimos anos, produziu alguns conhecimentos valiosos na equação motivacional. O Desejo de manter relações pessoais e de amizade (Heckhausen & Dweck, 1998).

- McClelland (1961), desenvolve a teoria das necessidades adquiridas, que parte do princípio de que as pessoas são motivadas por três necessidades básicas, a realização, a associação e o poder. Essas necessidades são desenvolvidas pelo indivíduo a partir da sua experiência de vida e de suas interações com outros indivíduos e com o ambiente:

Tabela 2 - Teoria das Necessidades Adquiridas de McClelland (1961)

NECESSIDADES	MEIO PARA OBTER A SATISFAÇÃO
Realização	Competir como forma de auto-avaliação
Associação	Relacionar-se cordial e afetuosamente
Poder	Exercer influência

- A teoria Existence, Relatedness e Growth (ERG) de Alderfer (1969), tem por base a teoria de hierarquização de Maslow (1954), contudo, ao contrário da teoria de hierarquização de Maslow (1954), que um indivíduo fica num certo nível de necessidades até que esta necessidade seja satisfeita, na teoria de Alderfer (1969), se uma necessidade não for satisfeita, o indivíduo poderá regressar a outros níveis de necessidades que pareçam ser mais simples de satisfazer. A teoria ERG é ordenada

em três categorias de necessidades, a necessidade de existência, a necessidade de relacionamento e a necessidade de crescimento.

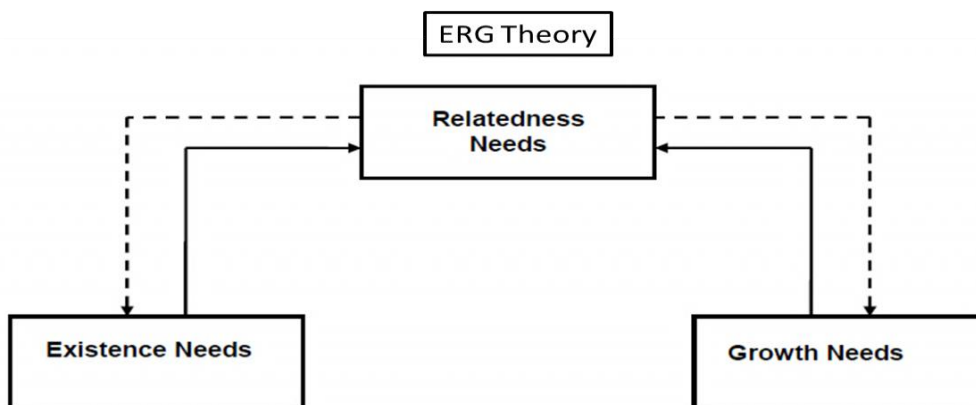


Figura 7 - Teoria ERG de Alderfer (1969)

- Na abordagem sociocognitiva de Bandura (1986), as pessoas não são apenas impulsionadas por forças internas e nem automaticamente moldadas ou controladas por estímulos externos, ou seja, as pessoas avaliam os seus comportamentos, cognições e acontecimentos ambientais de um modo recíproco e integrado, em mútua influência. Bandura, citado por Biddle (1999), afirma que, outra característica distinta da teoria sociocognitiva é o papel central que atribui a auto-regulação da motivação, ou seja, as pessoas não se comportam apenas para atender as preferências dos outros, muito desse comportamento é motivado e regulado por padrões internos e pela, auto-avaliação.

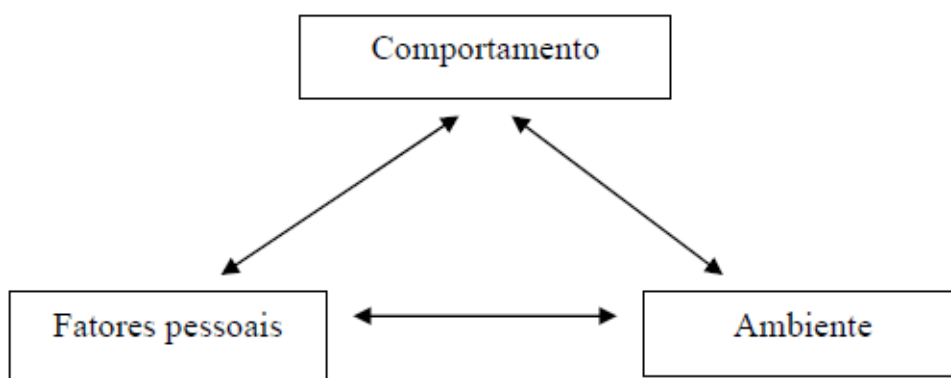


Figura 8 - Teoria Social Cognitiva de Bandura (Pajares & Olaz, 2008)

- Berl e Williamson (1987) apontam duas correntes de pensamento sobre as teorias da motivação. A primeira teoria é a teoria do processo, esta procura explicar os processos ou mecanismos que permitem pessoas escolherem entre caminhos alternativos de ação, o grau de esforço despendido e a persistência ao longo do tempo. Esta teoria tem influência da teoria da unidade de Hull (1952), da teoria do condicionamento operante de Skinner (1953), da teoria da equidade de Adams (1963) e da teoria da expectativa de Vroom (1964). A segunda teoria é a teoria do conteúdo, preocupada com o que desperta ou inicia o comportamento, esta teoria baseia-se na teoria de hierarquização de Maslow (1954) e na teoria da motivação de Herzberg et al. (1959).

- A teoria de Vroom (1995) é a mais conhecida dentro da psicologia industrial e organizacional (Calvo, 2007). Esta teoria é construída em função da relação entre três variáveis, valor, instrumentalidade e expectativa, referentes a um determinado objetivo, quando aplicada no desporto, significa que um atleta está motivado para realizar um esforço considerado, quando acredita que graças a ele chega a um bom desempenho, esse desempenho conduzirá a recompensas por parte do clube/organização, essas recompensas vão satisfazer os seus objetivos pessoais (Antón & Rodríguez, 2012).

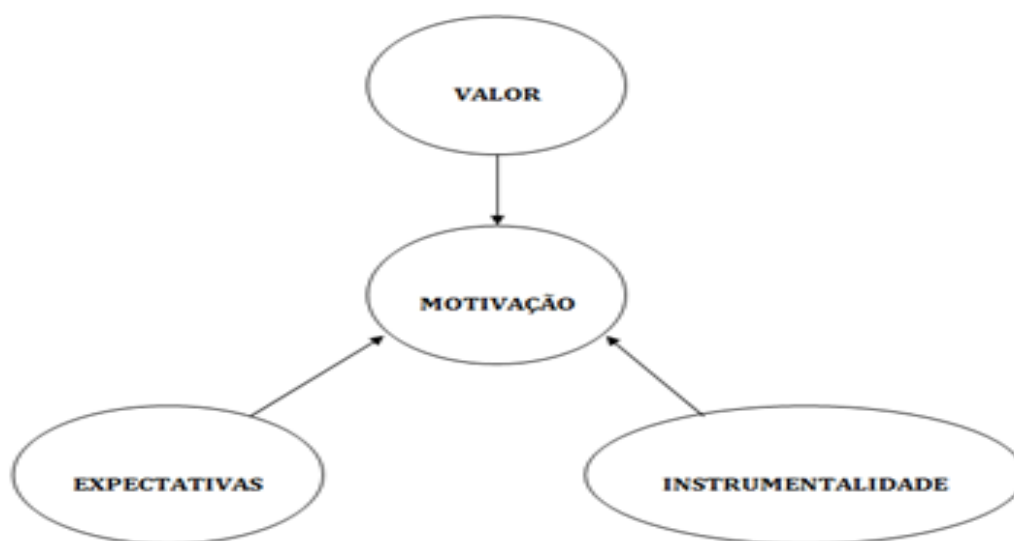


Figura 9 - A Teoria da Expectativa de Vroom (1995)

2.3.2. Influência das Variáveis Género e Idade na Motivação para a Prática Desportiva

Segundo Fonseca (1995), os motivos que levam os atletas à prática desportiva de uma modalidade desportiva parecem ser influenciados por algumas das suas características, como a idade, o género, o tipo de desporto praticado, os anos de prática, a habilidade/competência, a raça e o estatuto, também Koivula (1999) refere que os motivos para a participação no desporto são influenciados pelas características descritas por Fonseca (1995). É afirmado por Biddle (1993), que os rapazes e as raparigas atribuem as causas para os seus resultados desportivos de forma diferente. Para Sallis (1993), as raparigas entre os seis e os dezasseis anos de idade, são 15 a 25% menos ativas que os rapazes e por cada ano que passa, tendem a reduzir a AF em 7,4%. Sallis, Prochaska, e Taylor (2000), referenciam num estudo realizado, que um dos fatores de influência da AF, em jovens dos 13 aos 18 anos, foi o género e a idade. No que diz respeito ao género, os rapazes eram mais ativos que as raparigas. Quanto à idade verificou-se uma associação fortemente negativa entre a idade e a AF, porém, apenas para o período da adolescência.

No que diz respeito as diferenças existentes na motivação para a prática desportiva relativamente à idade, podemos dizer que, as pessoas adultas podem ter prioridades diferentes aos jovens, logo estão motivadas para o exercício por diferentes fatores (Campbell, Macauley, McCrum, & Evans, 2001). Num estudo com 916 participantes em atividades desportivas, dos 16 anos aos 74 anos de idade, encontraram várias diferenças entre jovens e adultos no que diz respeito aos motivos para a prática desportiva. Enquanto para os mais novos os motivos para a prática desportiva são o divertimento e aprendizagem de novas técnicas”, para os mais velhos as razões pelo qual aderem à AF são a saúde e a forma física (Campbell et al., 2001). Segundo Weinberg et al. (2000), os motivos para a participação numa variedade de desportos e atividades físicas diferem com a idade, pois, enquanto os mais jovens são motivados pelo divertimento e aprendizagem de novas técnicas, os mais velhos são motivados pela saúde, forma física e o relaxamento.

Em Portugal, um estudo realizado por Fonseca e Maia (2000), com 1816 jovens praticantes federados de várias modalidades desportivas, que mostram que os indivíduos mais novos atribuem valores mais altos a todos os motivos. Nunes (1995) realizou um estudo sobre os motivos da participação desportiva de 46 jovens futebolistas de diferentes idades, acabando por verificar que os motivos mais importantes para idades de 13 anos e 14 anos eram a aptidão física e as atividades de grupo. Para os futebolistas com idade de 17 anos e 18 anos, verificou que os motivos era a possibilidade de desenvolver as capacidades físicas, a ambição desportiva e o estar com os amigos.

Ao longo da história, os aspetos culturais relegaram frequentemente os indivíduos do género feminino para uma situação de segundo plano, em relação aos homens,

nomeadamente, em questões relacionadas com o acesso ao desporto, dificultando-o, ou até mesmo, impedindo determinadas práticas. Os conceitos culturais subjacentes à ideia de que determinadas modalidades desportivas são mais adequadas a um dos géneros que ao outro, prejudicam também os rapazes, porque os impedem de vivenciar determinadas experiências motoras que lhes permitiriam um melhor conhecimento de si próprios e um desenvolvimento psicomotor mais apurado (Marques, 2002). As determinações genéticas e hormonais estão na essência da formação do indivíduo. No meio intra-uterino, através das junções de determinados cromossomas sexuais, forma-se um feto que por sua vez se vai transformar numa mulher ou num homem. Estas predeterminações fisiológicas terão muita importância para o indivíduo, pois a sua “bagagem” genética origina a formação de seres com características únicas. Contudo, existirão algumas características comuns que irão determinar a pertença à espécie humana (como, por exemplo, existência de barba nos homens ou de peito nas mulheres), que nos farão pertencer a um determinado género (masculino ou feminino). O género não é sinónimo do sexo biológico, é muito mais do que biologia e não é certamente uma dicotomia unidirecional. O género implica perceções de género e estereótipos, papéis e expectativas, estilos interpessoais e relações sociais (Gill, 2002).

Para Ostrow, Jones, e Spiker (1981), a participação nas atividades físicas e desportivas é considerada como mais apropriada ao papel masculino do que ao feminino em adultos dos 20 aos 80 anos. Segundo Pomar (1997), o género influencia a seleção das atividades e o número de raparigas envolvidas no desporto. A maioria das atividades físicas e desportivas são consideradas apropriadas ao género masculino e esta perceção do nível de apropriação ao género da atividade influencia a perceção da própria competência nessas atividades, as raparigas poderão manifestar uma perceção inferiorizada da sua competência para o desempenho dessas atividades, o que se repercutirá na sua motivação para a participação nesse tipo de atividades os modelos desportivos mais difundidos pelos meios de comunicação social, apresentam os homens como os únicos protagonistas dos desportos socialmente mais valorizados, este fator, leva a que muitas raparigas não se identifiquem com a maioria das modalidades. A imagem da mulher que não transpira, bem penteada, de roupa impecável, não se coaduna com as atividades que exigem mais movimento. Confrontadas com o dilema, entre avançar e praticar desporto, ou, atentar contra as suas (por vezes) frágeis identidades corporais, muitas jovens, especialmente a partir da puberdade, escolhem a última opção (Trigueiros, Trigueiros, Martinez, Colmenares, Monge, & Alvarez, 2001).

Campbell e Warren (1999) fazem referência, que existem diferenças nos níveis de AF entre os dois géneros, por natureza. Os menores níveis de AF das raparigas parecem ser devidas a diferenças biológicas, agravadas através do tempo, pelas forças culturais, sociais e educacionais do seu envolvimento. Segundo Rice (2000), o meio prescreve como deverá ser o comportamento e as atitudes do homem ou da mulher, que surgem não só a partir das conceções genéticas, mas também pelas forças

psicológicas que moldam e influenciam a sua personalidade. Os resultados dos estudos de Thomas e French, realizados em 1985, acerca da *performance* motora, indicam que os rapazes apresentam maiores níveis de atividade motora (Thomas & Thomas, 1988). Numa revisão de estudos realizada por Sallis (1993), sobre os níveis de AF de sujeitos com idades compreendidas entre os 8 e os 16 anos, através de questionários, verificou diferenças de cerca de 14% entre os dois géneros. Os rapazes apresentaram-se mais ativos do que as raparigas. Mota e Sallis (2002) apresentaram resultados de uma análise de 108 estudos relacionados com os fatores que influenciam a AF em crianças e adolescentes, sendo que os jovens do género masculino eram mais ativos que os jovens do género feminino.

Para Fonseca (1993), os motivos que levam os jovens à prática de uma modalidade desportiva, parecem ser influenciados pelo género. Vários estudos revelam diferenças na participação em atividades físicas entre os rapazes e as raparigas (Gonçalves, 2003). Fonseca e Maia (2000) referem que enquanto as raparigas atribuem valores significativamente mais elevados às causas relacionadas com a motivação/esforço relativamente aos rapazes. Os indivíduos do género masculino valorizam mais as causas relativas à competência e aos fatores externos (Fonseca & Maia, 2000).

Um estudo realizado por Weinberg et al. (2000), sobre a existência de diferenças nos motivos para a participação de desporto de competição, em função do género, revelou que os motivos mais importantes das raparigas eram o divertimento, a forma física e o trabalhar em equipa, enquanto os motivos para os rapazes eram a competição e o estatuto. Fonseca e Maia (2000) apresentam resultados de um estudo que sobre a motivação dos jovens para a prática desportiva federada, em que a motivação dos rapazes é o confronto/competição, enquanto as raparigas, a motivação para a prática desportiva são de ordem social ou afiliativa. Freitas (1997) apresentou o resultado de uma investigação de 187 futebolistas do género masculino, em que os principais motivos das crianças e jovens para a prática desportiva foram a melhoria das capacidades físicas, a competição e a afiliação. Os motivos menos referidos foram o estatuto e as emoções.

2.4. Estado da Arte

Uma das etapas importantes de um trabalho científico é o designado estado da arte, em que se deve aludir ao que já foi desenvolvido e investigado sobre a temática em causa, precavendo a perda de tempo com indagações supérfluas e auxiliando no desenvolvimento de novos conceitos, axiomas, e paradigmas. Apresenta-se como uma tarefa complexa, devendo ser crítica e reflexiva sobre a informação recolhida, relacionando-a com a temática em estudo, criando um texto original, argumentativo e com conclusões adquiridas a partir da reflexão (Bennett, Campbell, Hogarth, & Lubben, 2005).

Neste sentido, no âmbito de uma contextualização do presente estudo consideramos pertinente que fosse realizado um levantamento de estudos realizados sobre a temática desta investigação de modo a percebermos o que tem sido realizado e concluído pelos autores desta área. Deste modo procederemos à devida apresentação desses mesmos estudos de forma sucinta.

O PMQ constitui-se, desde a sua publicação, como um instrumento psicométrico muito utilizado pelos investigadores para avaliar os motivos que levam os jovens à prática desportiva (Fonseca, 1993).

Gill et al. (1983) desenvolveram um estudo piloto aplicado a 1500 indivíduos, de forma a recolherem as suas opiniões acerca das razões para a prática desportiva. O resultado das entrevistas conduziu posteriormente à elaboração de um inquérito com 37 itens, que depois de aplicado a uma amostra de 51 indivíduos se fixou na versão final de um questionário com 30 itens, cada um deles comportando um motivo possível para o envolvimento desportivo. O PMQ foi depois aplicado a uma amostra de 1138 jovens atletas, de diversas modalidades com idades compreendidas entre os 8 e os 18 anos (Rebelo, 1999).

Figura 10 - Resumo do estudo de Gill, Gross e Huddleston (1983) (Rebelo,1999)

Autor	Gill, Gross e Huddleston
Ano	1983
País	Estados Unidos da América
Amostra	1138 Atletas de diversos deportes entre os 8 e os 18 anos em que 720 eram rapazes e 418 eram raparigas
Motivos Mais Importantes	<ul style="list-style-type: none"> • Melhorar habilidades • Divertimento • Aprender novas habilidades • Desafio • Estar fisicamente em forma
Motivos Menos Importantes	<ul style="list-style-type: none"> • Libertar energia • Influencia dos amigos • Viajar • Libertar tensão • Ser popular
Diferença entre grupos	Os rapazes atribuíram mais importância que as raparigas aos fatores de realização e estatuto

Este estudo foi considerado como um dos mais relevantes na área da psicologia desportiva e extremamente citado pelos investigadores nacionais e internacionais na avaliação dos motivos para a prática desportiva (Cruz, 1996).

A nível internacional, foram utilizadas várias versões de questionários que permitiam avaliar a motivação para a prática desportiva em diversos contextos, sendo que os estudos tiveram uma maior incidência nos países anglófonos.

Posteriormente foi utilizado e validado o PMQ, não tendo sido as alterações à versão original, estruturalmente significativas (Rebelo, 1999). Alguns desses estudos são:

- Alderman e Wood (1976) realizaram um estudo sobre os motivos para a prática de hóquei no gelo com 425 atletas com idades compreendidas entre os 11 e 24 anos. Os motivos mais importantes indicados nesse estudo foram a “afiliação”, a “excelência”, a “excitação”, o “stress” e o “sucesso”;

- Meuris em 1977 realizou na Bélgica um estudo sobre a motivação para a prática de diversas modalidades desportivas com 1512 atletas de idades entre os 12 e os 18 anos. Os motivos mais importantes encontrados foram o “prazer”, a “saúde”, a “higiene”, a “forma física”, a “diversão” e o “bem-estar” (Cruz, 1996);

- No Canadá, Alderman (1978) apresentou o resultado de um estudo feito com 2000 atletas, com idades entre os 11 e 18 anos, sobre o motivo da prática de diversas modalidades desportivas. Os motivos mais referenciados foram a “afiliação”, a “excelência”, a “excitação”, o “stress” e o “sucesso”;

- Também Alderman e Wood (1976) verificaram resultados semelhantes ao estudo anterior;

- Fry, McClements e Sefton (1981), com base no estudo feito por Alderman e Wood (1976), realizaram uma investigação no Canadá, com crianças e jovens com idades entre os 8 e 16 anos, sobre os motivos para a prática de hóquei no gelo. Os motivos mais evidenciados foram o “divertimento”, “vir a ser um bom jogador”, “viajar”, “fazer novos amigos”, “ganhar” e “praticar exercício físico”;

- Griffin em 1978 realizou um estudo nos Estados Unidos da América, com 531 atletas de futebol, com idades compreendidas entre os 9 e os 15 anos, com o intuito de analisar os motivos mais importantes que levavam os jovens para a prática desportiva no futebol. O “divertimento”, o “estar em forma”, o “conhecer novos amigos”, o “trabalhar em equipa” e o “aprender a jogar”, foram os motivos mais indicados (Ferreira, 1999);

- Também nos Estados Unidos da América, Sapp e Haubenstricker (1978), realizaram uma investigação sobre os motivos da prática desportiva fora do contexto escolar, com jovens de idades entre os 11 e 18 anos. Os motivos apresentados foram o “divertimento”, o “desenvolvimento de competências” e a “saúde”;

- Na Austrália, Robertson (1981), desenvolveu uma investigação sobre a motivação para a prática desportiva no âmbito escolar, com 1288 crianças de 12 anos de idade. Os motivos mais relevantes foram o “divertimento”, a “sensação de se sentir bem fisicamente”, o “prazer”, o “ganhar”, o “jogar bem” e o “sucesso”;

- No Canadá, Wankel e Pabich (1981), realizaram um estudo com 132 crianças de idades compreendidas entre os 8 e 12 anos, com o intuito de verificarem os motivos da prática de diversas modalidades desportivas. Os motivos com mais relevo foram o “desenvolvimento das suas capacidades técnicas”, a “sensação de realização”, o “divertimento” e o “prazer”;

- Petlichkoff (1982) desenvolveu uma investigação nos Estados Unidos da América, sobre os motivos da prática desportiva na escola, com crianças e jovens de idades entre os 12 e 18 anos. Os motivos mais referenciados foram o “sucesso”, a “excelência”, a “afiliação” e a “excitação”;

- Gill et al. (1983) investigaram os motivos para a prática desportiva em várias modalidades desportivas. A investigação foi aplicada nos Estados Unidos da América a 1138 atletas com idades entre os 12 e 18 anos. Os motivos mais relevantes por parte dos rapazes foram o “desenvolvimento de competências”, o “desafio”, a “competição”, o “divertimento” e a “aprendizagem de novas competências”. Quanto às raparigas, os motivos mais relevantes foram o “desenvolvimento de competências”, o “divertimento”, a “aprendizagem de novas competências”, o “sentir-se bem” e o “desafio”;

- Por sua vez, Gould, Feltz e Weiss (1985), também nos Estados Unidos da América, realizaram um estudo com o intuito de saber quais os motivos da escolha da natação como prática desportiva. O estudo foi realizado com 365 crianças e jovens com idades entre os 8 e 19 anos. Os motivos mais importantes indicados pelos rapazes foram o “divertimento”, a “saúde”, a “atmosfera de equipa”, o “desenvolvimento de competências” e o “desafio”. Por sua vez as raparigas indicaram como motivos mais importantes a “saúde”, o “divertimento”, a “amizade” e “algo para fazer”. Os atletas mais novos indicaram como motivos mais importantes na escolha da natação como prática desportiva, a “influência dos pais”, a “influência dos amigos”, os “equipamentos”, o “gostar do treinador” e o “fazer algo”;

- Klint e Weiss (1987) desenvolveram uma investigação nos Estados Unidos da América sobre os motivos da escolha da Ginástica Artística como prática desportiva. A investigação foi desenvolvida com a participação de 67 crianças e jovens entre os 8 e 16 anos. Os motivos mais evidenciados foram o “aprender novas competências”, o “competir ao mais alto nível”, o “desenvolver as suas competências”, o “estar em forma”, o “adquirir a forma”, o “estar fisicamente ativo”, o “desafio” e o “divertimento”;

- Na Austrália, Longhurst e Spink (1987), desenvolveram a sua investigação sobre a motivação de crianças e jovens com idades compreendidas entre os 8 e 18 anos para a prática desportiva do Cricket, Netball, Atletismo e Natação. Na investigação foram inquiridos 404 crianças e jovens sendo que os rapazes indicaram que os principais motivos para a prática das diferentes modalidades eram o “desenvolvimento de competências”, o “estar bem fisicamente”, o “competir”, o “desafio” e o “aprender novas técnicas”. Por sua vez as raparigas indicaram que o “desenvolvimento de competências”, o “competir”, o “aprender novas competências”, o “estar bem fisicamente” e o “desafio” eram os principais motivos para a prática;

- Brodtkin e Weiss (1990) efetuaram uma investigação nos Estados Unidos da América, com praticantes de natação de vários escalões etários com o intuito de saber qual o motivo da escolha da Natação como prática desportiva. No estudo participaram

100 praticantes com idades entre os 6 e 74 anos. Os resultados da instigação foram os seguintes, atletas dos 6 aos 9 anos em relação atletas dos 10 aos 74 anos, indicaram valores mais elevados para a “competição”. Os atletas dos 40 aos 74 anos, em relação atletas dos 6 aos 39 anos valorizaram o motivo “estar com os amigos”. Os atletas dos 15 aos 22 anos, em relação atletas dos 10 aos 14 anos e dos 23 aos 59 anos, enfatizaram o “estatuto social”. Os atletas dos 6 aos 14 anos valorizam o motivo “pessoas importantes”, relativamente aos atletas dos 15 aos 74 anos e atletas dos 6 aos 9 anos. Por último os atletas dos 60 aos 74 anos em relação aos atletas dos 10 aos 59 anos indicaram o “divertimento”;

- Na Itália, Buonamano, Cei e Mussino (1993), efetuaram uma investigação com 2589 crianças e jovens com idades compreendidas entre os 9 e os 18 anos sobre a motivação para a prática de diversas modalidades desportivas. Os motivos com maior relevo por parte dos rapazes foram o “prazer”, a “necessidade de divertimento de jogar”, o de “passar momentos agradáveis”, o “estar bem de saúde”, o “estar em forma”, o “estar com os amigos” e a “realização”. Quanto as raparigas os motivos mais evidenciados foram a “aprendizagem de novas competências”, o “estar em forma”, o “apoio da família para a prática desportiva”, a “influencia dos amigos para a prática desportiva”, a “influencia dos treinadores”, e os “equipamentos disponibilizados em cada prática desportiva”;

- Thill e Brunel (1995) realizaram um estudo com jogadores de futebol profissional da primeira e segunda liga francesa. O estudo consistia em que os atletas executassem uma série de penaltis para uma baliza dividida em seis compartimentos e em seguida responder ao questionário “Task-Specific Motivational Questionnaire”, que procurava determinar sob o ponto de vista do atleta, os motivos que conduzem ao sucesso do remate. Os resultados apresentados mostram que os atletas estão mais interessados em “fazer o seu melhor” sem ter em consideração o desempenho dos outros;

- Na Austrália, Sutherland e Morris (1997), desenvolveram uma investigação sobre os motivos da prática desportiva na escola, com o intuito de saber qual o motivo para a prática desportiva na escola por parte de 293 jovens entre os 13 e 15 anos de idade. Os motivos mais indicados pelos rapazes foram a “competição”, o “desafio” e o “estatuto”, as raparigas indicaram a “saúde”, a “aparência” e a “forma física” como motivos mais importantes;

- Em Portugal, uma das primeiras versões traduzidas e adaptadas do PMQ, utilizado na avaliação dos motivos dos jovens para a prática desportiva em juvenis masculinos de Andebol, na região de Braga, foi desenvolvido por Cruz e Cunha (1986), designado por Questionário de Motivação para a Prática Desportiva (QMPD) (Rebello, 1999). Outra adaptação do PMQ, foi o QMAD, desenvolvido por Serpa e Frias (1990), que foi utilizado e aplicado na nossa investigação;

- Em Portugal, na zona de Braga, Cruz e Costa (1988), desenvolveram um estudo em que procuravam saber qual os motivos para a prática desportiva das modalidades

desportivas Voleibol e Andebol. Nesse estudo participaram 108 atletas com idades entre os 15 e 34 anos. Os motivos mais indicados foram o “estar em forma física”, o “desenvolvimento de competências”, a “orientação para a equipa” e o “divertimento”;

- Também em Braga, Cruz, Costa, Rodrigues e Ribeiro (1988), efetuaram um estudo sobre os motivos para a prática da modalidade desportiva Andebol, com atletas de idades compreendidas entre os 15 e 34 anos. Os motivos mais referenciados foram a “forma física”, o “desenvolvimento de competências” e o “divertimento”;

- Cruz e Viana (1989), também em Braga desenvolveram um estudo em que procuravam saber qual os motivos para a prática desportiva das modalidades desportivas Voleibol e Andebol. Nesse estudo participaram 198 atletas de diferentes faixas etárias, com idades entre os 13 e 60 anos. Os motivos mais indicados foram a “realização”, o “estatuto”, o “desenvolvimento de competências”, a “saúde”, a “excitação”, o “descarga de energias”, o “divertimento” e a “recreação”;

- Cruz e Cunha (1990) realizaram uma investigação com 29 atletas de Andebol da região de Braga com idades entre os 14 e 16 anos, com o intuito de averiguar qual a motivação para a prática desta modalidade desportiva. Os motivos de maior relevo foram o “desenvolvimento de capacidades”, a “forma física” e a “orientação para a equipa”;

- Em Lisboa, Frias e Serpa (1991), desenvolveram o seu estudo sobre a motivação para a atividade desportiva Ginástica. No seu estudo foram inquiridos 237 atletas de diversas faixas etárias em que a idade estava compreendida entre os 15 e 60 anos. Os motivos com maior resposta foram a “condição física”, o “estar com os amigos” e o “estar em grupo”;

- No Porto, Costa (1991), realizou um estudo com 101 atletas de idades entre os 12 e 14 anos praticantes da modalidade desportiva Voleibol com o intuito de averiguar a motivação para a prática desta modalidade desportiva. Os motivos mais respondidos foram o “trabalhar em equipa”, o “espírito de equipa”, o “melhorar as capacidades físicas” e o “estar em boa condição física”;

- Ribeiro (1991) realizou uma investigação no Porto com vários praticantes de Ginástica Artística em Trampolins sobre a motivação para a sua prática desportiva. Os motivos mais relevantes apresentados pelos praticantes foram o “desenvolvimento de competências” e a “condição física”;

- Serpa (1992) desenvolveu o seu estudo sobre a motivação da prática desportiva no contexto escolar na região de Lisboa. No seu estudo participaram 175 alunos com idades entre os 10 e 15 anos em que os motivos mais importantes foram o “estar em boa condição física”, o “trabalho em equipa”, o “aprender novas técnicas”, o “espírito de equipa”, o “fazer exercício” e o “manter a forma”;

- No Porto, Fonseca e Fontainhas (1993), desenvolveram um estudo sobre os motivos para a prática desportiva de Ginástica Artística com 55 crianças e jovens de

idades compreendidas entre os 6 e 18 anos. Os motivos de maior relevo foram o “desenvolvimento de competências” e a “condição física”;

- Também na região do Porto, Pimentel (1993), realizou uma investigação com 216 atletas da modalidade desportiva Basquetebol com o intuito de averiguar os motivos que levam à sua prática. Os motivos que mais evidenciados pelos atletas foram o “espírito de equipa”, o “ganhar”, o “trabalho em grupo”, o “atingir um nível desportivo mais elevado”, o “praticar AF” e o “aprender novas técnicas”;

- Batista (1993) efetuou uma investigação na região do Porto para saber os motivos para a prática desportiva na escola. Na sua investigação colaboraram 140 alunos com idades entre os 14 e 20 anos em que os motivos mais enfocados foram a “aptidão física”, a “atividade em grupo” e o “divertimento”;

- Fonseca e Ribeiro (1994) realizaram um estudo no Porto com 14 praticantes de Ginástica Artística em Trampolins com idades de 12 e 13 anos, sobre os motivos que levam à prática da modalidade desportiva. Os motivos mais referidos foram a “afiliação”, o “desenvolvimento de capacidades técnicas” e o “divertimento”;

- Também no Porto, Rego (1995), efetuou uma investigação para saber os motivos para a prática desportiva na escola. Na sua investigação foram questionados 250 alunos com idades entre os 10 e 16 anos em que os motivos com maior resposta foram a “aptidão física” e as “atividades em grupo”;

- No Porto, Neves (1996), desenrolou a sua investigação na zona de Matosinhos com o intuito de saber os motivos para a prática desportiva na escola. Na sua investigação, contou com a participação de 406 alunos com idades compreendidas entre os 16 e 21 anos. Os motivos aos quais os alunos tiveram uma maior resposta foram o “estar em boa condição física”, o “manter a forma”, o “espírito de equipa”, o “divertimento”, o “fazer novas amizades” e o “trabalho em equipa”;

- Um estudo realizado por Freitas (1997), sobre o motivo do envolvimento desportivo com 187 futebolistas do género masculino, os principais motivos das crianças e jovens foram a “melhoria das capacidades físicas desportivas” e a “competição”, os motivos menos referidos foram o “relacionamento”, o “estatuto” e as “emoções”;

- Em Coimbra, Bonito (1998), efetuou um estudo para saber os motivos para a prática desportiva na escola. Na sua investigação participaram 296 alunos com idades entre os 11 e 19 anos em que os motivos mais respondidos foram o “desenvolvimento técnico”, a “competência”, a “afiliação” e a “forma física”;

- Fonseca e Maia (2000) realizaram uma investigação sobre os motivos para a prática de uma atividade desportiva competitiva, contando na investigação com a participação de 1816 atletas federados da zona Norte e Centro, com idades compreendidas entre 10 e 18 anos. Os motivos mais importantes apontados pelos jovens pertencentes à amostra foram, as “emoções”, o “prazer”, o “desenvolvimento

de competências”, a “forma física”, a “competição”, a “afiliação geral” e a “afiliação específica”. O “estatuto” foi o motivo menos apontado pelos jovens atletas;

- Cid (2002) investigou “A alteração dos motivos para a prática desportiva das crianças e jovens” em Portugal utilizando o QMAD. Teve como amostra 125 sujeitos do género masculino, estudantes do 10^o ao 12^o ano de escolaridade. Verificou-se que os motivos mais importantes para a prática desportiva dos sujeitos dessa investigação estão intimamente relacionados com os aspetos motivacionais intrínsecos (manter a forma, estar em boa condição física e prazer e divertimento). No que se referem aos motivos menos importantes, os resultados obtidos revelaram um carácter predominantemente extrínseco, sendo as razões principais encontradas (viajar, influência da família e amigos, influência dos treinadores, receber prémios, pretexto para sair de casa, ser conhecido, ter a sensação de ser importante e ser reconhecido e ter prestígio), os quais Cid revelou ser muito semelhantes aquelas que são apontadas nos estudos realizados por outros investigadores;

- Sousa (2003) procurou verificar os motivos para a prática com 192 jovens futebolistas, com idades entre os 15 e 19 anos. Os resultados obtidos mostram que os motivos mais importantes eram a “competência técnica”, a “competição” e a “afiliação”, os motivos menos importantes foram o “estatuto” e as “emoções”;

- Numa pesquisa feita por Silva, Figueiredo e Gonçalves (2003), com 797 sujeitos em que 410 eram raparigas e 387 rapazes, com idades compreendidas entre os 15 e 18 anos, estudantes de 15 estabelecimentos do Ensino Secundário, de 10 concelhos do distrito de Coimbra, extraíram 6 componentes principais da aplicação do QMAD, como sendo os motivos mais importantes referidos pelos sujeitos. Assim sendo as componentes mais importantes indicadas foram a “realização/estatuto”, onde se destacavam os itens, “ser reconhecido e ter prestígio”, “ser conhecido”, “ter a sensação de ser importante” e “receber prémios”; “objetivos desportivos”, emergindo da agregação dos itens “estar em boa condição física”, “manter a forma”, “atingir um nível desportivo mais elevado”, “melhorar as capacidades técnicas”; a “orientação para o grupo”, resultou de apenas dois itens: “trabalhar em equipa” e “espírito de equipa”; a “exercitação”, representada pelos itens “descarregar energias” e “libertar a tensão”; O divertimento, sendo composto pelos itens do “desejo de divertimento”, “estar com os amigos”, “fazer novas amizades” e “viajar”; Por fim, a “influência social”, correspondendo aos itens, “influência do treinador”, “prazer na utilização de infraestruturas desportivas”, “influência da família e de amigos”;

- Estriga e Cunha (2003) investigaram os motivos de escolha e prática do andebol. A amostra foi constituída por 70 atletas de Andebol feminino, com idades compreendidas entre os 14 e 16 anos, que integravam as seleções regionais de andebol da Associação de Andebol do Porto, nas épocas 2001-2002 e 2002-2003. Verificou-se que a maioria pratica andebol, em primeiro lugar, por motivos competitivos e, depois, por motivos de “competência” e “afiliação geral”. Porém, uma análise mais detalhada aos valores médios das respostas revelou a seguinte ordem de

importância para os motivos em estudo: em primeiro aparece o “espírito de equipa”; seguidamente o “trabalhar em equipa”; logo de seguida o “fazer novas amizades”; em quarto, “atingir um nível desportivo mais elevado”; o “pertencer a um grupo” em quinto, em sexto lugar, o “divertimento”; o “entrar em competição” na sétima posição; o “ultrapassar desafios” em oitavo lugar; em nono lugar, o “fazer algo em que se é bom”; e por ultimo, o “fazer exercício”. Deste modo, os motivos centrados na “afiliação” pareceram ser muito importantes no comprometimento que as atletas têm para com a prática do andebol. O investigador conclui que esta é uma realidade que não é de todo inesperada, considerando as idades em estudo (Juvenis), referindo que na prática, observa-se que nestas idades as atletas desenvolvem relações de amizade muito importantes com o grupo e com o treinador, sendo frequente que as atletas recordem a sua equipa de Juvenis como referencial, o que em certa medida explica os resultados encontrados;

- Fernandes (2006) teve como objetivos de estudo explorar as razões que motivam os jovens à prática do Corfebol, e compreender a influência das diferentes motivações dos jovens nesta prática desportiva. A amostra foi constituída por 30 jovens, 15 do género masculino e 15 do género feminino, de um universo de 39 jovens a nível nacional que jogam na 1ª e 2ª divisão, respetivamente, com faixa etária entre os 15 e os 19 anos de idade. Utilizou-se o QMAD e os resultados apontaram para a existência de um vetor comum entre rapazes e raparigas quanto aos fatores motivacionais. O fator “divertimento” é o mais importante para os jovens, na generalidade. Os motivos relacionados com o “trabalho em grupo e em equipa”, a “diversão”, a “condição física” e o “sentimento de inclusão num dado grupo de referência”, foram neste estudo, considerados como os mais importantes, por parte dos jovens estudados;

- Gomes (2006) estudou os motivos para a prática, objetivos de realização e crenças quanto às causas de sucesso, de jovens dos 15 aos 19 anos de idade pertencentes a escalões de formação de futebol. Neste estudo conclui-se que, no que diz respeito aos motivos para a prática, os jovens futebolistas privilegiam os motivos associados à “competência técnica”, a “competição” e a “afiliação geral”. Por outro lado os motivos menos privilegiados são o “estatuto” e as “emoções”. No entanto, refere que o que leva os jovens a praticar futebol, não se restringe a um conjunto de motivos, mas sim, a uma ação conjugada de diversos tipos de motivos entre si. Relativamente ao estudo dos objetivos de realização dos jovens atletas, os valores encontrados no estudo levam a crer que existe uma maior orientação para a tarefa do que para o ego. No que concerne ao estudo das crenças quanto às causas de sucesso, conclui-se que a generalidade da amostra considera que as principais causas de sucesso estão associadas à motivação e esforço;

- Morouço (2006) em investigação que teve por objectivo descobrir os motivos de prática de Natação, aplicou o QMAD a 30 nadadores em Portugal filiados em nove clubes da Associação de Natação do distrito de Leiria. Os 30 nadadores, 16 eram raparigas e 14 eram rapazes, com idades compreendidas entre os 9 e 12 anos de

idade pertencentes ao escalão de cadetes. Os resultados obtidos indicavam o “desenvolvimento de competências” e a “afiliação geral” como as dimensões motivacionais mais importantes para a prática da natação e como menos importantes, os motivos relacionados com a “procura de um estatuto elevado perante os outros” foram os considerados pelos nadadores inquiridos como os menos importantes para a prática da Natação. Na conclusão do estudo afirmou-se ser natural que jovens praticantes de desportos competitivos integrados a clubes apresentem motivos relacionados à “técnica” e a “competitividade”;

- Costa (2008) apresentou um estudo sobre a motivação para a participação e abandono desportivo de jovens em idade escolar. O estudo teve como objectivo estudar o abandono de jovens, entre os 12 anos e 18 anos de idade, da prática do desporto escolar e federado. Foram desenvolvidos 5 estudos que procuraram saber (I) que motivos indicam os jovens para terem abandonado a prática desportiva federada, (II) porque pensam os jovens abandonar a prática desportiva federada, (III) porque pensam os jovens abandonar a prática do desporto escolar, (IV) saber quais as variáveis que melhor predizem a continuidade ou o abandono da prática desportiva federada e por ultimo, (V) saber quais as variáveis que melhor predizem a continuidade ou o abandono do desporto escolar. Conclui-se nos primeiros três estudos, (I) a falta de apoio da família/amigos, a pressão dos pais para estudarem, mais o conflito com o treinador e com outras atividades, (II) a mudança de clube associado ao desejo de evoluir, o conflito com os estudos e com outras atividades/interesses, (III) a mudança de escola/residência e o conflito com os estudos. Quanto ao 4º estudo revelou que os jovens que pretendiam continuar no desporto federado estavam mais intrinsecamente motivados, em relação ao 5º estudo, revelou que os jovens cuja intenção era continuar, estavam mais extrinsecamente motivados.

- Guimarães (2008) desenvolveu um estudo com a finalidade de estudar os motivos e comportamentos de liderança revelados pelo treinador de Andebol. Com este estudo conclui-se que os motivos para iniciar a carreira desportiva prendem-se com o gosto pelo andebol e ajuda aos atletas, enquanto aos motivos apontados para prosseguir a carreira desportiva com equipas masculinas, conclui-se que os motivos apontados são, o “desafio do treino”, “ser um trabalho”, o “divulgar e ensinar o andebol”, o “gosto pelo andebol” e a “possibilidade de dar continuidade ao trabalho das categorias anteriores”;

Capítulo III

Objeto de Estudo

3. Objeto de Estudo

3.1. Introdução

Com o intuito de abordar e simplificar as fases concetuais que estiveram na origem e constituíram a razão de ser desta investigação, neste capítulo procederemos à apresentação dos objetivos que se pretendem alcançar e respetivas questões de investigação, passando posteriormente para a formulação das hipóteses, particularizando as variáveis presentes nas hipóteses.

3.2. Objetivos e Questões de Investigação

3.2.1. Objetivo Geral do Estudo

O presente estudo pretende constatar as motivações pelas quais as crianças e jovens, de diferentes idades e de ambos os géneros, da região de Castelo e Branco e Coimbra escolhem o futebol como prática desportiva, analisando quais as categorias/dimensões que mais influenciam essas motivações.

3.2.2. Objetivos Específicos do Estudo

Identificar quais as motivações que as crianças e jovens, de diferentes idades e de ambos os géneros, das regiões de Castelo e Branco e Coimbra apresentam para a escolha do futebol como prática desportiva.

Verificar se existem diferenças ao nível das motivações pelas quais os sujeitos da amostra escolhem o futebol como prática desportiva, comparando os sujeitos do género masculino com os do género feminino.

Verificar se existem diferenças ao nível das motivações pelas quais os sujeitos da amostra escolhem o futebol como prática desportiva, comparando os sujeitos da região de Castelo Branco, com os sujeitos da região de Coimbra.

Verificar se existem diferenças ao nível das motivações pelas quais os sujeitos da amostra escolhem o futebol como prática desportiva, comparando os sujeitos dos distintos escalões etários, entre si.

3.2.3. O Problema

- Quais os motivos que as crianças e jovens da região de Castelo Branco e da região de Coimbra para a escolha do futebol como prática desportiva e quais as diferenças entre género, região e escalão etário?

A presente investigação pretende dar resposta às seguintes questões:

- Quais as motivações pelas quais as crianças e jovens, de diferentes idades e de ambos os géneros, das regiões de Castelo e Branco e Coimbra escolhem o futebol como prática desportiva?

- Será que existem diferenças estatisticamente significativas ao nível das motivações pelas quais os sujeitos da amostra escolhem o futebol como prática desportiva, comparando os sujeitos do género masculino com os do género feminino?

- Será que existem diferenças estatisticamente significativas ao nível das motivações pelas quais os sujeitos da amostra escolhem o futebol como prática desportiva, comparando os sujeitos da região de Castelo Branco, com os sujeitos da região de Coimbra?

- Será que existem diferenças estatisticamente significativas ao nível das motivações pelas quais os sujeitos da amostra escolhem o futebol como prática desportiva, comparando os sujeitos dos distintos escalões etários, entre si?

Desta forma, após termos ficado com uma conceção acerca do estado do trabalho referente ao domínio do tema em que se insere o presente estudo, das principais referências em que pretendemos abranger e apoiar o estudo e também acerca das variáveis e das relações que se poderão estabelecer entre elas, parece-nos exequível formular um conjunto de hipóteses que pretendemos verificar, ao longo da presente investigação.

3.3. As Hipóteses Fundamentais/Gerais

Antecedendo a enumeração das hipóteses, considerámos importante explicar o que levou à sua formulação. As hipóteses que apresentadas de seguida foram formuladas com base na revisão da literatura, de acordo com vários autores, Freitas (1997), Sousa (2003), Estriga e Cunha (2003), Fernandes (2006), Gomes (2006), Morouço (2006), Costa (2008).

Também a nossa sensibilidade e até experiência, foram determinantes para encaminharmos as hipóteses neste sentido. Para tentar dar resposta às questões levantadas ao longo do estudo, formulámos as seguintes hipóteses gerais:

Hipótese 1 – As motivações pelas quais as crianças e jovens, de diferentes idades e de ambos os géneros, da região de Castelo e Branco e Coimbra escolhem o futebol como prática desportiva, recaem sobre as categorias/ dimensões motivacionais: “Estatuo”, “Emoções”, “Prazer”, “Competição” e “Forma Física”.

Hipótese 2 – Existem diferenças estatisticamente significativas ao nível das motivações pelas quais os sujeitos da amostra escolhem o futebol como prática desportiva, comparando os sujeitos do género masculino com os do género feminino, apresentando os elementos do género masculino melhores indicadores motivacionais.

Hipótese 3 – Não existem diferenças estatisticamente significativas ao nível das motivações pelas quais os sujeitos da amostra escolhem o futebol como prática desportiva, comparando os sujeitos da região de Castelo Branco, com os sujeitos da região de Coimbra.

Hipótese 4 – Existem diferenças estatisticamente significativas ao nível das motivações pelas quais os sujeitos da amostra escolhem o futebol como prática desportiva, comparando os sujeitos dos distintos escalões etários, entre si, apresentando os sujeitos mais novos melhores indicadores motivacionais.

3.4. Variáveis do Estudo

Para Sousa (2005), variáveis em investigação são dados a que as hipóteses se referem, definindo as relações de causa e efeito que se espera suceder entre elas. Assim, com o intuito de melhorar a nossa investigação, introduzimos algumas

variáveis que permitiram uma maior e mais completa abordagem à temática de investigação. Desta forma, de acordo com Tuckman (2000), podemos identificar algumas destas variáveis presentes nas nossas hipóteses de estudo.

Variável Dependente

Consideram-se como variáveis dependentes aquelas que dependem dos procedimentos da investigação, conotando-se diretamente com as respostas que se procuram. São dados que se obtêm e que variam à medida que o investigador modifica as condições de investigação. Uma variável dependente é aquela que procura como resposta para a pergunta. Toda a investigação tem por objetivo chegar à variável dependente, ou seja, ao resultado obtido com os procedimentos da investigação (Sousa, 2005).

As variáveis dependentes no nosso estudo são:

- Motivação para a prática desportiva (categorias/dimensões motivacionais)

- As categorias/dimensões motivacionais são:

- ✓ O Estatuto;
- ✓ As Emoções;
- ✓ O Prazer;
- ✓ A Competição;
- ✓ A Forma Física;
- ✓ O Desenvolvimento de Competências;
- ✓ A Afiliação Geral;
- ✓ A Afiliação Específica.

Variáveis Independentes

Segundo Sousa (2005), as variáveis independentes serão aquelas que são independentes dos procedimentos da investigação, que não dependem da investigação, constituindo no entanto fatores determinantes que a vão influenciar, recorrendo o investigador à sua manipulação para observar os efeitos produzidos nas variáveis dependentes.

As variáveis independentes no nosso estudo são:

- Escalão Etário (Benjamins; Infantis; Iniciados; Juvenis; Juniores).
 - ✓ Benjamins (dos 8 anos aos 10 anos de idade);
 - ✓ Infantis (dos 11 anos aos 13 anos de idade);
 - ✓ Iniciados (dos 13 anos aos 15 anos de idade);
 - ✓ Juvenis (dos 15 anos aos 17 anos de idade);
 - ✓ Juniores (dos 17 anos aos 19 anos de idade).
- Género (masculino/feminino).
- Região/Zona País (Castelo Branco/Coimbra).

Variáveis Parasitas

As variáveis parasitas são variáveis exteriores à investigação que influenciam os seus resultados. Os autores denominam-nas de variáveis parasitas por interferirem negativamente nas relações entre as variáveis independentes e dependentes (Sousa, 2005).

As variáveis parasitas no nosso estudo são:

- Influência dos pais e familiares
- Experiências anteriores

Capítulo IV

Metodologia

4. Metodologia

4.1. Introdução

Neste capítulo descrevemos e explicaremos minuciosamente os procedimentos adotados neste estudo, para podermos encontrar as respostas para as questões formuladas e apresentar as respetivas conclusões. Trata-se, assim, de descrever o plano de investigação, sobre o qual pretendemos efetuar a investigação, a identificação dos sujeitos participantes, os métodos, técnicas e instrumentos de recolha e tratamento estatístico dos dados.

4.2. Amostra

Inicialmente a nossa investigação foi projetada para ser composta por uma amostra de 500 crianças e jovens dos 8 aos 19 anos de idade, praticantes da modalidade desportiva futebol, da região centro de Portugal, da zona de Castelo Branco e de Coimbra. Após o contacto com os clubes, com os treinadores, com os pais, com as crianças e jovens com o intuito de dar conhecer o nosso estudo e pedir a colaboração para a participação na nossa investigação por parte das crianças e jovens, nem todos mostraram abertura e disponibilidade para colaborar. Apesar desta condicionante, conseguimos distribuir 500 questionários, efetuando de seguida a recolha dos mesmos, contudo, alguns dos questionários distribuídos, não nos foram devolvidos por parte das crianças e jovens, pelo que, tivemos que reduzir o número da amostra devido às limitações temporais. Assim sendo a nossa amostra foi definida por 220 crianças e jovens dos 8 aos 19 anos de idade, praticantes da modalidade desportiva futebol, da região de Castelo Branco e da região de Coimbra.

Podemos verificar na tabela 3, uma caracterização geral da amostra. No que se refere à análise da tendência central da variável Idade, e de acordo com a tabela, é fácil constatar que os inquiridos naturais de Castelo Branco apresentam uma idade média de $12,69 \pm 2,771$ anos, enquanto os naturais da região de Coimbra ostentam uma idade média de $12,97 \pm 2,819$ anos.

Quando se procede a uma segregação por via do escalão etário a que pertencem os inquiridos, verifica-se a existência de uma idade média de $9,34 \pm 0,668$ anos no escalão de Benjamins, de $11,62 \pm 0,489$ anos no escalão de Infantis. Relativamente aos escalões de Iniciados e Juvenis constata-se uma idade média de $13,49 \pm 0,506$ anos e de $14,95 \pm 0,486$ anos, respetivamente. Finalmente, no escalão de Juniores a idade média é $17,71 \pm 0,789$ anos.

De salientar, que em termos agregados a variável Idade apresenta uma média de $12,82 \pm 2,790$ anos.

Tabela 3 - Caracterização da Amostra

Grupos	N	Média± DP Idade (anos)	Masculino n	Feminino n
Castelo Branco	121	12,69 ±2,771	112	9
Coimbra	99	12,97 ±2,819	88	11
Benjamins	47	9,34 ±,668	47	0
Infantis	71	11,62 ±,489	51	20
Iniciados	45	13,49 ±,506	45	0
Juvenis	22	14,95 ±,486	22	0
Juniores	35	17,71 ±,789	35	0
TOTAL	220	12,82 ±2,790	200	20

4.3. Instrumentos

4.3.1. Declaração de Consentimento e Informação

A declaração de consentimento e informação (Anexo A) serviu para dar a conhecer a investigação e o seu propósito aos pais/encarregados de educação, com o intuito de pedir permissão destes, para a colaboração dos seus filhos no estudo.

4.3.2. Questionário de Caracterização Pessoal

Este questionário (Anexo B) serviu para caracterizar o público-alvo, especificamente nas seguintes variáveis:

- Género;
- Idade;
- Região/Localidade;
- Escalão de Formação.

4.3.3. Questionário de Motivação para as Atividades Desportivas (QMAD), versão traduzida por Serpa e Frias (1990), do Participation Motivation Questionnaire (PMQ) de Gill, Gross, e Huddleston (1983).

O questionário de Motivação para as Atividades Desportiva (QMAD), versão traduzida por Serpa e Frias (1990), do Participation Motivation Questionnaire (PMQ) de Gill et al. (1983) (Anexo C), serviu para a recolha de dados dos sujeitos da amostra

Este questionário é composto por 30 itens, cada item descreve as razões que levam à participação em atividades desportivas. Para o preenchimento do questionário, é solicitado aos indivíduos, que indiquem a importância que cada um dos motivos assume na decisão da escolha do futebol como prática desportiva, através de uma escala de *Likert* de 5 pontos:

- 1 - Nada Importante;
- 2 - Pouco Importante;
- 3- Importante;
- 4 - Muito Importante;
- 5 - Totalmente importante;

Os 30 motivos constituintes do QMAD agrupam-se em 8 categorias ou dimensões motivacionais. Estas categorias/dimensões motivacionais são:

✓ **Estatuto** - motivos que se relacionam com a tentativa de aquisição ou manutenção de um estatuto perante os outros. Itens: **5, 14,19, 21, 25 e 28.**

✓ **Emoções** - motivos que envolvem, de algum modo, a vivência de emoções. Itens: **4, 7, 13.**

✓ **Prazer** - constituído pelos motivos que se relacionam com a experimentação de prazer. Itens: **16, 29 e 30.**

✓ **Competição** - constituído pelos motivos que envolvem competição. Itens: **3, 12, 20 e 26.**

✓ **Forma Física** - motivos relacionados com a tentativa de aquisição ou manutenção de uma boa condição ou forma física. Itens: **6, 15, 17 e 24.**

✓ **Desenvolvimento de Competências** - motivos que se relacionam com a tentativa de melhoria do nível técnico atual. Itens: **1, 10 e 23**.

✓ **Afiliação Geral** - constituído pelos motivos que envolvem, de uma forma geral, o relacionamento com outras pessoas. Itens: **2, 11 e 22**.

✓ **Afiliação Específica** - motivos relacionados com as relações geradas no âmbito da equipa. Itens: **8, 9, 18 e 27**.

4.4. Procedimentos

Primeiramente foi realizada uma abordagem aos clubes de formação da região Castelo Branco e da região de Coimbra com o propósito de dar a conhecer e de efetuar o pedido para colaboração na investigação. Seguidamente foram abordados os pais dos atletas, dando também a conhecer a investigação e o seu propósito, com o intuito de pedir permissão para a colaboração dos seus filhos no estudo. A permissão por parte dos pais foi concedida através da assinatura de um termo de consentimento e de informação (Anexo A) relativa à nossa investigação.

Os sujeitos participantes no estudo responderam de livre vontade, preenchendo um questionário de caracterização pessoal (Anexo B), servindo para caracterizar o público-alvo através do género, idade, localidade e escalão de formação, em seguida responderam ao QMAD, versão traduzida por Serpa e Frias (1990), do PMQ de Gill, et al. (1983) (Anexo C), sendo este questionário constituído por 30 itens agrupados em 8 categorias/dimensões motivacionais como o “Estatuto”, as “Emoções”, o “Prazer”, a “Competição”, a “Forma Física”, o “Desenvolvimento de Competências”, a “Afiliação Geral” e “Afiliação Específica”.

Cada item descreve as razões que levam à participação em atividades desportivas através de uma escala de *Likert* de 5 pontos, “Nada Importante”, “Pouco Importante”, “Importante”, “Muito Importante”, “Totalmente Importante”. Após a aplicação dos respetivos questionários, com o devido preenchimento dos mesmos, procedeu-se a uma organização e registo dos dados (Anexo D) no programa Microsoft Office Excel 2007.

4.5. Tratamento Estatístico

Para a análise estatística dos dados utilizámos como meios auxiliares para a elaboração deste trabalho o programa computadorizado Office Excel e o pacote estatístico SPSS 19.0. Utilizamos, primeiramente, técnicas descritivas - média aritmética (M) e o desvio padrão (DP). Numa segunda fase recorreremos à estatística inferencial, de acordo com a distribuição da amostra, verificada pelo *Kolmogorov-Smirnov Test*. Sempre que comparamos dois grupos, utilizamos o teste *t-student* para amostras independentes. O teste *T-Student* coloca em confronto uma hipótese nula em que é assumida a igualdade de médias em oposição a uma hipótese alternativa que assume diferenças em termos de média, para averiguação de diferenças significativas entre grupos.

Finalmente, para as restantes variáveis, utilizou-se a análise de variância (*One-Way Anova*), usada para testar as diferenças entre os grupos, comparando-os dois a dois. As diferenças foram localizadas através do teste de comparações múltiplas *Post-Hoc Scheffé*. Adotou-se um nível de significância com uma margem de erro de 5% ou com um nível de confiança de 95%.

Capítulo V

Apresentação dos Resultados

5. Apresentação dos Resultados

5.1. Introdução

Neste capítulo do trabalho, procedemos, em primeiro lugar, a uma análise descritiva dos resultados, caracterizando a amostra, quer na sua divisão pelos diferentes grupos (género; região e escalão etário). Recorremos à estatística descritiva (média e desvio padrão), apresentando os resultados em tabelas, comentados posteriormente.

Numa segunda fase, realizámos uma análise inferencial, para verificar o nível de significância entre as variáveis de estudo utilizando, também aqui, tabelas demonstrativas, seguidos de comentários.

5.2. Análise Descritiva

Podemos constatar nas tabelas 4, 5, 6, 7 e 8 e numa primeira análise, relativamente aos sujeitos da amostra, divididos pelo género, região e escalão etário, que os valores médios absolutos são muito semelhantes em quase todas as questões do questionário, à exceção de algumas que identificamos seguidamente:

Tabela 4 - Média e desvio padrão dos resultados das variáveis avaliadas, dividida pelos grupos

Grupo	Idade (anos)	Pergunta 1	Pergunta 2	Pergunta 3	Pergunta 4	Pergunta 5	Pergunta 6	Pergunta 7	
MASCULINO	$\bar{x} \pm dp$	12,94 ±2.895	4,10 ±.783	3,89 ±.755	3,59 ±1.038	3,34 ±.864	2,80 ±.974	4,12 ±.774	3,60 ±.992
FEMININO	$\bar{x} \pm dp$	11,60 ±.503	3,90 ±1.021	3,85 ±.745	3,45 ±1.050	3,10 ±.641	2,85 ±.933	4,15 ±.875	3,70 ±1.218
CASTELO BRANCO	$\bar{x} \pm dp$	12,69 ±2.771	4,09 ±.775	3,93 ±.727	3,55 ±1.041	3,38 ±.744	2,79 ±.959	4,10 ±.790	3,62 ±1.019
COIMBRA	$\bar{x} \pm dp$	12,97 ±2.819	4,07 ±.848	3,83 ±.783	3,62 ±1.037	3,23 ±.956	2,82 ±.983	4,15 ±.774	3,60 ±1.009
BENJAMINS	$\bar{x} \pm dp$	9,34 ±.668	4,17 ±.761	4,00 ±.722	3,06 ±1.092	3,43 ±1.098	2,62 ±.990	4,13 ±.797	3,19 ±1.056
INFANTIS	$\bar{x} \pm dp$	11,62 ±.489	4,00 ±.941	3,87 ±.827	3,52 ±1.067	3,07 ±.724	2,75 ±.906	4,08 ±.806	3,52 ±1.107
INICIADOS	$\bar{x} \pm dp$	13,49 ±.506	3,96 ±.796	3,69 ±.733	3,53 ±.815	3,31 ±.821	3,49 ±.944	4,04 ±.824	4,22 ±.823
JUVENIS	$\bar{x} \pm dp$	14,95 ±.486	4,00 ±.690	3,86 ±.774	3,86 ±.941	3,23 ±.612	2,73 ±.767	4,27 ±.550	3,68 ±.839
JUNIORES	$\bar{x} \pm dp$	17,71 ±.789	4,34 ±.591	4,03 ±.618	4,26 ±.817	3,71 ±.710	2,31 ±.758	4,20 ±.797	3,51 ±.702
Total	$\bar{x} \pm dp$	12,82 ±2.790	4,08 ±.807	3,89 ±.753	3,58 ±1.037	3,31 ±.848	2,80 ±.968	4,12 ±.781	3,61 ±1.012

Para o total da amostra verificamos na tabela 4, que apenas na pergunta 1 (melhorar as capacidades técnicas) e 6 (manter a forma), se verifica uma média superior a 4 ($\bar{x} > 4$). Verificamos ainda que na pergunta 5 (viajar), a média é inferior a 3 ($\bar{x} < 3$).

Tabela 5 - Média e desvio padrão dos resultados das variáveis avaliadas, dividida pelos grupos

Grupo		Idade (anos)	Pergunta 8	Pergunta 9	Pergunta 10	Pergunta 11	Pergunta 12	Pergunta 13	Pergunta 14
MASCULINO	$\bar{x} \pm dp$	12,94 ±2,895	4,29 ±,835	3,36 ±1,198	4,11 ±,782	3,82 ±,843	3,85 ±,819	3,58 ±,899	3,37 ±1,033
FEMININO	$\bar{x} \pm dp$	11,60 ±,503	4,40 ±,821	2,90 ±1,294	3,95 ±,945	3,80 ±,834	3,75 ±,910	3,70 ±,801	3,30 ±1,081
CASTELO BRANCO	$\bar{x} \pm dp$	12,69 ±2,771	4,31 ±,786	3,35 ±1,145	4,10 ±,800	3,82 ±,866	3,84 ±,796	3,61 ±,860	3,29 ±1,036
COIMBRA	$\bar{x} \pm dp$	12,97 ±2,819	4,27 ±,890	3,27 ±1,292	3,27 ±,797	3,82 ±,813	3,84 ±,866	3,57 ±,928	3,44 ±1,032
BENJAMINS	$\bar{x} \pm dp$	9,34 ±,668	4,45 ±,686	3,28 ±1,514	4,19 ±,741	3,96 ±,859	3,87 ±,824	3,53 ±,881	3,15 ±1,000
INFANTIS	$\bar{x} \pm dp$	11,62 ±,489	4,30 ±,818	3,07 ±1,291	4,00 ±,910	3,76 ±,801	3,76 ±,978	3,59 ±,904	3,27 ±1,028
INICIADOS	$\bar{x} \pm dp$	13,49 ±,506	4,20 ±,991	3,76 ±,802	4,20 ±,842	3,80 ±,842	3,82 ±,747	3,82 ±,834	4,09 ±,848
JUVENIS	$\bar{x} \pm dp$	14,95 ±,486	4,23 ±,752	3,50 ±1,012	4,00 ±,756	3,77 ±1,020	3,82 ±,733	3,73 ±,883	3,00 ±,976
JUNIORES	$\bar{x} \pm dp$	17,71 ±,789	4,26 ±,886	3,17 ±1,014	4,09 ±,562	3,80 ±,797	4,00 ±,642	3,29 ±,893	3,11 ±,963
Total	$\bar{x} \pm dp$	12,82 ±2,790	4,30 ±,833	3,31 ±1,211	4,10 ±,797	3,82 ±,841	3,84 ±,826	3,59 ±,889	3,36 ±1,035

Para o total da amostra verificamos na tabela 5, que apenas na pergunta 8 (trabalhar em equipa) e 10 (aprender novas técnicas), se verifica uma média superior a 4 ($\bar{x} > 4$). Não verificamos em nenhuma pergunta a média é inferior a 3 ($\bar{x} < 3$).

Tabela 6 - Média e desvio padrão dos resultados das variáveis avaliadas, dividida pelos grupos

Grupo		Idade (anos)	Pergunta 15	Pergunta 16	Pergunta 17	Pergunta 18	Pergunta 19	Pergunta 20	Pergunta 21
MASCULINO	$\bar{x} \pm dp$	12,94 ±2,895	4,21 ±,711	3,46 ±1,002	3,80 ±,839	4,44 ±,781	1,99 ±,877	3,78 ±,984	3,00 ±1,195
FEMININO	$\bar{x} \pm dp$	11,60 ±,503	4,35 ±,587	3,75 ±,910	4,00 ±,562	4,45 ±,686	1,70 ±,865	3,40 ±,995	2,70 ±1,174
CASTELO BRANCO	$\bar{x} \pm dp$	12,69 ±2,771	4,26 ±,626	3,44 ±1,007	3,83 ±,823	4,55 ±,562	1,81 ±,734	3,79 ±,942	2,91 ±1,155
COIMBRA	$\bar{x} \pm dp$	12,97 ±2,819	4,17 ±,783	3,55 ±,982	3,81 ±,817	4,30 ±,952	2,14 ±1,000	3,69 ±1,046	3,05 ±1,240
BENJAMINS	$\bar{x} \pm dp$	9,34 ±,668	4,28 ±,772	3,26 ±,966	3,70 ±,954	4,60 ±,538	1,98 ±,821	3,77 ±1,005	3,06 ±1,342
INFANTIS	$\bar{x} \pm dp$	11,62 ±,489	4,27 ±,696	3,62 ±1,019	3,87 ±,695	4,51 ±,673	1,90 ±,913	3,48 ±1,054	2,65 ±1,110
INICIADOS	$\bar{x} \pm dp$	13,49 ±,506	4,09 ±,733	3,82 ±,960	4,11 ±,775	4,09 ±1,164	2,04 ±1,107	3,76 ±1,004	3,58 ±,917
JUVENIS	$\bar{x} \pm dp$	14,95 ±,486	4,36 ±,492	3,64 ±,848	3,73 ±,827	4,55 ±,596	2,05 ±,653	3,95 ±,999	2,77 ±1,152
JUNIORES	$\bar{x} \pm dp$	17,71 ±,789	4,11 ±,676	3,00 ±,907	3,54 ±,817	4,49 ±,562	1,89 ±,676	4,09 ±,658	2,86 ±1,240
Total	$\bar{x} \pm dp$	12,82 ±2,790	4,22 ±,701	3,49 ±,995	3,82 ±,819	4,44 ±,771	1,96 ±,878	3,74 ±,989	2,97 ±1,193

Para o total da amostra verificamos na tabela 6, que apenas na pergunta 15 (fazer exercício) e 18 (espírito de equipa), se verifica uma média superior a 4 ($\bar{x} > 4$). Verificamos ainda que na pergunta 19 (pretexto para sair de casa) a média inferior a 2 ($\bar{x} < 2$) e na pergunta 21 (ter a sensação de ser importante), a média é inferior a 3 ($\bar{x} < 3$).

Tabela 7 - Média e desvio padrão dos resultados das variáveis avaliadas, dividida pelos grupos

Grupo		Idade (anos)	Pergunta 22	Pergunta 23	Pergunta 24	Pergunta 25	Pergunta 26	Pergunta 27	Pergunta 28
MASCULINO	$\bar{x} \pm dp$	12,94 ±2,895	3,75 ±,991	4,01 ±,883	4,21 ±,870	2,98 ±1,284	4,12 ±,858	3,84 ±,971	3,37 ±1,192
FEMININO	$\bar{x} \pm dp$	11,60 ±,503	3,60 ±1,046	3,85 ±,988	4,40 ±,681	2,95 ±1,395	4,15 ±,813	3,65 ±,933	3,40 ±,995
CASTELO BRANCO	$\bar{x} \pm dp$	12,69 ±2,771	3,76 ±,992	3,99 ±,880	4,26 ±,772	2,92 ±1,275	4,17 ±,850	3,86 ±,916	3,31 ±1,175
COIMBRA	$\bar{x} \pm dp$	12,97 ±2,819	3,71 ±1,003	3,99 ±,909	4,17 ±,948	3,05 ±1,312	4,06 ±,855	3,77 ±1,028	3,45 ±1,172
BENJAMINS	$\bar{x} \pm dp$	9,34 ±,668	3,79 ±1,020	4,19 ±,876	4,26 ±,988	2,85 ±1,335	3,94 ±,870	4,04 ±,908	3,40 ±1,280
INFANTIS	$\bar{x} \pm dp$	11,62 ±,489	3,62 ±1,074	3,79 ±,984	4,21 ±,827	2,77 ±1,289	4,04 ±,836	3,72 ±1,017	3,20 ±1,050
INICIADOS	$\bar{x} \pm dp$	13,49 ±,506	4,02 ±,723	4,24 ±,773	4,13 ±,894	4,02 ±,892	4,18 ±,806	4,22 ±,704	4,11 ±,745
JUVENIS	$\bar{x} \pm dp$	14,95 ±,486	3,64 ±1,002	3,68 ±,894	4,36 ±,727	2,55 ±1,224	4,05 ±,722	3,55 ±,963	3,05 ±1,214
JUNIORES	$\bar{x} \pm dp$	17,71 ±,789	3,60 ±1,063	4,00 ±,728	4,23 ±,770	2,49 ±1,011	4,49 ±,919	3,37 ±1,003	2,94 ±1,305
Total	$\bar{x} \pm dp$	12,82 ±2,790	3,74 ±,995	3,99 ±,891	4,22 ±,855	2,98 ±1,291	4,12 ±,852	3,82 ±,967	3,37 ±1,173

Para o total da amostra verificamos na tabela 7, que apenas na pergunta 24 (estar em boa condição física) e 26 (ultrapassar desafios), se verifica uma média superior a 4 ($\bar{x} > 4$). Verificamos ainda que na pergunta 25 (ser conhecido/a), a média é inferior a 3 ($\bar{x} < 3$).

Tabela 8 - Média e desvio padrão dos resultados das variáveis avaliadas, dividida pelos grupos

Grupo		Idade (anos)	Pergunta 29	Pergunta 30
MASCULINO	$\bar{x} \pm dp$	12,94 $\pm 2,895$	4,17 $\pm 0,857$	3,87 $\pm 1,083$
FEMININO	$\bar{x} \pm dp$	11,60 $\pm 0,503$	4,00 $\pm 0,918$	4,00 $\pm 0,858$
CASTELO BRANCO	$\bar{x} \pm dp$	12,69 $\pm 2,771$	4,11 $\pm 0,874$	3,91 $\pm 0,992$
COIMBRA	$\bar{x} \pm dp$	12,97 $\pm 2,819$	4,21 $\pm 0,848$	3,84 $\pm 1,149$
BENJAMINS	$\bar{x} \pm dp$	9,34 $\pm 0,668$	3,94 $\pm 1,030$	3,79 $\pm 1,197$
INFANTIS	$\bar{x} \pm dp$	11,62 $\pm 0,489$	4,03 $\pm 0,894$	3,90 $\pm 1,016$
INICIADOS	$\bar{x} \pm dp$	13,49 $\pm 0,506$	4,31 $\pm 0,733$	4,31 $\pm 0,763$
JUVENIS	$\bar{x} \pm dp$	14,95 $\pm 0,486$	4,36 $\pm 0,727$	4,05 $\pm 0,844$
JUNIORES	$\bar{x} \pm dp$	17,71 $\pm 0,789$	4,37 $\pm 0,690$	3,29 $\pm 1,178$
Total	$\bar{x} \pm dp$	12,82 $\pm 2,790$	4,15 $\pm 0,862$	3,88 $\pm 1,063$

Para o total da amostra verificamos na tabela 8, que apenas na pergunta 29 (divertimento) se verifica uma média superior a 4 ($\bar{x} > 4$).

Analisando as tabelas anteriores, não podemos tecer qualquer afirmação categórica referente às diferenças entre os grupos da amostra (género, região e escalão etário), para todas as perguntas do questionário. Desta forma, não podendo precisamos recorrer à análise inferencial para se poderem verificar se existem, ou não, diferenças a este nível.

5.3. Análise Inferencial

Nesta parte da apresentação dos resultados, procedemos à análise inferencial, que nos permitirá verificar a confirmação, ou não, das hipóteses de estudo. Desta forma, recorreremos à análise estatística inferencial. Assim, como foi referido previamente na apresentação metodológica, os elementos constituintes da amostra são oriundos das duas regiões: Castelo Branco e Coimbra. Por esta via, torna-se imperativo avaliar e analisar a existência, ou não de diferenças significativas entre os elementos constituintes dos dois grupos acima referidos.

De forma a alcançar este objetivo, utilizando o teste *T-Student* para averiguação de diferenças significativas entre grupos e analisando o valor *p* correspondente, facilmente se verifica que apenas existem diferenças significativas relativamente à localidade, no que se refere às trinta questões efetuadas, uma vez que se verifica um valor *p* superior ao nível de significância de 5%, levando à não rejeição de que os valores médios são iguais para os dois grupos considerados. Esses dados podem ser observados nas tabelas que se seguem.

Tabela 9 - Nível de significância das comparações entre região/localidade (Castelo Branco/Coimbra), para as perguntas do questionário (Teste de Levene)

		Teste Levene		t-test				
		F	Sig.	t	Df	<i>p</i>	Diferença de médias	Diferença erro padrão
Pergunta 1	Assumem-se variâncias iguais	1,718	,191	,184	218	,854	,020	,110
Pergunta 2	Assumem-se variâncias iguais	1,270	,261	1,035	218	,302	,106	,102
Pergunta 3	Assumem-se variâncias iguais	,001	,978	-,502	218	,616	-,071	,141
Pergunta 4	Assumem-se variâncias iguais	3,411	,066	1,289	218	,199	,148	,115
Pergunta 5	Assumem-se variâncias iguais	,319	,573	-,251	218	,802	-,033	,131
Pergunta 6	Assumem-se variâncias iguais	,004	,948	-,493	218	,622	-0,52	,106
Pergunta 7	Assumem-se variâncias iguais	,025	,874	,174	218	,862	,024	,137
Pergunta 8	Assumem-se variâncias iguais	1,410	,236	,366	218	,715	,041	,113
Pergunta 9	Assumem-se variâncias iguais	1,605	,207	,452	218	,652	,074	,164
Pergunta 10	Assumem-se variâncias iguais	,000	,989	,076	218	,939	,008	,108
Pergunta 11	Assumem-se variâncias iguais	,832	,363	,000	218	1,000	,000	,114
Pergunta 12	Assumem-se variâncias iguais	1,285	,258	,041	218	,967	,005	,112
Pergunta 13	Assumem-se variâncias iguais	,451	,503	,380	218	,704	,046	,121
Pergunta 14	Assumem-se variâncias iguais	,210	,648	-1,107	218	,270	-,155	,140
Pergunta 15	Assumem-se variâncias iguais	,466	,495	,889	218	,375	,084	,095

Como podemos verificar na tabela 9, para as primeiras 15 perguntas do questionário, não se verificam diferenças estatisticamente significativas ($p > 0,05$), no que diz respeito à comparação da região (Castelo Branco e Coimbra).

Tabela 10 - Nível de significância das comparações entre região/localidade (Castelo Branco/Coimbra), para as perguntas do questionário (Teste de Levene)

		Teste Levene		t-test				
		F	Sig.	t	Df	p	Diferença de médias	Diferença erro padrão
Pergunta 16	Assumem-se variâncias iguais	,030	,862	-,796	218	,427	-,107	,135
Pergunta 17	Assumem-se variâncias iguais	,047	,829	,165	218	,869	,018	,111
Pergunta 18	Não se assumem variâncias iguais	15,270	,000	2,310	151,726	,022	,251	,109
Pergunta 19	Não se assumem variâncias iguais	4,783	,030	-2,748	175,545	,007	-,331	,121
Pergunta 20	Assumem-se variâncias iguais	2,449	,119	,732	218	,465	,098	,134
Pergunta 21	Assumem-se variâncias iguais	,263	,608	-,874	218	,383	-,141	,162
Pergunta 22	Assumem-se variâncias iguais	,288	,592	,394	218	,694	,053	,135
Pergunta 23	Assumem-se variâncias iguais	,508	,477	,015	218	,988	,002	,121
Pergunta 24	Assumem-se variâncias iguais	1,046	,308	,800	218	,425	,093	,116
Pergunta 25	Assumem-se variâncias iguais	,033	,856	-,760	218	,448	-,133	,175
Pergunta 26	Assumem-se variâncias iguais	1,067	,303	,906	218	,366	,105	,115
Pergunta 27	Assumem-se variâncias iguais	1,330	,250	,700	218	,485	,092	,131
Pergunta 28	Assumem-se variâncias iguais	,004	,951	-,935	218	,351	-,149	,159
Pergunta 29	Assumem-se variâncias iguais	,020	,889	-,896	218	,371	-,105	,117
Pergunta 30	Assumem-se variâncias iguais	1,127	,290	,490	218	,625	,071	,144

Relativamente às restantes perguntas do questionário (16 a 30), como podemos constatar na tabela 10, apenas se verificam diferenças estatisticamente significativas ($p \leq 0,05$), no que diz respeito à comparação da região (Castelo Branco e Coimbra), na pergunta 18 (espírito de equipa) e na pergunta 19 (pretexto para sair de casa).

Na tabela 11, verificamos que não existem diferenças significativas relativamente ao género, no que se refere às trinta questões efetuadas, uma vez que se verifica um valor *p* superior ao nível de significância de 5%, levando à não rejeição de que os valores médios são iguais para os dois grupos considerados.

Tabela 11 - Nível de significância das comparações entre os géneros (Masculino/Feminino), para as perguntas do questionário (Teste de Levene)

		Teste Levene		t-test				
		F	Sig.	t	Df	<i>p</i>	Diferença de médias	Diferença erro padrão
Pergunta 1	Assumem-se variâncias iguais	3,547	,061	1,057	218	,291	,200	,189
Pergunta 2	Assumem-se variâncias iguais	,131	,718	,226	218	,821	,040	,177
Pergunta 3	Assumem-se variâncias iguais	,002	,967	,575	218	,566	,140	,244
Pergunta 4	Não se assumem variâncias iguais	4,680	,032	1,509	26,455	,143	,235	,156
Pergunta 5	Assumem-se variâncias iguais	,456	,500	-,242	218	,809	-,055	,228
Pergunta 6	Assumem-se variâncias iguais	1,511	,220	-,163	218	,870	-,030	,184
Pergunta 7	Assumem-se variâncias iguais	,944	,332	-,420	218	,675	-,100	,238
Pergunta 8	Assumem-se variâncias iguais	,014	,905	-,588	218	,557	-,115	,196
Pergunta 9	Assumem-se variâncias iguais	,053	,817	1,607	218	,109	,455	,283
Pergunta 10	Assumem-se variâncias iguais	,207	,650	,856	218	,393	,160	,187
Pergunta 11	Assumem-se variâncias iguais	,005	,944	,101	218	,919	,020	,198
Pergunta 12	Assumem-se variâncias iguais	,097	,756	,515	218	,607	,100	,194
Pergunta 13	Assumem-se variâncias iguais	1,681	,196	-,575	218	,566	-,120	,209
Pergunta 14	Assumem-se variâncias iguais	,170	,681	,267	218	,790	,065	,243
Pergunta 15	Assumem-se variâncias iguais	,078	,781	-,882	218	,379	-,145	,164

Tabela 12 - Nível de significância das comparações entre os géneros (Masculino/Feminino), para as perguntas do questionário (Teste de Levene)

		Teste Levene		t-test				
		F	Sig.	t	Df	<i>p</i>	Diferença de médias	Diferença erro padrão
Pergunta 16	Assumem-se variâncias iguais	,722	,396	-1,244	218	,215	-,290	,233
Pergunta 17	Não se assumem variâncias iguais	12,577	,000	-1,439	28,275	,161	-,200	,139
Pergunta 18	Assumem-se variâncias iguais	,072	,789	-,055	218	,956	-,010	,181
Pergunta 19	Assumem-se variâncias iguais	,311	,577	1,388	218	,167	,285	,205
Pergunta 20	Assumem-se variâncias iguais	,001	,978	1,623	218	,106	,375	,231
Pergunta 21	Assumem-se variâncias iguais	,035	,852	1,072	218	,285	,300	,280
Pergunta 22	Assumem-se variâncias iguais	,313	,576	,642	218	,521	,150	,234
Pergunta 23	Assumem-se variâncias iguais	,509	,476	,741	218	,460	,155	,209
Pergunta 24	Assumem-se variâncias iguais	,881	,349	-,972	218	,332	-,195	,201
Pergunta 25	Assumem-se variâncias iguais	,361	,549	,099	218	,921	,030	,303
Pergunta 26	Assumem-se variâncias iguais	,063	,802	-,175	218	,861	-,035	,200
Pergunta 27	Assumem-se variâncias iguais	,113	,737	,815	218	,416	,185	,227
Pergunta 28	Assumem-se variâncias iguais	2,144	,145	-,109	218	,913	-,030	,276
Pergunta 29	Assumem-se variâncias iguais	,413	,521	,840	218	,402	,170	,202
Pergunta 30	Assumem-se variâncias iguais	1,264	,262	-,540	218	,589	-,135	,250

Analisando as tabelas 11 e 12, verificamos que para as primeiras 30 perguntas do questionário, não se verificam diferenças estatisticamente significativas ($p > 0,05$), no que diz respeito à comparação entre género (masculino/feminino).

Como tal, e analisando todas as questões que compõem o modelo de questionário aplicado torna-se agora viável aferir, em quais se detetam diferenças significativas entre os grupos analisados.

No que se refere a averiguação da existência, ou não, de diferenças significativas entre grupos de escalão etário, urge, primeiramente referenciar que por uma questão metodológica iremos unicamente assinalar os casos em que de forma

efetiva se verificam diferenças estatisticamente significativas ($p \leq 0,05$), sendo todos os outros dados remetidos para o conteúdo do Capítulo IX Anexos (Anexo E).

Tabela 13 - Diferenças entre grupos, referente aos escalões etários

Variável Dependente	(I) Grupo	(J) Grupo	Diferença de Médias (I-J)	Erro Padrão	Valor p
Pergunta 3	BENJAMINS	JUVENIS	-,800*	,252	,043
	BENJAMINS	JUNIORES	-1,193*	,218	,000
	INFANTIS	JUNIORES	-,736*	,202	,011
	INICIADOS	JUNIORES	-,724*	,220	,031
Pergunta 4	INFANTIS	JUNIORES	-,644*	,171	,008
Pergunta 5	BENJAMINS	INICIADOS	-,872*	,187	,000
	INFANTIS	INICIADOS	-,742*	,171	,001
	INICIADOS	JUVENIS	,762*	,234	,034
	INICIADOS	JUNIORES	1,175*	,203	,000
Pergunta 7	BENJAMINS	INICIADOS	-1,031*	,200	,000
	INFANTIS	INICIADOS	-,701*	,183	,006
	INICIADOS	JUNIORES	,708*	,216	,033
Pergunta 14	BENJAMINS	INICIADOS	-,940*	,203	,000
	INFANTIS	INICIADOS	-,821*	,185	,001
	INICIADOS	JUVENIS	1,089*	,253	,001
	INICIADOS	JUNIORES	,975*	,219	,001
Pergunta 16	INFANTIS	JUNIORES	,620*	,199	,049
	INICIADOS	JUNIORES	,822*	,217	,007
Pergunta 17	INICIADOS	JUNIORES	,568*	,181	,047
Pergunta 18	BENJAMINS	INICIADOS	,507*	,158	,038
Pergunta 21	INFANTIS	INICIADOS	-,930*	,220	,002
Pergunta 25	BENJAMINS	INICIADOS	-1,171*	,246	,000
	INFANTIS	INICIADOS	-1,248*	,225	,000
	INICIADOS	JUVENIS	1,477*	,307	,000
	INICIADOS	JUNIORES	1,537*	,266	,000
Pergunta 27	BENJAMINS	JUNIORES	,671*	,207	,036
	INICIADOS	JUNIORES	,851*	,209	,003
Pergunta 28	INFANTIS	INICIADOS	-,914*	,212	,001
	INICIADOS	JUVENIS	1,066*	,289	,010
	INICIADOS	JUNIORES	1,168*	,251	,000
Pergunta 30	INICIADOS	JUNIORES	1,025*	,231	,001

Como referido anteriormente, a tabela 13 apenas apresenta as comparações para as quais se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p \leq 0,05$), onde podemos especificar que:

- Relativamente à pergunta 3 (ganhar), verificamos diferenças estatisticamente muito significativas ($p \leq 0,01$) entre os escalões “Benjamins” e “Juniões”. Para a mesma pergunta verificamos ainda diferenças estatisticamente significativas ($p \leq 0,05$) entre os escalões “Benjamins” e “Juvenis”, entre os “Infantis” e “Juniões” e entre os “Iniciados” e “Juniões”;

- Quanto à pergunta 4 (descarregar energias), verificamos diferenças estatisticamente muito significativas ($p \leq 0,01$) entre os escalões “Infantis” e “Juniões”;

- Na pergunta 5 (viajar), verificamos diferenças estatisticamente muito significativas ($p \leq 0,01$) entre os escalões “Benjamins” e “Iniciados”, entre os “Infantis” e “Iniciados” e entre os “Iniciados” e “Juniões”. Para a mesma pergunta verificamos ainda diferenças estatisticamente significativas ($p \leq 0,05$) entre os escalões “Benjamins” e “Juvenis”, entre os “Infantis” e “Juniões” e entre os “Iniciados” e “Juvenis”.

- No que diz respeito à pergunta 7 (ter emoções fortes), verificamos diferenças estatisticamente muito significativas ($p \leq 0,01$) entre os escalões “Benjamins” e “Iniciados” e entre os “Infantis” e “Iniciados”. Para a mesma pergunta verificamos ainda diferenças estatisticamente significativas ($p \leq 0,05$) entre os escalões “Iniciados” e “Juniões”.

- No que concerne à pergunta 14 (receber prémios), verificamos diferenças estatisticamente muito significativas ($p \leq 0,01$) entre os escalões “Benjamins” e “Iniciados”, entre os “Infantis” e “Iniciados”, entre os “Iniciados” e “Juvenis” e entre os “Iniciados” e “Juniões”.

- Quanto à pergunta 16 (ter alguma coisa para fazer), verificamos diferenças estatisticamente muito significativas ($p \leq 0,01$) entre os escalões “Iniciados” e “Juniões”. Para a mesma pergunta verificamos ainda diferenças estatisticamente significativas ($p \leq 0,05$) entre os escalões “Infantis” e “Juniões”.

- Na pergunta 17 (ter ação), verificamos diferenças estatisticamente significativas ($p \leq 0,05$) entre os escalões “Iniciados” e “Juniões”.

- No que diz respeito à pergunta 18 (espírito de equipa), verificamos diferenças estatisticamente significativas ($p \leq 0,05$) entre os escalões “Benjamins” e “Iniciados”.

- Relativamente à pergunta 21 (ter a sensação de ser importante), verificamos diferenças estatisticamente muito significativas ($p \leq 0,01$) entre os escalões “Infantis” e “Iniciados”.

- No que concerne à pergunta 25 (ser conhecido/a), verificamos diferenças estatisticamente muito significativas ($p \leq 0,01$) entre os escalões “Benjamins” e

“Iniciados”, entre os “Infantis” e “Iniciados”, entre os “Iniciados” e “Juvenis” e entre os “Iniciados” e “Juniorees”.

- Quanto à pergunta 27 (influência dos treinadores), verificamos diferenças estatisticamente muito significativas ($p \leq 0,01$) entre os escalões “Iniciados” e “Juniorees”. Para a mesma pergunta verificamos ainda diferenças estatisticamente significativas ($p \leq 0,05$) entre os escalões “Benjamins” e “Juniorees”.

- Relativamente à pergunta 28 (ser reconhecido/a e ter prestígio), verificamos diferenças estatisticamente muito significativas ($p \leq 0,01$) entre os escalões “Infantis” e “Iniciados” e entre os “Iniciados” e “Juniorees”. Para a mesma pergunta verificamos ainda diferenças estatisticamente significativas ($p \leq 0,05$) entre os escalões “Iniciados” e “Juvenis”.

- No que diz respeito à pergunta 30 (prazer na utilização das instalações e material desportivo), verificamos diferenças estatisticamente muito significativas ($p \leq 0,01$) entre os escalões “Iniciados” e “Juniorees”.

Capítulo VI

Discussão dos Resultados

6. Discussão dos Resultados

Com este estudo procurámos saber qual o motivo das crianças e jovens, da região centro de Portugal para a escolha do futebol como prática desportiva fazendo comparação entre a região de Castelo Branco e a região de Coimbra, assim como saber as diferenças consoante a idade e o género.

Analisando os resultados obtidos pela totalidade das crianças e jovens na avaliação dos motivos para a escolha do futebol como prática desportiva, constatámos que, as perguntas 1 (melhorar as capacidades técnicas), 6 (manter a forma), 8 (trabalhar em equipa), 10 (aprender novas técnicas), 15 (fazer exercício), 18 (espírito de equipa), 24 (estar em boa condição física), 26 (ultrapassar desafios), 29 (divertimento), apresentam uma média superior a 4, por outro lado, a pergunta 19 (pretexto para sair de casa), apresenta uma média inferior a 2 (escala de 1 a 5).

Podemos assim dizer que os motivos que se destacaram mais foram as categorias/dimensões associadas ao “desenvolvimento de competências”, à “afiliação específica”, à “forma física”, à “competição”, e ao “prazer”. O motivo que menos destaque teve foi a categoria/dimensão do “estatuto”. Estes resultados vão ao encontro dos estudos realizados por Freitas (1997), Sousa (2003) e Gomes (2006), na área do futebol, tendo estes estudos obtido, para as mesmas categorias/dimensões, valores semelhantes.

Existem ainda outros estudos congruentes com os resultados obtidos na nossa investigação, mas efetuados em outras modalidades desportivas, como é o caso do estudo de Cruz e Costa (1988), realizado no Voleibol e Andebol; Cruz, Costa, Rodrigues e Ribeiro (1988) e Cruz e Cunha (1991), no Andebol; Frias e Serpa (1991), Ribeiro (1991), Fonseca e Fontainhas (1993) e Fonseca e Ribeiro (1994), na Ginástica Artística; Serpa (1992), Batista (1993), Rego (1995), Neves (1996), Bonito (1998), Fonseca e Maia (2000) e Cid (2002), na Prática Desportiva; Pimentel (1993), no Basquetebol; Fernandes (2006), no Corfebol e Morouço (2006), na Natação.

Relativamente ao género, os resultados obtidos parecem indicar-nos que, quanto ao género masculino, as perguntas 1 (melhorar as capacidades técnicas), 6 (manter a forma), 8 (trabalhar em equipa), 10 (aprender novas técnicas), 15 (fazer exercício), 18 (espírito de equipa), 23 (atingir um nível desportivo mais elevado), 24 (estar em boa condição física), 26 (ultrapassar desafios), 29 (divertimento), apresentam uma média superior a 4, enquanto, a pergunta 19 (pretexto para sair de casa), apresenta uma média inferior a 2. Assim sendo, as categorias/dimensões motivacionais mais indicadas foram o “prazer”, a “competição”, a “forma física”, o “desenvolvimento de competências” e a afiliação específica. Por sua vez, a categoria/dimensão motivacional menos indicada, pelo género masculino, foi o “estatuto”. Estes resultados vão ao encontro de vários estudos internacionais (Gill et al., 1983; Gould et al., 1985; Klint & Weiss, 1985; Longhurst & Spink, 1987; Buonamano et al., 1993; Thill

& Brunel, 1995; Sutherland & Morris, 1997) e de vários estudos nacionais (Cruz e Costa, 1988; Cruz et al., 1988; Cruz e Cunha, 1990; Frias e Serpa, 1991; Costa, 1991; Ribeiro, 1991; Serpa, 1992; Fonseca e Fontainhas, 1993; Pimentel, 1993; Batista, 1993; Fonseca e Ribeiro, 1994; Rego, 1995; Neves, 1996; Freitas, 1997; Bonito, 1998; Fonseca e Maia, 2000; Cid, 2002; Sousa, 2003; Silva et al., 2003; Fernandes, 2006; Gomes, 2006; Morouço, 2006), tendo estes obtidos valores semelhantes.

Relativamente ao género feminino as perguntas 6 (manter a forma), 8 (trabalhar em equipa), 15 (fazer exercício), 17 (ter ação), 18 (espírito de equipa), 24 (estar em boa condição física), 26 (ultrapassar desafios), 29 (divertimento) e 30 (prazer na utilização das instalações e material desportivo), apresentam uma média superior a 4, enquanto, a pergunta 19 (pretexto para sair de casa), apresenta uma média inferior a 2. Podemos dizer que as categorias/dimensões motivacionais mais apontadas foram o “prazer”, a “competição”, a “forma física” e a “afiliação específica”. A categoria/dimensão motivacional menos apontada pelo género feminino foi o “estatuto”. Estes resultados vão ao encontro dos estudos internacionais (Gill et al., 1983; Gould et al., 1985; Klint e Weiss, 1985; Longhurst e Spink, 1987; Buonamano et al., 1993; Sutherland e Morris, 1997) e com os estudos nacionais (Cruz e Costa, 1988; Cruz et al., 1988; Cruz e Cunha, 1990; Frias e Serpa, 1991; Costa, 1991; Ribeiro, 1991; Serpa, 1992; Fonseca e Fontainhas, 1993; Pimentel, 1993; Batista, 1993; Fonseca e Ribeiro, 1994; Rego, 1995; Neves, 1996; Bonito, 1998; Fonseca e Maia, 2000; Sousa, 2003; Estriga e Cunha, 2003; Silva et al., 2003; Fernandes, 2006; Gomes, 2006; Morouço, 2006), tendo estes obtidos valores análogos.

Ainda relativamente ao género, podemos verificar que não se verificam diferenças estatisticamente significativas, na comparação do género masculino com o feminino, em nenhuma pergunta do questionário, logo, em nenhuma categoria/dimensão motivacional. Também em vários estudos internacionais (Gill, et al., 1983; Gould et al., 1985; Klint e Weiss, 1985; Longhurst e Spink, 1987; Buonamano et al., 1993; Sutherland e Morris, 1997) e estudos nacionais (Cruz e Costa, 1988; Cruz et al., 1988; Cruz e Cunha, 1990; Frias e Serpa, 1991; Costa, 1991; Ribeiro, 1991; Serpa, 1992; Fonseca e Fontainhas, 1993; Pimentel, 1993; Batista, 1993; Fonseca e Ribeiro, 1994; Rego, 1995; Neves, 1996; Bonito, 1998; Fonseca e Maia, 2000; Sousa, 2003; Silva et al., 2003; Fernandes, 2006; Gomes, 2006; Morouço, 2006), não se verificam diferenças estatisticamente significativas, na comparação do género masculino com o feminino,

Quanto à localidade, podemos constatar que, relativamente à região de Castelo Branco, as perguntas 1 (melhorar as capacidades técnicas), 6 (manter a forma), 8 (trabalhar em equipa), 10 (aprender novas técnicas), 15 (fazer exercício), 18 (espírito de equipa), 24 (estar em boa condição física), 26 (ultrapassar desafios), 29 (divertimento), apresentam uma média superior a 4 e a pergunta 19 (pretexto para sair de casa), apresenta uma média inferior a 2. Podemos assim dizer que as categorias/dimensões motivacionais mais referenciadas nesta zona foram o “prazer”, a “competição”, a “forma física”, o “desenvolvimento de competências” e a “afiliação

específica”. Por outro lado, a categoria/dimensão motivacional menos referenciada foi o “estatuto”. Estes resultados vão ao encontro de vários estudos (Cruz e Cunha, 1990; Serpa, 1992; Pimentel, 1993; Batista, 1993; Neves, 1996; Fonseca e Maia, 2000; Silva et al., 2003; Estriga e Cunha, 2003; Morouço, 2006), onde se verificou valores idênticos aos obtidos na nossa investigação.

Na região de Coimbra as categorias/dimensões motivacionais com maior enfoque foram o “prazer”, relativo à pergunta 29 (divertimento), a “competição”, como se pode verificar na pergunta 26 (ultrapassar desafios), a “forma física”, representada pela pergunta 6 (manter a forma), 15 (fazer exercício) e 24 (estar em boa condição física), o “desenvolvimento de competências”, como faz alusão a pergunta 1 (melhorar as capacidades técnicas) e a “afiliação específica”, representada pela pergunta 8 (trabalhar em equipa) e 18 (espírito de equipa). Todos estes motivos apresentam uma média superior a 4, não havendo nesta zona qualquer motivo indicado, com importância inferior a 2. Estes resultados, como anteriormente também referido, vão ao encontro de vários estudos (Cruz e Cunha, 1990; Serpa, 1992; Pimentel, 1993; Batista, 1993; Neves, 1996; Fonseca e Maia 2000; Silva et al., 2003; Estriga e Cunha, 2003; Morouço, 2006).

Ainda relativamente à região, podemos verificar que apenas se verificam diferenças estatisticamente significativas, na comparação dos sujeitos da região de Castelo Branco com os sujeitos da região de Coimbra, na pergunta 18 (espírito de equipa), correspondente à categoria/dimensão motivacional “afiliação específica” e na pergunta 19 (pretexto para sair de casa) do questionário, correspondente à categoria/dimensão motivacional “estatuto”. Com estes resultados constatamos que em apenas duas das trinta perguntas do questionário se verificam diferenças, entre as duas regiões, pelo facto de não nos parecer de grande relevância.

Não encontramos na literatura muitos estudos que, utilizando instrumentos semelhantes, tenham optado por metodologias análogas, ao nível da comparação entre localidades. De referir que o estudo de Fonseca e Maia (2000), no qual encontramos uma metodologia semelhante à nossa, obteve resultados análogos ao nosso estudo. Segundo Rocha (2009), a categoria/dimensão motivacional “afiliação específica” refere-se aos motivos relacionados com as relações geradas no âmbito de um grupo ou equipa. A questão “espírito de equipa” pertencente à categoria/dimensão motivacional “afiliação específica”, para Rocha (2009), consiste num conjunto de pessoas, que atuam juntas para um mesmo objetivo, sendo que cada um tem a sua função. De acordo com Rocha (2009), a categoria/dimensão motivacional “estatuto” prende-se com os motivos que se relacionam com a tentativa de aquisição ou manutenção de um estatuto perante os outros, já para Guedes e Netto (2013), é a procura de atender aos aspetos de motivação vinculados à aprovação social, à busca de prestígio, à superação pessoal e auto-realização. A questão “pretexto para sair de casa”, pertencente à categoria/dimensão motivacional “estatuto”, na nossa opinião, pode ser uma manifestação de falta de liberdade, autonomia, ou um ambiente familiar pouco favorável. Segundo Silva (2001), uma

tentativa de escapar dos conflitos familiares, muitos adolescentes precipitam-se em casar, ir viver com namorados ou amigos e, por vezes, fugir de casa.

Quanto ao escalão etário, no escalão de formação Benjamins, as categorias/dimensões motivacionais mais realçados foram a “forma física”, o “desenvolvimento de competências”, a “afiliação geral” e a “afiliação específica”, apresentando uma média superior a 4. Quanto à categoria/dimensão motivacional que menos realço teve foi o “estatuto”, apresentando uma média inferior a 2.

No escalão de formação Infantis, as categorias/dimensões motivacionais de maior relevo, foram o “prazer”, a “competição” a “forma física”, o “desenvolvimento de competências” e a “afiliação específica”, apresentando uma média superior a 4, a categoria/dimensão motivacional que menor relevo teve foi a referente ao “estatuto”, apresentando uma média inferior a 2.

Quanto ao escalão de formação Iniciados, as categorias/dimensões motivacionais mais apontadas, foram o “estatuto”, as “emoções”, o “prazer”, a “competição”, a “forma física”, o “desenvolvimento de competências”, a “afiliação geral”, e a “afiliação específica”, apresentando uma média superior a 4. Neste escalão etário não houve nenhuma categoria/dimensão motivacional apontada com uma média inferior a 2.

No que diz respeito ao escalão de formação Juvenis, as categorias/dimensões motivacionais mais indicadas foram o “prazer”, a “competição”, a “forma física”, o “desenvolvimento de competências”, e a “afiliação específica”, com uma média superior a 4. Também neste escalão etário não houve qualquer categoria/dimensão motivacional apontada com uma média inferior a 2.

Por último, no escalão de formação Juniores, as categorias/dimensões motivacionais mais realçadas foram o “prazer”, a “competição”, a “forma física”, o “desenvolvimento de competências”, a “afiliação geral” e a “afiliação específica”, apresentando uma média superior a 4, a categoria/dimensão motivacional que menor relevo teve foi a referente à categoria/dimensão motivacional “estatuto”, com uma média inferior a 2.

Um dos objetivos do estudo pretendia verificar as diferenças ao nível das categorias/dimensões motivacionais, entre distintos escalões etários. Relativamente à comparação entre os diferentes escalões etários, para as categorias/dimensões motivacionais, podemos verificar que:

- Relativamente à pergunta 3 (ganhar), referente à categoria/dimensão motivacional “competição”, verificam-se diferenças estatisticamente significativas na comparação entre os escalões Benjamins e Juvenis, entre os Infantis e Juniores, e entre os Iniciados e Juniores. Para a mesma pergunta podemos verificar diferenças estatisticamente muito significativas entre o escalão Benjamins e Juniores. Nesta análise podemos constatar que, para as diferenças verificadas estatisticamente, são os atletas mais velhos que evidenciam os indicadores motivacionais mais elevados para

esta categoria/dimensão. Estes resultados vão ao encontro dos estudos realizados por Sousa (2003) e Gomes (2006).

- Quanto à pergunta 4 (descarregar energias), referente à categoria/dimensão motivacional “emoções”, existem diferenças estatisticamente muito significativas entre os escalões Infantis e Juniores. Também nesta análise podemos constatar que, para as diferenças constatadas, são os atletas mais velhos que evidenciam os indicadores motivacionais mais elevados para esta categoria/dimensão. Os resultados encontrados vão ao encontro do estudo efetuado por Freitas (1997).

- Referente à pergunta 5 (viajar), referente à categoria/dimensão motivacional “Estatuto”, existem diferenças estatisticamente muito significativas entre os escalões Benjamins e Iniciados, entre os Infantis e Iniciados, e entre Iniciados e Juniores. Verificam-se ainda diferenças estatisticamente significativas entre os Benjamins e Juvenis, entre Infantis e Juniores, e entre Iniciados e Juvenis. Para esta pergunta, apesar de todas estas diferenças identificadas, as médias de resposta são baixas, à exceção do escalão Iniciados. Este indicador (viajar) parece ser um fator motivacional pouco relevante para a maioria das faixas etárias, no nosso estudo. Estes resultados estão em consonância com o estudo realizado por Silva et al. (2003).

- No que se refere à pergunta 7 (ter emoções fortes), pertencente à categoria/dimensão motivacional “emoções”, verificamos diferenças estatisticamente muito significativas entre os Benjamins e os Iniciados e entre os Infantis e os Iniciados. Verificamos ainda diferenças estatisticamente significativas entre os Iniciados e os Juniores. Para este indicador motivacional, o escalão de formação Iniciados evidenciam os valores mais elevados, entre os sujeitos da amostra. Estes resultados vão ao encontro dos estudos efetuados por Freitas (1997) e Fonseca e Maia (2000).

- Relativamente à pergunta 14 (receber prémios), referente à categoria/dimensão motivacional “estatuto”, constatámos diferenças estatisticamente muito significativas entre os Benjamins e Iniciados, entre os Infantis e Iniciados, entre os Iniciados e Juvenis e entre os Iniciados e Juniores. Neste indicador motivacional, o escalão de formação Iniciados apresenta os valores mais elevados em relação aos restantes escalões de formação. Estes resultados são semelhantes aos realizados por Freitas (1997) e Sousa (2003).

- No que refere à pergunta 16 (ter alguma coisa para fazer), referente à categoria/dimensão motivacional “prazer”, verificámos existirem diferenças estatisticamente muito significativas entre os Iniciados e Juniores. Verificámos ainda diferenças estatisticamente significativas entre os Infantis e Juniores. Nesta análise podemos constatar que, para as diferenças verificadas estatisticamente, são os atletas mais novos (Infantis e Iniciados) que evidenciam os indicadores motivacionais mais elevados para esta categoria/dimensão. Estes resultados são idênticos aos dos estudos realizados por Fonseca e Ribeiro (1994) e Fernandes (2006).

- Quanto à pergunta 17 (ter ação), referente à categoria/dimensão motivacional “forma física”, verificamos diferenças estatisticamente significativas entre os Iniciados e Juniores. Na análise efetuada, podemos constatar que, para as diferenças constatadas, são os atletas mais novos que evidenciam os indicadores motivacionais mais elevados para esta categoria/dimensão. Estes resultados vão ao encontro de distintos estudos (Cruz e Cunha, 1990; Frias e Serpa, 1991; Costa, 1991; Ribeiro, 1991; Serpa, 1992; Fonseca e Fontainhas, 1993; Pimentel, 1993; Batista, 1993; Rego, 1995; Neves, 1996; Bonito, 1998; Cid, 2002; Fernandes, 2006).

- No que concerne à pergunta 18 (espírito de equipa), referente à categoria/dimensão motivacional “afiliação específica”, verificámos diferenças estatisticamente significativas entre os Benjamins e Iniciados. Para este indicador motivacional, o escalão de formação Benjamins, apresenta os valores mais elevados, sendo assim os atletas mais novos a apresentar os melhores resultados. Os resultados encontrados estão em concordância com os estudos efetuados por Serpa (1992), Rego (1995) e Morouço (2006).

- Relativamente à pergunta 21 (ter a sensação de ser importante), referente à categoria/dimensão motivacional “estatuto”, verificámos diferenças estatisticamente muito significativas entre Infantis e Iniciados. Neste indicador, os atletas do escalão de formação Iniciados, apresentam valores mais elevados e positivos em relação ao escalão de formação Infantis. Estes resultados vão ao encontro do estudo efetuado por Fonseca e Maia (2000).

- No que diz respeito à pergunta 25 (ser conhecido/a), referente à categoria/dimensão motivacional “estatuto”, verificamos diferenças estatisticamente muito significativas entre Benjamins e Iniciados, entre os Infantis e Iniciados, entre os Iniciados e Juvenis e entre Iniciados e Juniores. Para este indicador motivacional, o escalão de formação Iniciados, evidencia valores bastante mais elevados e positivos para este indicador, entre os sujeitos da amostra. Estes resultados são análogos aos dos estudos realizados por Rego (1995) e Silva et al. (2003).

- Na pergunta 27 (influência dos treinadores), referente à categoria/dimensão motivacional “afiliação específica” verificaram-se diferenças estatisticamente muito significativas entre os Iniciados e Juniores. Para a mesma pergunta verificámos diferenças estatisticamente significativas entre os Benjamins e Juniores. Nesta análise podemos constatar que, para as diferenças verificadas estatisticamente, são os atletas mais novos que evidenciam os indicadores motivacionais mais elevados para esta categoria/dimensão, sendo que o escalão de formação Iniciados apresenta um valor elevado. Os resultados encontrados são semelhantes aos estudos realizados por Bonito (1998) e Gomes (2006).

- No que concerne à pergunta 28 (ser reconhecido/a e ter prestígio), referente à categoria/dimensão motivacional “estatuto”, constatámos existirem diferenças estatisticamente muito significativas entre os Infantis e Iniciados e entre os Iniciados e Juniores. Para a mesma pergunta constatámos diferenças estatisticamente

significativas entre os Iniciados e Juvenis. Neste indicador motivacional, o escalão de formação Iniciados, apresenta os valores mais elevados em relação aos sujeitos dos restantes escalões de formação. Assim sendo são os sujeitos mais novos que apresentam os valores de destaque, estando estes resultados em concordância com o estudo efetuado por Fonseca e Maia (2000).

- Relativamente à pergunta 30 (prazer na utilização das instalações e material desportivo), referente à categoria/dimensão motivacional “prazer”, verificamos diferenças estatisticamente muito significativas entre Iniciados e Juniores. Os atletas mais novos apresentam valores mais elevados neste indicador motivacional. Estes resultados vão ao encontro do estudo efetuado por Batista (1993).

Capítulo VII

Conclusões

7. Conclusões

O nosso estudo pretendeu verificar as motivações pelas quais as crianças e jovens, de diferentes idades e de ambos os géneros, das regiões de Castelo Branco e Coimbra escolhem o futebol como prática desportiva, analisando quais as categorias/dimensões que mais influenciam essas motivações. O resultado da nossa investigação permitiu-nos concluir que as categorias/dimensões motivacionais mais privilegiadas por parte das crianças e jovens são o “desenvolvimento de competências”, a “afiliação específica”, a “forma física”, a “competição” e o “prazer”. A categoria/dimensão motivacional menos privilegiada foi o “estatuto”.

Na nossa investigação, também procurámos averiguar se existiam diferenças ao nível das motivações pelas quais os sujeitos da amostra escolhem o futebol como prática desportiva, fazendo comparação entre os sujeitos do género masculino e feminino. Concluímos que na comparação entre os sujeitos não se verificaram diferenças estatisticamente significativas em nenhuma pergunta do questionário, logo, em nenhuma categoria/dimensão motivacional.

Outro ponto do nosso estudo foi verificar se existiam diferenças ao nível das motivações pelas quais os sujeitos da amostra escolhem o futebol como prática desportiva, efetuando comparação entre os sujeitos da região de Castelo Branco e Coimbra. Concluímos neste ponto que apenas existem diferenças estatisticamente significativas, na comparação dos sujeitos das duas regiões na categoria/dimensão motivacional “Estatuto” e “Afiliação Específica”, não nos parecendo estes resultados ser um facto de grande relevância.

Por fim, também procurámos averiguar com a nossa investigação se existiam diferenças ao nível das motivações pelas quais os sujeitos da amostra escolhem o futebol como prática desportiva, realizando comparação entre os sujeitos dos distintos escalões etários. Verificámos que os sujeitos mais novos da amostra atribuem ao nível das motivações valores mais elevados nas categorias/dimensões motivacionais “estatuto”, “prazer”, “forma física” e “afiliação específica. Na categoria/dimensão motivacional “emoções”, tanto os sujeitos mais novos como os sujeitos mais velhos atribuem valores altos, para este indicador motivacional. Por último, na categoria/dimensão motivacional “Competição”, são os sujeitos mais velhos da amostra a atribuir valores mais elevados para este indicador motivacional.

Concluímos assim, que existem diferenças estatisticamente significativas e muito significativas ao nível das motivações pelas quais os sujeitos da amostra escolhem o futebol como prática desportiva na comparação entre os sujeitos dos distintos escalões etários, sendo essas diferenças notórias nas categorias/dimensões motivacionais “estatuto”, “emoções”, “prazer”, “competição”, “forma física e “afiliação específica”.

7.1. Verificação das Hipóteses de Estudo Formuladas

Neste ponto, iremos realizar a verificação de todas as hipóteses de estudo formuladas. Assim sendo:

Hipótese 1 – As motivações pelas quais as crianças e jovens, de diferentes idades e de ambos os géneros, da região de Castelo Branco e Coimbra escolhem o futebol como prática desportiva, recaem sobre as categorias/ dimensões motivacionais: “estatuto”, “emoções”, “prazer”, “competição” e “forma física”.

Verificação – a Hipótese 1 verifica-se parcialmente, pois somente as categorias/dimensões motivacionais “competição”, “forma física e “prazer, são apontadas pelos sujeitos da amostra como as mais preponderantes, entre as enunciadas na hipótese 1.

Hipótese 2 – Existem diferenças estatisticamente significativas ao nível das motivações pelas quais os sujeitos da amostra escolhem o futebol como prática desportiva, comparando os sujeitos do género masculino com os do género feminino, apresentando os elementos do género masculino melhores indicadores motivacionais.

Verificação – A Hipótese 2 não se verifica, pois, não existem diferenças estatisticamente significativas em nenhuma categoria/dimensão motivacional, na comparação entre os sujeitos do género masculino com os do género feminino.

Hipótese 3 – Não existem diferenças estatisticamente significativas ao nível das motivações pelas quais os sujeitos da amostra escolhem o futebol como prática desportiva, comparando os sujeitos da região de Castelo Branco, com os sujeitos da região de Coimbra.

Verificação - A Hipótese 3 verifica-se parcialmente, já que, das oito categorias/dimensões motivacionais, apenas existem diferenças estatisticamente significativas, na comparação dos sujeitos das duas regiões, nas categorias/dimensões motivacionais “estatuto” e “afiliação específica”.

Hipótese 4 – Existem diferenças estatisticamente significativas, ao nível das motivações pelas quais os sujeitos da amostra escolhem o futebol como prática desportiva, comparando os sujeitos dos distintos escalões etários, entre si, apresentando os sujeitos mais novos melhores indicadores motivacionais.

Verificação - A Hipótese 4 verifica-se parcialmente, pois, nas categorias/dimensões motivacionais “estatuto”, “prazer”, forma física e “afiliação específica”, são os sujeitos mais novos da amostra que apresentam os valores mais elevados. Na categoria/dimensão motivacional “emoções”, tanto os atletas mais novos como os mais velhos apresentam valores altos. Na categoria/dimensão motivacional “competição”, são os indivíduos mais velhos da amostra que apresentam os resultados mais elevados.

7.2. Perspetivas de Investigação: Limitações e Sugestões

Nas perspetivas de investigação vamos aludir as limitações encontradas na elaboração da nossa investigação e ainda, iremos apontar algumas sugestões para futuras investigações com a temática do nosso estudo.

7.2.1. Limitações

Na elaboração da investigação foi aplicado o Questionário QMAD versão traduzida por Serpa e Frias (1990), do PMQ de Gill et al. (1983), que serviu de instrumento de recolha de dados, o que requereu a participação por parte dos sujeitos da amostra e dos seus encarregados de educação. Os encarregados de educação foram quem autorizaram os sujeitos da amostra na participação do estudo, assinando um termo de consentimento. Este procedimento foi realizado pelo facto de os sujeitos participantes no estudo serem menores de idade, o que levou em muitos casos que o consentimento fosse negado, conseqüentemente limitou a recolha de dados.

Outro problema que encontrámos na recolha de dados foi a falta de abertura de alguns clubes e treinadores, pois, consideravam ser uma perda de tempo do período de treino assim como do período de competição na recolha dos dados.

Por fim, após a distribuição dos questionários surgiu um entrave na recolha dos mesmos. Apesar de constantemente nos deslocarmos aos clubes para fazer o levantamento dos questionários distribuídos, por vezes os sujeitos não os traziam, ou não eram entregues por parte dos sujeitos aos seus encarregados, ou mesmo, alegavam que os tinham perdido. Devido a esta situação o tamanho da amostra foi mais reduzido, do que inicialmente pretendíamos.

7.2.2. Sugestões

Como referido anteriormente, vamos agora apontar algumas sugestões para futuras investigações com a temática do nosso estudo.

Na nossa opinião, em futuras investigações, a amostra poderá ser bastante superior à do nosso estudo e se possível com um maior número de equipas localizadas em regiões diferentes. Ainda relativamente à amostra, quanto à idade dos sujeitos, selecionar sujeitos de idades superiores à da nossa investigação, com o intuito de verificar se os motivos dos sujeitos mais velhos são semelhantes aos dos sujeitos mais novos.

Outra sugestão, passa pela aplicação da nossa investigação a atletas de outras modalidades desportivas que ainda não tenham sido abordadas por outros investigadores, com o intuito de verificar se existem diferenças entre os atletas de diferentes modalidades desportivas.

Por último, para que futuramente não haja relutância por parte dos atletas, dos pais, dos encarregados de educação, dos treinadores e dos clubes, é nossa convicção, que se deve fazer uma maior aproximação entre as pessoas e as entidades com a investigação no terreno, pois, para muitos a investigação é considerada uma perda de tempo para o período de treino e para o período de competição.

Bibliografia

Bibliografia

- Adams, J. (1963). Toward an Understanding of Inequity. *Journal Of Abnormal and Social Psychology*, 422-436.
- Alderfer, C. (1969). An emperial test of a new theory of human needs. *Organizational Behaviou and Human Performance*, vol.4, n^o 2 , 142-175.
- Alderman, R., & Wood, N. (1976). An analysis of incentive motivation in young canadian athletes. *Canadian Journal of Applied Sport Sciences*, n^o1 , 169-176.
- Alderman, R. (1978). Strategies for motivating young athletes. *Sport Psychology*, 136-148.
- Almeida, A. (2009). *Influência de um Programa de Futebol na Formação e Socialização do Cidadão com Deficiência Intelectual*. Porto: Faculdade de Desporto. Universidade do Porto.
- Alves, D. (2003). *Determinantes Motivacionais para as Aulas de Educação Física*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Universidade do Porto.
- Alves, J., Brito, A., & Serpa, S. (1996). *Psicologia do Desporto, Manual do Treinador*. Psicosport Edições.
- Alves, J., & Lourenço, A. (2003). Tradução e Adaptação do Questionário de Motivação para o Exercício. *Desporto, Investigação e Ciência*, n^o2, 3-23.
- Antón, A., & Rodríguez, G. (2012). *Las teorías sobre la motivación y su aplicación a la actividad física y el deporte*. Obtido em 22 de Agosto de 2014, de efdeportes.com:
<http://www.efdeportes.com/efd164/las-teorias-sobre-la-motivacion-y-el-deporte.htm>
- Araújo, D. (2002). *Psicologia do Desporto e do Exercício*. Lisboa : Faculdade de Motricidade Humana & Sociedade Portuguesa de Psicologia do Desporto.
- Araújo, J. (1995). *Manual do Desporto Profissional*. Porto: Campo de Letras Editoriais.
- Ardá, T., & Casal, C. (2003). *Futebol. Metodologia de la Enseñanza del Fútbol*. Barcelona: Editorial Paidotribo.
- Arkes, H., & Garske, J. (1977). *Psychological theories of motivation*. Monterey: Brooks/Cole.
- Bandura, A. (1986). *Social foundations of thought and action: A social cognitive theory*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- Bandura, A. (1989). *Human agency in social cognitive theory*. *American Psychologist*.
- Bangsbo, J. (1994). *The Physiology of the soccer, whith special reference to intense intermittent exercise*. Copenhagen: August Krogh Institute. University of Copenhagen.
- Barreiros, M., Colaço, C., & Preto, J. (1986). *Métodos de análise quantitativa*. Lisboa: Instituto Superior de Educação Física.
- Batista, P. (1993). *Motivação para a prática desportiva*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Universidade do Porto.
- Bellos, A. (2001). *Futebol: O Brasil em Campos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bennett, J., Campbell, R., Hogarth, S., & Lubben, F. (2005). Systematic reviews of research in science education: rigour or rigidity. *International Journal of Science Education*, n^o27, vol.4 , 387-406.

- Bento, J. (1991). Desporto na escola, desporto no clube. *Revista Horizonte*, vol.VII, nº 42 .
- Bento, J. (2001). *O mundo sem desporto ficaria empobrecido*. Revista Desporto, ano IV,nº 31.
- Bento, J. (2004). *Desporto - Discurso e Substância*. Porto: Campo das Letras.
- Berl, R., & Williamson, N. (1987). A Review of the Content Theories Of Motivation as They Apply to Sales and Sales Management. *American Business Review*, 53-64.
- Biddle, S. (1993). Attribution Research and Sport Psychology. In R. Singer, M. Murphey, & L. Tennant, *Handbook of research in sport psychology* (pp. 421-436). New York: MacMillan.
- Biddle, S. (1999). *Targeting goal: but which goal ? Motivating the child in football*. The F.A. Coaches Association Journal, 4, 40.
- Bonito, L. (1998). *Da Motivação ao Estilo de Liderança Preferido*. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Coimbra.
- Brito, A. (2001). *Psicologia do Desporto. Representações e Serviços. 2ª Edição*. Lisboa : Omniserviços.
- Brodkin, P., & Weiss, M. (1990). Developmental differences in motivation for participating on competitive swimming. *Sports Exercise Psychology*, 248-263.
- Brustad, R. (1993). *Youth sport: Psychological Consideration*. New York: McMillan.
- Buhler, C. (1990). *A Psicologia na vida do nosso tempo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Buonamano, R., Cei, A., & Mussino, A. (1993). Participation motivation in Italian youth sport. *Psicologia do Desporto. Uma Perspectiva Integrada* (pp. 418-421). Lisboa: Atas/Procedimentos do 8º Congresso Mundial da Psicologia Desportiva.
- Calvo, J. (2007). *Conocimiento, Innovación y emprendedores: camino al futuro*. Espanha: Universidade de La Rioja.
- Camargo, G. (2002). *Diccionario Básico Del Deporte y la Educación Física*. Colômbia: Kinesis.
- Campbell, D., & Warren, E. (1999). Sex Differences in the Activity Level of Infants. *Infant and Child Development*, nº 8 , 1-17.
- Campbell, P., Macauley, D., McCrum, E., & Evans, A. (2001). Age differences in the motivation factors of exercise. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, nº 23, 191-199.
- Cannellas, A., & Soria, M. (1991). *La animación deportiva*. Barcelona: INCE Publicações.
- Carneiro, E. (2011). *Autopercepções e Prática Desportiva. Um estudo com alunos do Curso de Educação e Formação de uma Escola Básica*. Porto: Faculdade de Desporto. Universidade do Porto.
- Carta Europeia do Desporto. (1995). *Carta Europeia do Desporto*. Holanda: Concelho Europeu.
- Castelo, J. (1994). *(A) O Ensino dos Desportos Colectivos*. Lisboa: Edições FMH.
- Castelo, J. (1994). *(B) Futebol - Modelo Técnico - Tático do Jogo*. Lisboa: Edições FMH.
- Castelo, J. (2004). *Os Métodos de Treino do Futebol. Ludens, Vol.17, nº 4*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana. Serviços de Edições.
- Castelo, J. (2009). *Futebol - Organização dinâmica do jogo. 3ª Edição*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.

- Cecchini, J., & Méndez, G. &. (2005). *Motivos de abandono de la práctica del deporte juvenil*. Universidad de Castilla-La Mancha.
- Cid, L. (2002). *Alteração dos Motivos para a Prática Desportiva das Crianças e Jovens*. Obtido em 4 de Agosto de 2014, de Efdeportes. Revista Digital : <http://www.efdeportes.com/efd55/motiv.htm>
- Coelho, J. (2001). *Portugal a Equipa de Nós - Nacionalismo, Futebol e Media*. Porto: Edições Afrontamento.
- Coelho, J., & Pinheiro, F. (2002). *A Paixão do Povo - História do Futebol em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento.
- Cofer, C. (1972). *Motivation and Emotion*. Glenview: Scott Foresman and Company.
- Constantino, J. (1993). O Cidadão e o Desporto. Novas tendências do desporto actual. *Revista Horizonte*. vol. IX nº 54 , 205-210.
- Costa, A. (1992). Desporto e Análise Social. *Sociologia - Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 101-110.
- Costa, A. (2007). *Prática Desportiva e Rendimento Académico. Um estudo com Alunos do Ensino Secundário*. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Coimbra.
- Costa, L. (2008). *Motivação para a Participação e Abandono Desportivo de Jovens em Idade Escolar*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Desporto.
- Costa, R. (1991). *Factores motivacionais dos jovens praticantes de voleibol*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Universidade do Porto.
- Cruz, J., & Cunha, A. (1986). *Avaliação Psicológica da Selecção Regional: Relatório de Estágio das Selecções Regionais*. Braga: Associação de Andebol de Braga.
- Cruz, J. (1988). *Motivação para a Competição Desportiva*. Revista Portuguesa de Educação: Universidade do Minho.
- Cruz, J., & Costa, F. (1988). *Motivação para a prática do voleibol e razões para o abandono*. Braga: Universidade do Minho.
- Cruz, J., Costa, F., Rodrigues, R., & Ribeiro, F. (1988). Motivação para a competição e prática desportiva. *Revista Portuguesa de Educação, nº 1, vol. 2, 113-124*.
- Cruz, J., & Viana, M. (1989). *Motivation in competitive team sports: a study of Portuguese Volleyball and Handball participation and dropouts*. Singapore: 7 th World Congress of Sport Psychology.
- Cruz, J., & Cunha, A. (1990). Avaliação Psicológica. *Sete Metros, nº 7, 52-58*.
- Cruz, J. (1996). *Motivação para a competição e prática desportiva*. Braga: Cruz.
- Davidoff, L. (1983). *Introdução à Psicologia*. São Paulo: McGraw - Hill Ltda.
- Deci, E., & Ryan, R. (1985). *Intrinsic Motivation and Self - Determination in Human Behavior*. New York: Plenum.
- Deci, E., & Ryan, R. (2000). The what and why of goal pursuits: Human needs and the self - determination of behavior. *Psychological Inquiry, nº11, 227-268*.
- Deese, J. (1964). *Principles of psychology*. Boston: Allyn & Bacon.
- Dietrich, G., & Walter, H. (1978). *Vocabulário Fundamental da Psicologia*. São Paulo: Lexis.

- Elias, N., & Dunning, E. (1986). *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel.
- Estrela, A., & Ferreira, J. (1997). *Métodos e Técnicas de Investigação Científica em Educação*. VII Congresso da AIPELF/ AFIRSE: Universidade de Lisboa.
- Estriga, M., & Cunha, A. (2003). *Motivação para a Prática do Andebol. Motivos de Escolha e de Prática do Andebol por Jovens Atletas do Sexo Feminino*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Universidade do Porto.
- Evans, M. (1987). *Physical competence and the development of children's peer relations*. Quest.
- Federação Portuguesa de Futebol. (2014). *História - Seleção A*. Obtido em 1 de Setembro de 2014, de Federação Portuguesa de Futebol:
<http://www.fpf.pt/Sele%C3%A7%C3%B5es/Futebol/Masculino/Sele%C3%A7%C3%A3o-A/Hist%C3%B3ria>
- Feliu, J. (1997). *Factores motivacionales en el deporte infantil y asesoramiento psicológico a entrenadores y padres*. Madrid: Sintesis.
- Ferguson, E. (1976). *Motivation: an experimental approach*. New York: Holt Rinehart & Winston.
- Fernandes, P. (2006). *Cofebol. Um estudo sobre as Motivações dos Jovens entre os 15 anos e os 19 anos para a Prática Desportiva*. Lisboa: Universidade Lusófona.
- Fernando, M. (1990). *Aspectos sociales del Deporte - Una Reflexion Sociológica*. Madrid: Alianza Editorial.
- Ferrando, M., Barata, N., & Otero, F. (1998). *Sociologia del Deporte*. Madrid: Alianza Editorial.
- Ferreira, M. (1999). *Motivação Desportiva e Percepção de ameaça na competição em atletas de diferentes escalões e níveis competitivos do futebol de 11 Juvenil Masculino*. Porto: Faculdade de Ciência do Desporto e Educação Física. Universidade do Porto.
- Fonseca, A. (1993). *Motivação para a Prática Desportiva*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Universidade do Porto.
- Fonseca, A., & Fontainhas, M. (1993). Participation motivation in portuguese competitive gymnastic. Granada: Congresso Mundial de Ciências de la Actividad y el Deport.
- Fonseca, A., & Ribeiro, A. (1994). *Participation motives for trampoline's practice, A study with elite athletes*. Granada: Congresso Mundial de Ciências de la Actividad y el Deport.
- Fonseca, A. (1995). Motivos para a prática desportiva: Investigação desenvolvida em Portugal. *Revista crítica de desporto e de educação física*, 49-62.
- Fonseca, A., & Maia, J. (2000). *A motivação dos jovens para a prática desportiva federada*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Universidade do Porto.
- Fonseca, A. (2001). *Estudo sobre a Motivação*. Porto: Faculdade de Desporto. Universidade do Porto.
- Fonseca, A. (2004). Da motivação para a prática desportiva juvenil ao seu abandono ou das perspectivas ou das influências dos realizadores aos comportamentos dos actores. *Revista Portuguesa de Ciência do Desporto*, vol.4, nº 2, 52-53.
- Fonseca, V. (2001). *Psicomotricidade*. Lisboa: Âncora.
- Ford, M. (1992). *Motivating Humans: Goals, Emotions and Personal Agency Beliefs*. Boston: Sage.

- Freitas, N. (1997). *Motivação dos jovens para a prática do Futebol*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Universidade do Porto.
- Freud, S. (1953). *The interpretation of dreams. The standart edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*. London: Hogard.
- Frias, J., & Serpa, S. (1991). Factores de motivação para a actividade gímnica no quadro da ginástica geral, ginástica de manutenção e ginástica de representação. In J. Bento, & A. Marques, *As Ciências do Desporto e a Prática Desportiva* (pp. 169-179).
- Fry, D., McClements, J., & Sefton, J. (1981). *A report on participation in the Saskatoon Hockey Association*. Saskatoon, Canadá: Sask Sport.
- Galeano, E. (1995). *El Fútbol a Sol y Somnbra*. Montevidéo: Ediciones del Canchito.
- Garganta, J., & Pinto, J. (1994). O ensino do futebol. In A. Graça, & J. Oliveira, *O ensino dos jogos desportivos* (pp. 11-25). Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e educação Física. Universidade do Porto.
- Garganta, J. (1997). *Modelação táctica do jogo de Futebol. Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.
- Garganta, J. (2006). Futebol: Uma arte em busca da ciência e da consciência. *Revista Horizonte*. Vol.XXXI, nº 132, 21-25.
- Gill, D., Gross, J., & Huddleston, S. (1983). Participation Motivation in Youth Sports. *International Journal of Sport Psychology*, nº 14, 1-14.
- Gill, D. (2002). Gender and sport behavior. In T. Horn, *Advances in sport psychology* (pp. 355-375). Champaign: Human Kinetics.
- Giulianotti, R. (2002). *Sociologia do Futebol: Dimensões Históricas e Socioculturais do Esporte das Multidões*. São Paulo: Nova Alexandria.
- Gomes, C. (2006). *Motivação para a Prática do Futebol. Motivos para a prática, objectivos de realização e crenças quanto às causas de sucesso, de jovens pertencentes a escalões de formação de Futebol*. Porto: Faculdade de Desporto. Universidade do Porto.
- Gonçalves, C. (2003). *Factores de Influência da Actividade Física nos Adolescentes Asmáticos*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Universidade do Porto.
- Gould, D., Feltz, D., & Weiss, M. (1985). Motives for participating in competitive youth sports. *International Journal of Sport Psychology*, nº 16, 126-140.
- Guedes, D., & Netto, J. (2013). Participation Motivation Questionnaire: tradução e validação para o uso em atletas jovens brasileiros. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, nº 27, 144.
- Guerra, I. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo - Sentidos e Formas de Uso*. Estoril: Príncipia Editora.
- Guimarães, A. (2008). *Motivos que levam os Treinadores a iniciar e a proceguir uma carreira desportiva e os seus comportamentos de liderança: carreira desportiva e os seus comportamentos de liderança: estudo com Treinadores de Andebol da Zona Norte*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Desporto.
- Guttman, A. (1994). *Games & Empires. Modern sports & cultural imperialism*. New York: Columbia University Press.

- Harter, S. (1985). *The Self-Perception Profile for Children: Revision of the Perceived Competence Scale for Children*. Denver: University of Denver.
- Heckhausen, J., & Dweck, C. S. (1998). *Motivation and Self-Regulation Across the Life Span*. New York: Cambridge University Press.
- Heider, F. (1958). *The psychology of interpersonal relations*. New York: Wiley.
- Herzberg, F., Mausner, B., & Snyderman, B. (1959). *The Motivation to Work*. New York: John Wiley and Sons.
- Huizinga, J. (2003). *Homo Ludens: Um estudo sobre elemento lúdico da cultura*. Lisboa: Edições 70.
- Hull, C. (1952). *A Behavior System*. New Haven, Conn: Yale University Press.
- Klint, K., & Weiss, M. (1987). Perceived competence and motives for participation in youth sports. *Journal of Sport Psychology*, nº 9, 55-65.
- Koivula, N. (1999). Sport participation: differences in motivation and actual participation due to gender typing. *Journal of Sports Behaviour*, nº 22, 360-380.
- Lemos, M. (1993). *A motivação no processo de ensino / aprendizagem, em situação de aula*. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade do Porto.
- Lewin, K. (1936). *Principles of topological psychology*. New York: McGraw - Hill.
- Lieury, A., & Fenouillet, F. (2000). *Motivação e aproveitamento escolar*. São Paulo: Loyola.
- Lima, T. (1988). *Educação Física e Desporto*. Lisboa: Edição Livros Horizonte.
- Locke, E., & Latham, G. (1985). The application of goal setting to sports. *Journal of Sports Psychology*, 205-222.
- Longhurst, K., & Spink, K. (1987). Participation motivation of Australian children involved in organized sport. *Canadian Journal of Sport Sciences*, nº 12, 24-30.
- Macagnan, L. (2013). *Qualidade de vida, Motivação e o Desempenho Desportivo em Jovens Jogadores de Futebol de Elite*. Porto: Faculdade de Desporto. Universidade do Porto.
- Malta, P., & Travassos, B. (2014). Caracterização da transição defesa - ataque de uma equipa de Futebol. *Motricidade*. vol.10, nº 1, 27-37.
- Marinho, D. (2007). *Valor Estético do Futebol. O olhar do apreciador com conhecimentos profundos do jogo*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Desporto.
- Marivoet, S. (1991). Hábitos Desportivos da População Portuguesa. *Revista Horizonte*. Vol.VII, nº 42, 191-195.
- Marivoet, S. (1996). Desporto - Do ideal à realidade. *Revista Horizonte*. Vol. XII, nº 71, 193-196.
- Marivoet, S. (1998). *Aspectos Sociológicos do Desporto*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Marivoet, S. (2001). *Hábitos desportivos da população portuguesa*. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.
- Marivoet, S. (2002). *Aspectos sociológicos do desporto*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Marivoet, S. (2005). Prática desportiva nos estilos de vida dos Europeus: Obstáculos e Tendências. In R. M. Gomes, *Os Lugares do Lazer* (pp. 39-53). Lisboa: Instituto do Desporto de Portugal.

- Markland, D., & Ingledew, D. (1997). The measurement of exercise motives: Factorial validity and invariance across gender of a revised Exercise Motivations Inventory. *British Journal of Health Psychology*, *n*º2 , 361-376.
- Marques, A. (1997). *As actividades físicas de complemento curricular na ocupação dos tempos livres. Um estudo em escolas do 2º Ciclo do Ensino Básico do Concelho de Aveiro*. Porto: Faculdade de Ciências Desportivas e Educação Física. Universidade do Porto.
- Marques, H. (2002). *A Coeducação no Ensino Secundário. Estudo sobre a Actividade Física em Alunas do 12º Ano da Escola Secundária de Pombal*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Universidade do Porto.
- Maslow, A. (1954). *Motivation and Personality*. New York: Harper and Row.
- McClelland, D., & Atkinson, J. (1948). The projective expression of needs II. The effect of different intensities of the hunger drive on thematic apperception. *Journal of Experimental Psychology*, *38*, 643-658.
- McClelland, D. (1961). *The achieving society*. Princeton: Van Nostrand.
- Mook, D. (1987). *Motivation: The organization of action*. New York: W.W. Norton & Company.
- Morouço, P. (2007). *Avaliação dos Factores Psicológicos Inerentes ao Rendimento: Estudo Realizado em Nadadores Cadetes do Distrito de Leiria*. Obtido em 4 de Agosto de 2014, de O portal dos Psicólogos: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0350.pdf>
- Morris, C., & Maisto, A. (2004). *Introdução à Psicologia*. São Paulo: Prentice Hall.
- Morris, D. (1981). *A tribo do futebol. 4ª Edição*. Lisboa: Europa América.
- Mota, J. (1997a). *O valor da actividade física par uma educação de estilos de vida*. In I. C. AEPEC, *A escola cultura e os valores* (pp. 169-176). Colecção Mundo de Saberes: Porto Editora.
- Mota, J. (1997b). *A actividade física no lazer. Reflexões sobre a sua prática*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Mota, J. (2001). A escola, a promoção da saúde e a condição física. Que relações. *Revista Horizonte*, *vol.12, nº 98* , 33-36.
- Mota, J., & Sallis, J. (2002). *Actividade Física e Saúde. Factores de Inluência da Actividade Física nas Crianças e nos Adolescentes*. Porto: Campo de Letras Editores.
- Moutão, J. (2005). *Motivação para a Prática de Exercício Físico - Estudo dos Motivos para a Prática de Actividades de Fitness em Ginásios*. Vila Real : Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro.
- Murad, M. (2006). *O futebol e a sociologia. O desporto entre lugares: o lugar das ciências humanas para a compreensão do desporto*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Desporto.
- Neto, C. (1994). Desporto Infantil: A Criança e a Actividade Desportiva. *Horizonte*, *vol. X, nº 60*, 203-206.
- Neves, J., & Domingos, N. (2004). *A época do futebol: o jogo visto pelas ciências sociais*. Lisboa : Assírio e Alvim.
- Neves, M. (1996). *A prática de actividades físicas desportivas extra-escolares dos alunos do ensino secundário do concelho de Matosinhos*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Universidade do Porto.
- Nicholls, J. (1989). *The competitive ethos and democratic education*. Cambridge: Harvard University Press.

- Ntoumanis, N. (2001). A self-determination approach to the understanding of motivation in physical education. *British Journal of Education Psychology*, vol.71, 225-242.
- Nunes, A., & Valério, N. (1996). *Contribuição para a História do Futebol em Portugal*. Lisboa: Gabinete de História Económica e Social.
- Nunes, M. (1995). Motivação para a prática desportiva. *Revista Horizonte*. Vol. XII, nº67, 13-17.
- Oliveira, T. (2004). *Estatística Aplicada*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ostrow, A., Jones, D., & Spiker, D. (1981). Age role expectations and sex role expectations for selected sport activities. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, nº 52, 216-227.
- Pajares, F., & Olaz, F. (2008). Teoria Social Cognitiva e Autoeficácia: Uma visão geral. In A. Bandura, R. G. Azzi, & S. Polydoro, *Teoria Social Cognitiva - Conceitos Básicos* (pp. 97-114). São Paulo: Artmed.
- Pereira, C. (1991). *Motivação e Pedagogia*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Petlichkoff, L. (1982). *Motives enterscholastic athletes have for participation and reasons for discontinuing involvement in school sport*. Michigan: Michigan State University.
- Pimentel, J. (1993). *Estudo sobre a motivação para a prática do basquetebol*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Universidade do Porto.
- Pinsach, J., & Corominas, J. (2002). *Entrenamiento psicológico en vela*. Barcelona: Editorial Paidotribo.
- Pires, G. (1993). A organização faz organização da organização. *Revista Ludens*, vol.13, nº 3/4 .
- Pires, G. (1996). *Desportos e política - paradoxos e realidades*. Funchal: Edições Desporto.
- Pires, J. (2011). *Avaliação da Intensidade de Esforço no Futebol. Jogos Reduzidos e Limite de Toques*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Pomar, C. (1997). *Actividade Física e Estereótipos de Género* . Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Porto Editora (2003 - 2014). *Futebol em Portugal*. Obtido em 29 de Agosto de 2014, de Infopédia. Enciclopédia e Dicionários Porto Editora: [http://www.infopedia.pt/\\$futebol-em-portugal](http://www.infopedia.pt/$futebol-em-portugal)
- Prévost, C. (2001). Motivação. In R. Doron, & F. Parot, *Dicionário de Psicologia* (p. 508). Lisboa: Climepsi Editores.
- Quivy, R., & Van Campenhoudt, L. (2003). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Ray, W. (1964). *The Science of psychology: an introduction*. New York: MacMillan.
- Rebelo, A. (1999). *Motivos e Causas do Sucesso no Desporto Escolar*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Universidade do Porto.
- Rego, M. (1995). *Motivação para a prática desportiva*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Universidade do Porto.
- Ribeiro, A. (1991). *Factores motivacionais para a prática de ginástica de trampolins*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Universidade do Porto.
- Rice, F. (2000). *Adolescencia. Desarrollo, relaciones y cultura*. Madrid: Prentice Hall.
- Roberts, G. (1992). *Motivation in Sport and Exercise*. Champaign: Human Kinetics.

- Roberts, G. (2001). *Advances in Motivation in Sports & Exercise*. Norwegian University of Sport Science Editors.
- Robertson, I. (1981). *Children's perceived satisfaction and stresses in sport*. Melbourne: Australian Conference on Health, Physical Education and Recreation.
- Rocha, C. (2009). *A motivação de adolescentes do ensino fundamental para a prática da educação física escolar*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana. Universidade Técnica de Lisboa.
- Rodrigues, C., & Andrade, M. (2013). *As finais europeias dos clubes portugueses*. Obtido em 1 de Setembro de 2014, de Jornal O Publico: <http://www.publico.pt/multimedia/infografia/as-finais-europeias-dos-clubes-portugueses-66>
- Rodrigues, E. (2006). *Jogo Duro: A História de João Havelange*. Rio de Janeiro: Record.
- Rogers, S., Ludington, J., & Graham, S. (1997). *Motivation & learning: A teacher's guide to building excitement for learning & igniting the drive for quality*. 3th Ed. Evergreen: Peak Learning Systems.
- Ryan, R., & Deci, E. (2002). *Overview of Self-Determination Theory: An organismic dialectical perspective*. Rochester: The University of Rochester Press.
- Sallis, J. (1993). Epidemiology of physical activity and fitness in children and adolescents. *Critical Reviews in Food Science and Nutrition*, n^o 33, vol.4/5, 403-408.
- Sallis, J., Prochaska, J., & Taylor, W. (2000). A review of correlates of physical activity of children and adolescents. *Medicine & Science in Sports & Exercise*, n^o 32, 963-975.
- Santos, L. (2011). *Qualidade, Satisfação e Lealdade dos Espectadores de Futebol*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Sapp, M., & Haubenstricker, J. (1978). *Motivation for Joining and Reasons for Not Continuing in Youth Sports Programs in Michigan*. Kansas City: American Alliance for Health, Physical Education, Recreation and Dance Conference.
- Sérgio, M. (2003). *Para uma nova dimensão do desporto*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Serpa, S., & Frias, J. (1990). *Estudo da relação professor/aluno em ginástica de representação e manutenção*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana. Universidade Técnica de Lisboa.
- Serpa, S. (1992). *Motivação para a prática desportiva*. Porto: Ministério da Educação.
- Serrano, R. (2009). *o Jogo de Salazar - A Política e o Futebol no Estado Novo*. Lisboa : Casa das Letras.
- Silva, C., Figueiredo, A., & Gonçalves, C. (2003). *Motivos para a Participação Desportiva*. Coimbra: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Universidade de Coimbra.
- Silva, D. (2001). *A maternidade na perspectiva de mães adolescentes e avós maternas dos bebês*. Brasil: Universidade Federal da Paraíba João Pessoa.
- Silva, F., Fernandes, L., & Celani, F. (2001). Desporto de crianças e jovens - um estudo sobre as idades de iniciação. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. Vol. 1, n^o 2, 45-55.
- Skinner. (1953). *Science and Human Behavior*. New York: Macmillan.
- Sobral, F. (1995). Motivos para a Prática Desportiva - Investigação Desenvolvida em Portugal . *Revista Crítica do Desporto e Educação Física*. N^o1, 49-62.
- Sousa, A. (2005). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte.

Sousa, J. (1998). *Contributo para o estudo do associativismo desportivo em Portugal*. Lisboa: Edições ISEF.

Sousa, L. (2003). *Motivação para a prática do Futebol*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Universidade do Porto.

Sousa, M. (2004). *O Desporto Escolar no concelho de Viseu: Que realidade, que motivação dos jovens para a sua prática ?* Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Desporto.

Standage, M., & Treasure, D. (2002). Relationship among achievement goal orientations and multidimensional situational motivation in physical education. *British Journal of Educational Psychology*, vol.72, 87-103.

Sutherland, G., & Morris, T. (1997). Gender and participation motivation in 13-15 year old adolescents. *Proceedings of the IX World Congress of Sport Psychology*. Israel, 676-678.

Teodorescu, L. (1983). Contributions au Concept de Jeu Sportif Collectif. Rome. Teaching team sport - International congress. *Scuela dello Sport*, 19-37.

Teodorescu, L. (1984). *Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos*. Lisboa: Livros Horizonte.

Thill, E., & Brunel, P. (1995). Ego involvement and task involvement: Related conceptions of ability, effort, and learning strategies among soccer players. *International Journal of Sport Psychology*, nº 26, 81-97.

Thomas, J., & Thomas, K. (1988). Development of gender differences in physical activity. *Quest*, nº 40, 219-229.

Trigueiros, T., Trigueiros, C., Martinez, R. C., Colmenares, C., Monge, A., & Alvarez, L. (2001). *Identidade e Género na Prática Educativa. Caderno da Coeducação*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.

Tukman, B. (2000). *Manual de Investgação em Educação. Como conceber a realizar o processo de investigação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Tuckman, B. (2002). *Manual de Investigação em Educação. 2ª Edição*. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa.

Vasconcelos, J. (2006). *A Prática Desportiva na Região do Vale do Sousa. Estudo sobre a oderta desportiva das Autarquias de Castelo de Paiva, Felgueiras, Lousada, Paredes, Paços de Ferreira e Penafiel*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Universidade do Porto.

Vazo, M. (2010). *Portugal ainda é quase só um país do futebol*. Obtido em 2 de Setembro de 2014, de Jornal Público: <http://www.publico.pt/noticia/portugal-ainda-e-quase-so-um-pais-de-futebol-1472876>

Vieira, T. (2007). *Prática Desportiva, Consumo de Tabaco e Saúde Percebida. Um estudo realizado em adolescentes do 3º ciclo do Ensino Básico*. Porto: Faculdade de Desporto. Universidade do Porto.

Violante, J. (2010). *O discurso noticioso em torno do Futebol*. Covilhã: Universidade da Beira Interior. Artes e Letras.

Vroom, V. (1964). *Work and Motivation*. New York: John Wiley and Sons.

Vroom, V. (1995). *Work and Motivation*. New York: John Wiley and Sons.

Wade, A. (1978). *Soccer*. Londres: EP Publishing Ltd.

Wankel, L., & Pabich, P. (1981). The minor sport experience: Factors contributing to or detracting from enjoyment. In T. Orlick, J. Partington, & J. Samela, *Mental training for coaches and athletes* (pp. 70-71). Ottawa, Ontario: Coaching Association of Canada.

Weinberg, R., & Gould, D. (1995). *Foundations of Sports Exercise Psychology*. Champaign - LLLinois: Human Kinetics Publishers.

Weinberg, R., Tenenbaum, G., Mckenzie, A., Jackson, S., Anshel, M., Grove, R., Fogarty, G. (2000). Motivation for youth participation in sport and physical activity: relationship to culture self reported activity levels, and genger. *International Journal of Sport Psychology*, n^o 31, 321-346.

Weinberg, R., & Gould, D. (2001). *Fundamentos da Psicologia do Desporto e do Exercício*. Porto Alegre: Artmed Editora.

Weiner, B. (1986). *An attributional theory of motivation and emotion*. New York: Springer-Verlag.

Weiner, B. (1992). *Human Motivation: Metaphors, Theories and Research*. Newburi Park: Sage Publications.

Anexos

Anexos

- A) Declaração de Consentimento e Informação;
- B) Questionário de Caraterização Pessoal;
- C) Questionário de Motivação para as Atividades Desportivas (QMAD) versão traduzida por Serpa e Frias (1990), do Participation Motivation Questionnaire (PMQ) de Gill, Gross, e Huddleston (1983);
- D) Base de Dados;
- E) Tabelas do Nível de Significância das Comparações entre Grupos os Escalões para cada pergunta (Análise Inferencial).

A. Declaração de Consentimento e Informação

DECLARAÇÃO

Eu, _____, declaro que autorizo o meu educando, _____, a participar do estudo “Motivações das crianças e jovens, de idades distintas, para a escolha do futebol como prática desportiva”, como parte da Tese de Mestrado na área de Atividade Física, a ser apresentada por Nuno Miguel Almeida Campos Dâmaso à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, com a orientação científica do Professor Doutor João Manuel Patrício Duarte Petrica, do Instituto Politécnico de Castelo Branco e do Professor Doutor Rui Miguel Duarte Paulo, do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Declaro ainda que autorizo a divulgação dos resultados globais obtidos, sendo preservado o nome e a identidade dos envolvidos.

____ de _____ de 2014

O Encarregado de Educação

B. Questionário de Caraterização Pessoal

QUESTIONÁRIO DE CARATERIZAÇÃO PESSOAL

GÉNERO: MASCULINO FEMININO

IDADE: _____

LOCALIDADE: _____

ESCALÃO DE FORMAÇÃO: _____

C. Questionário de Motivação para as Atividades Desportivas (QMAD) versão traduzida por Serpa e Frias (1990), do Participation Motivation Questionnaire (PMQ) de Gill, Gross, e Huddleston (1983).

QUESTIONÁRIO DE MOTIVAÇÃO PARA AS ATIVIDADES DESPORTIVAS (QMAD)

**Versão Traduzida por Serpa e Frias (1990), do Participation Motivation
Questionnaire (PMQ) de Gill, Gross, e Huddleston (1983).**

Na página são apresentadas várias afirmações relacionadas com os motivos que levam à escolha das atividades desportivas.

Por favor, leia cuidadosamente cada uma das afirmações e responda a todas com uma cruz no sítio destinado para tal.

O questionário é composto por 30 afirmações sendo que para cada afirmação existem 5 respostas possíveis:

- Nada Importante
- Pouco Importante
- Importante
- Muito Importante
- Totalmente Importante

Responda de forma sincera as questões colocadas, é muito importante para nós. Todas as informações recolhidas serão totalmente confidenciais e somente utilizadas para o estudo em causa.

Género: Masculino Feminino Idade _____

	Nada Importante	Pouco Importante	Importante	Muito Importante	Totalmente Importante
1. Melhorar as capacidades técnicas					
2. Estar com os amigos					
3. Ganhar					
4. Descarregar energias					
5. Viajar					
6. Manter a forma					
7. Ter emoções fortes					
8. Trabalhar em equipa					
9. Influência da família ou de amigos					
10. Aprender novas técnicas					
11. Fazer novas amizades					
12. Fazer alguma coisa em que se é bom					
13. Libertar a tensão					
14. Receber prémios					
15. Fazer exercício					
16. Ter alguma coisa para fazer					
17. Ter ação					
18. Espírito de equipa					
19. Pretexto para sair de casa					
20. Entrar em competição					
21. Ter a sensação de ser importante					
22. Pertencer a um grupo					
23. Atingir um nível desportivo mais elevado					
24. Estar em boa condição física					
25. Ser conhecido (a)					
26. Ultrapassar de desafios					
27. Influência dos treinadores					
28. Ser reconhecido (a) e ter prestígio					
29. Divertimento					
30. Prazer na utilização das instalações e material desportivo					

D. Base de Dados

	G	I	L	E	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30		
Suj1	1	8	1	1	4	3	1	4	3	4	4	4	5	3	3	3	4	3	4	3	3	4	1	3	1	3	3	3	4	3	4	4	3	4		
Suj2	1	10	1	1	3	3	5	4	2	3	4	5	3	5	3	3	4	3	5	3	2	5	3	3	3	3	4	5	3	3	4	1	2	5		
Suj3	1	9	1	1	3	3	3	4	2	4	4	5	5	4	3	4	4	3	4	3	4	5	3	3	2	3	3	3	2	3	4	4	4	5		
Suj4	1	9	1	1	5	4	3	4	3	5	3	5	5	5	3	5	3	4	5	4	4	5	1	5	4	4	5	5	4	5	5	5	4	5		
Suj5	1	10	1	1	5	5	3	2	2	5	4	5	1	4	5	4	4	3	5	2	5	5	1	5	2	5	5	5	3	5	3	4	5	3		
Suj6	1	13	1	3	3	4	5	3	4	3	5	4	4	4	3	5	4	4	4	4	4	5	2	4	4	4	5	5	4	5	4	5	4	5		
Suj7	1	13	1	3	4	4	4	4	4	5	5	5	5	5	5	4	5	5	5	5	5	4	4	1	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5		
Suj8	1	14	1	3	3	3	3	3	3	3	4	4	3	4	3	4	4	4	5	3	4	4	2	4	4	4	4	5	4	4	4	4	4	4		
Suj9	1	13	1	3	4	3	3	3	5	5	5	5	3	3	3	4	4	5	4	4	4	5	2	4	4	5	5	4	4	4	4	4	4	5		
Suj10	1	14	1	3	4	4	4	4	4	4	5	5	5	5	4	4	5	5	5	5	5	4	1	5	4	4	4	4	5	5	5	4	4	4		
Suj11	1	14	1	3	3	3	3	3	3	3	4	4	4	5	5	4	4	3	3	5	5	5	2	5	4	4	5	5	5	5	5	5	5	5		
Suj12	1	13	1	3	4	4	3	3	3	4	4	4	4	5	3	3	3	3	4	4	4	5	1	4	4	4	4	4	4	4	5	5	5	4		
Suj13	1	14	1	3	3	4	5	4	4	3	3	3	3	3	3	5	4	5	4	5	3	4	1	4	4	5	5	5	5	5	5	5	5	5		
Suj14	1	13	2	3	5	4	4	4	3	5	3	5	3	5	4	4	4	4	4	5	4	4	1	4	4	4	4	5	5	4	5	4	4	4		
Suj15	1	13	1	3	4	4	3	3	3	3	5	5	3	4	4	3	3	3	4	2	3	5	1	3	3	5	4	4	3	4	4	4	5	5		
Suj16	1	14	1	3	5	5	3	3	2	5	5	5	3	5	5	5	5	5	5	5	5	5	1	5	4	5	5	5	4	4	4	4	4	4		
Suj17	1	12	1	2	4	5	3	3	2	3	3	4	3	3	3	4	4	3	4	3	3	5	2	3	3	3	4	4	3	5	3	3	4	3		
Suj18	1	15	1	4	5	5	5	3	3	5	5	5	3	5	3	5	4	3	4	4	5	5	2	5	3	3	5	5	3	5	3	3	5	3		
Suj19	1	10	1	1	4	4	2	3	2	3	3	4	2	4	5	3	4	2	4	4	3	4	2	3	1	2	3	4	1	5	4	2	4	3		
Suj20	1	9	1	1	3	4	2	4	1	5	1	3	2	3	3	2	2	2	5	3	3	4	1	2	1	3	4	4	1	2	4	1	2	3		
Suj21	1	11	1	2	5	5	3	3	2	5	5	5	3	5	5	5	5	3	5	1	3	5	1	4	2	1	5	5	3	4	3	3	4	5		
Suj22	1	11	1	2	5	3	3	3	3	3	3	3	3	5	3	5	3	3	4	3	3	3	2	3	2	3	3	3	2	3	3	3	3	3		
Suj23	1	12	1	2	3	3	3	3	2	3	4	3	3	3	3	2	3	2	3	3	3	3	2	2	3	4	3	3	3	3	3	3	3	4	3	
Suj24	1	12	1	2	3	4	3	2	2	3	2	4	3	3	4	3	3	3	4	3	3	4	2	3	2	3	3	4	2	3	3	2	3	4		
Suj25	1	10	1	1	4	4	3	5	4	4	3	4	5	4	4	4	3	3	4	5	4	5	3	3	2	3	4	5	2	5	4	4	3	3		
Suj26	1	8	1	1	4	4	4	3	3	3	3	4	3	4	3	4	3	3	4	3	4	4	3	4	3	3	3	3	2	3	4	3	3	3		
Suj27	1	8	1	1	4	4	3	4	2	4	3	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	3	3	2	3	3	4	2	4	3	2	4	4		
Suj28	1	12	1	2	4	4	3	3	3	3	5	5	3	4	4	3	3	3	4	1	3	5	1	3	2	5	3	3	2	3	2	1	3	4		

	G	I	L	E	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30			
Suj29	1	12	1	2	5	5	5	3	3	5	5	5	5	5	5	5	4	2	5	5	5	5	2	3	2	4	5	5	1	5	4	3	2	5			
Suj30	1	12	1	2	2	4	2	2	2	3	1	3	1	2	3	2	3	2	4	4	4	4	1	2	1	2	2	3	1	3	3	3	4	4			
Suj31	1	13	1	3	5	4	4	4	3	5	3	5	3	5	4	4	4	4	5	4	4	5	1	3	3	4	4	5	3	5	4	3	5	3			
Suj32	1	11	1	2	3	4	2	3	2	4	3	5	3	3	4	4	4	2	5	3	4	5	1	2	2	2	3	5	1	4	4	1	3	3			
Suj33	1	17	1	5	5	4	5	4	3	5	4	5	3	4	3	4	2	3	4	3	4	4	2	4	3	3	4	4	3	5	4	3	5	3			
Suj34	1	17	1	5	4	4	5	4	2	4	4	4	3	4	4	4	4	4	4	3	3	5	2	4	2	4	4	4	2	5	3	2	4	2			
Suj35	1	17	1	5	5	4	5	4	2	5	4	5	5	5	3	5	3	5	5	3	4	5	1	5	5	5	5	5	2	5	5	5	4	5			
Suj36	1	17	1	5	5	5	4	4	2	5	3	5	3	4	5	3	3	2	5	1	3	5	1	4	1	2	4	4	1	5	2	1	5	1			
Suj37	1	18	1	5	4	4	4	5	1	3	3	5	1	3	4	4	5	3	3	3	3	5	1	4	2	4	3	3	2	5	1	3	5	2			
Suj38	1	9	1	1	4	3	2	3	1	3	3	4	2	4	3	3	3	2	4	1	3	5	1	3	2	3	3	3	2	3	2	2	3	3			
Suj39	1	9	1	1	5	4	4	5	2	4	3	5	4	5	5	4	4	4	5	3	5	5	1	4	5	5	5	5	4	5	5	4	5	4			
Suj40	1	8	1	1	5	5	3	5	3	5	4	5	5	5	4	5	5	5	4	3	5	4	3	4	4	4	5	4	5	3	5	4	4	4			
Suj41	1	18	1	5	5	5	5	4	3	5	5	5	3	4	5	5	4	3	4	4	5	4	2	5	3	3	5	5	3	5	3	3	5	3			
Suj42	1	19	1	5	4	3	5	4	2	4	3	4	2	4	3	4	4	3	3	2	2	4	1	5	2	4	4	4	2	5	4	3	4	2			
Suj43	1	17	1	5	5	5	5	3	3	5	3	5	3	4	3	5	2	2	5	3	5	5	1	5	3	5	5	5	1	5	4	3	5	5			
Suj44	1	17	1	5	5	5	5	3	3	4	3	5	3	4	5	4	3	2	5	3	3	5	2	4	2	5	4	5	2	4	4	2	4	4			
Suj45	1	16	1	4	5	5	5	3	2	5	5	5	5	5	1	5	5	1	5	5	5	5	1	5	1	5	5	3	1	5	5	1	5	5			
Suj46	1	18	1	5	4	3	4	3	1	3	3	2	2	4	3	4	2	2	3	2	3	4	2	4	3	4	4	4	2	3	3	2	5	4			
Suj47	1	12	1	2	5	3	5	3	3	4	3	5	5	5	5	4	5	3	5	5	5	5	3	5	3	5	4	3	1	3	5	1	5	4			
Suj48	1	12	1	2	4	4	3	4	4	5	3	3	3	4	4	3	3	3	4	3	4	4	2	3	3	4	2	4	3	4	4	3	5	3			
Suj49	1	12	1	2	3	5	4	3	2	4	4	4	3	3	3	4	3	3	4	3	3	5	2	3	2	4	3	3	2	4	4	2	5	5			
Suj50	1	12	1	2	5	3	4	3	2	5	5	5	4	4	3	3	3	4	5	3	4	5	3	5	4	5	5	5	3	5	5	4	5	5			
Suj51	1	12	1	2	5	5	5	4	5	5	3	5	4	5	4	3	5	3	5	3	4	5	2	3	2	3	5	5	2	4	4	4	4	5			
Suj52	1	11	1	2	4	3	4	3	4	4	4	5	3	4	3	4	3	5	4	3	4	5	3	5	2	3	3	5	4	5	4	3	4	3			
Suj53	1	12	1	2	4	4	4	3	2	4	3	4	3	4	3	4	2	4	4	4	4	4	2	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3		
Suj54	1	12	1	2	4	2	2	3	1	4	3	4	1	4	3	2	4	2	4	3	3	5	1	2	1	2	3	4	2	3	1	2	4	4			
Suj55	1	9	1	1	3	4	2	4	4	3	2	4	2	4	5	3	3	2	4	3	3	5	2	3	2	4	5	3	2	3	5	4	5	5			
Suj56	1	9	1	1	5	3	3	3	2	5	4	4	5	5	3	3	4	2	5	3	3	5	2	5	4	5	5	5	1	3	5	2	3	4			

	G	I	L	E	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30		
Suj57	1	10	1	1	5	5	2	4	3	5	3	5	4	4	4	4	3	3	5	3	4	5	1	3	3	4	3	5	3	4	4	3	4	4		
Suj58	1	10	1	1	4	5	4	3	2	4	4	4	5	4	4	5	3	3	4	3	3	5	1	5	4	4	4	5	4	3	3	3	4	3		
Suj59	1	10	1	1	5	4	5	3	3	5	2	5	4	4	3	4	2	5	4	3	3	4	3	4	3	4	3	5	3	4	5	3	3	4		
Suj60	1	10	1	1	5	5	3	4	3	3	3	4	4	5	5	4	3	2	3	3	3	4	2	3	4	3	4	2	4	5	3	3	3	3		
Suj61	1	11	1	2	3	4	3	3	3	3	3	3	4	4	4	4	4	3	4	3	3	4	3	3	3	4	4	4	3	4	4	3	3	3		
Suj62	1	9	1	1	5	3	2	1	1	3	3	5	1	5	3	5	3	3	4	2	5	5	1	5	1	4	4	4	2	5	5	4	2	5		
Suj63	1	10	1	1	4	4	2	2	1	4	1	5	1	3	4	3	2	2	4	2	2	5	2	2	2	2	3	5	1	4	3	2	5	1		
Suj64	1	17	1	5	3	4	5	4	2	4	4	3	3	3	5	3	4	2	4	4	4	4	3	4	2	4	3	4	3	4	3	2	5	2		
Suj65	1	17	1	5	4	4	3	3	2	5	3	4	4	4	4	4	4	4	4	5	5	5	2	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	
Suj66	1	17	1	5	4	3	3	3	3	4	3	4	3	5	5	4	3	2	5	2	2	5	1	3	1	1	3	5	1	5	3	1	3	3		
Suj67	1	9	1	1	4	3	3	2	3	4	2	3	2	3	3	3	2	3	3	3	3	4	1	3	3	3	3	3	2	3	3	3	2	3		
Suj68	1	9	1	1	5	5	3	5	3	5	5	5	5	5	5	5	5	3	5	5	5	5	3	5	2	5	5	5	3	5	5	5	5	5		
Suj69	1	9	1	1	5	5	3	4	5	5	4	5	3	5	5	5	4	5	5	5	5	5	2	5	5	5	5	5	5	5	4	5	5	5		
Suj70	1	13	1	3	4	4	4	4	3	4	5	5	4	5	5	4	4	5	4	4	5	5	2	4	4	4	5	3	4	4	5	5	5	5		
Suj71	1	14	1	3	4	5	4	4	4	4	3	3	4	4	5	3	3	5	3	3	4	4	2	4	4	4	4	5	5	5	4	4	5	5		
Suj72	1	10	1	1	4	4	4	4	3	4	5	5	4	5	5	4	4	3	5	4	5	5	3	3	5	4	5	5	4	4	4	4	5	4		
Suj73	1	9	1	1	4	4	4	4	4	3	4	3	4	4	4	4	4	3	4	2	4	4	2	4	4	4	4	4	2	4	4	4	4	3		
Suj74	1	12	1	2	5	5	2	5	2	5	3	5	3	5	5	5	5	3	5	5	5	5	2	5	2	5	5	5	2	5	5	2	5	5		
Suj75	1	9	1	1	4	4	2	3	3	4	3	4	2	3	3	3	3	2	4	3	3	4	2	3	3	4	4	4	3	3	3	3	4	4		
Suj76	1	15	2	4	3	3	4	3	2	4	5	5	4	4	5	3	3	2	4	3	3	4	2	3	3	4	4	4	3	4	4	3	5	4		
Suj77	1	15	2	4	5	4	5	4	2	4	4	4	3	4	3	4	2	2	5	4	3	4	2	5	3	3	3	4	1	4	2	2	5	4		
Suj78	1	15	2	4	4	4	4	4	3	5	4	5	4	5	5	5	4	5	5	4	4	5	1	4	5	4	5	5	4	4	4	5	5	5		
Suj79	1	19	2	5	4	4	4	3	3	3	3	4	3	4	3	4	3	3	4	3	4	3	4	4	4	3	3	3	3	2	3	4	4	4		
Suj80	1	10	2	1	4	5	3	2	2	5	3	4	2	4	5	3	4	2	5	2	3	4	1	3	1	4	3	4	2	3	2	1	2	2		
Suj81	1	11	2	2	5	3	5	3	1	3	2	4	1	5	3	3	2	1	5	1	3	5	1	3	1	3	3	4	2	3	2	2	2	1		
Suj82	1	10	2	1	3	3	3	3	3	4	3	5	3	4	5	5	4	3	5	4	4	5	3	4	3	5	4	5	4	3	3	4	4	3		
Suj83	1	9	2	1	4	4	2	4	1	5	2	5	1	4	4	3	4	2	5	3	2	5	1	3	1	1	5	5	1	4	2	1	5	3		
Suj84	1	11	2	2	3	4	5	4	4	3	3	3	5	3	3	5	3	5	4	5	3	5	5	5	4	5	5	5	5	5	5	5	5	5		

	G	I	L	E	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30		
Suj85	1	11	2	2	4	3	3	3	3	4	3	4	3	3	3	3	3	3	4	3	3	4	2	3	3	3	4	4	3	3	4	3	4	4		
Suj86	1	9	2	1	5	4	5	3	3	5	3	5	5	5	5	5	5	4	5	3	4	5	3	5	3	5	5	5	4	5	5	5	5	5		
Suj87	1	15	2	4	3	4	3	3	3	4	4	3	2	3	5	4	4	2	4	4	4	3	3	3	2	4	3	4	2	3	2	2	5	5		
Suj88	1	13	2	3	5	4	4	4	3	5	3	5	3	5	4	4	4	4	4	5	4	4	1	4	4	4	4	5	5	4	5	4	4	4		
Suj89	1	12	2	2	5	5	5	3	3	5	5	5	5	5	5	5	4	3	5	5	5	5	2	3	2	4	5	5	1	5	4	3	2	5		
Suj90	1	12	2	2	2	4	2	2	2	3	1	3	1	2	3	2	3	2	4	4	4	4	1	2	1	2	2	3	1	3	3	3	4	4		
Suj91	1	13	2	3	4	4	3	3	3	3	5	5	3	4	4	3	3	3	4	2	3	5	1	3	3	5	4	4	3	4	4	4	5	5		
Suj92	1	11	2	2	3	4	3	3	3	3	3	3	4	4	4	4	4	4	3	4	3	3	4	3	3	3	4	4	4	3	4	4	3	3		
Suj93	1	14	2	3	5	3	3	4	2	5	4	5	2	5	4	3	5	3	5	4	4	5	1	3	2	3	3	4	4	4	3	4	4	4		
Suj94	1	15	2	4	4	2	2	3	1	4	3	4	1	4	3	2	4	2	4	3	3	5	1	2	1	2	3	4	2	3	1	2	4	4		
Suj95	1	14	2	3	4	4	4	3	2	4	3	4	3	4	3	4	2	4	4	4	4	4	2	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3		
Suj96	1	15	2	4	4	3	4	3	4	4	4	5	3	4	3	4	3	5	4	3	4	5	3	5	2	3	3	5	4	5	4	3	4	3		
Suj97	1	14	2	3	5	5	4	5	3	5	3	5	4	5	4	3	5	3	5	3	4	5	2	3	2	3	5	5	2	4	4	4	4	5		
Suj98	1	14	2	3	5	3	4	3	2	5	5	5	4	4	3	3	3	4	5	3	4	5	3	5	3	5	5	5	4	5	5	4	5	5		
Suj99	1	12	2	2	5	5	2	2	2	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	1	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5		
Suj100	1	9	2	1	3	3	3	4	2	4	4	5	5	4	3	4	4	3	4	3	4	5	3	3	2	3	3	3	2	3	4	4	4	5		
Suj101	1	10	2	1	3	3	2	5	2	3	4	5	3	5	3	3	4	3	5	3	2	3	3	3	3	4	5	3	3	4	4	1	2	5		
Suj102	1	8	2	1	4	3	1	4	3	3	4	4	5	3	3	3	4	3	4	3	4	4	3	4	4	4	4	5	4	4	4	4	4	4		
Suj103	1	9	2	1	5	4	3	4	4	4	4	3	5	5	5	5	4	4	4	4	4	4	3	5	5	4	5	5	4	5	5	5	5	5		
Suj104	1	10	2	1	5	5	3	2	2	5	4	5	1	4	5	4	5	4	4	3	5	4	2	4	4	4	5	5	5	4	5	5	4	5		
Suj105	1	14	2	3	5	3	3	3	3	3	3	3	3	5	3	5	3	3	4	3	3	3	2	3	2	3	3	3	2	3	3	3	3	3		
Suj106	1	14	2	3	5	5	3	3	2	5	5	5	3	5	5	5	5	3	5	1	3	5	1	5	5	3	3	3	3	4	4	4	4	4		
Suj107	1	12	2	2	5	4	5	4	3	4	3	5	5	5	3	5	3	4	5	4	4	5	2	4	3	4	5	5	3	5	5	3	4	4		
Suj108	1	12	2	2	5	3	5	3	3	4	3	5	5	5	5	4	5	3	5	5	5	5	3	5	3	5	4	3	1	3	5	1	5	4		
Suj109	1	12	2	2	4	4	3	4	4	5	3	3	3	4	4	3	3	3	4	3	4	4	2	3	3	4	2	4	3	4	4	3	5	3		
Suj110	1	12	2	2	3	5	4	3	2	4	4	4	3	3	3	4	3	3	4	3	3	5	2	3	2	4	3	3	2	4	4	2	5	5		
Suj111	1	12	2	2	5	3	4	3	2	5	5	5	4	4	3	3	3	4	5	3	4	5	2	5	4	5	5	5	3	5	5	4	5	5		
Suj112	1	11	2	2	4	3	4	3	4	4	4	5	3	4	3	4	3	5	4	3	4	5	3	5	2	3	3	5	4	5	4	3	4	3		

	G	I	L	E	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30		
Suj113	1	12	2	2	4	4	4	3	2	4	3	4	3	4	3	4	2	4	4	4	4	4	2	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3		
Suj114	1	12	2	2	4	2	2	3	2	4	3	4	1	4	3	2	4	2	4	3	3	5	1	2	1	2	3	4	2	3	1	2	4	4		
Suj115	1	9	2	1	3	4	2	4	4	3	2	4	2	4	5	3	3	2	4	3	3	5	2	3	2	4	5	3	2	3	5	4	5	5		
Suj116	1	9	2	1	5	3	3	3	2	5	4	4	5	5	3	3	4	2	5	3	3	5	2	5	4	5	5	5	1	3	5	2	3	4		
Suj117	1	10	2	1	4	4	2	2	1	4	1	5	1	3	4	3	2	2	4	2	2	5	2	2	2	2	3	5	1	4	3	2	5	1		
Suj118	1	17	2	5	4	4	3	3	2	5	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	2	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	
Suj119	1	17	2	5	4	3	3	3	3	4	3	4	3	5	5	4	3	2	5	2	2	5	1	3	1	1	3	5	1	5	3	1	3	3		
Suj120	1	15	2	4	4	4	3	3	3	4	3	3	3	3	3	3	5	3	4	4	4	4	2	4	3	3	3	5	2	3	3	3	4	3		
Suj121	1	16	2	4	4	4	5	3	3	5	4	5	4	4	4	4	4	4	5	3	3	5	2	5	4	4	4	5	4	4	4	4	5	5		
Suj122	1	19	2	5	4	4	4	4	3	4	5	4	4	4	4	4	3	3	4	3	4	4	2	4	4	4	5	5	4	4	4	5	4	4		
Suj123	1	18	2	5	3	4	3	2	2	3	2	4	3	3	4	3	3	3	4	3	3	4	2	3	2	3	3	4	2	3	3	2	3	4		
Suj124	1	18	2	5	4	4	3	5	4	4	3	4	5	4	4	4	3	3	4	5	4	5	3	3	2	3	4	5	3	5	4	4	3	3		
Suj125	1	15	2	4	3	5	4	3	2	4	4	4	3	3	3	4	3	3	4	3	3	5	2	3	2	4	3	3	2	4	4	2	5	5		
Suj126	1	14	2	3	4	4	3	4	4	5	3	3	3	4	4	3	3	3	4	3	4	4	2	3	3	4	2	4	3	4	4	3	4	3		
Suj127	1	15	2	4	5	3	5	3	3	4	3	5	5	5	5	4	5	3	5	5	5	5	3	5	3	5	4	4	1	4	4	4	4	4		
Suj128	1	14	2	3	4	3	3	2	3	3	4	3	3	3	4	4	3	4	3	3	3	4	2	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	
Suj129	1	11	2	2	3	4	2	3	2	4	3	5	3	3	4	4	4	2	5	3	4	5	1	2	2	2	3	5	4	4	4	3	4	4		
Suj130	1	13	2	3	3	4	5	4	4	3	3	3	3	3	3	4	3	5	4	5	3	5	2	5	5	4	5	5	5	5	5	5	5	5		
Suj131	1	12	2	2	4	5	5	1	4	5	5	5	1	5	4	5	4	5	1	5	5	5	1	5	5	5	5	1	1	5	4	4	4	1		
Suj132	1	12	2	2	4	5	5	1	4	5	5	5	1	5	4	5	1	5	5	5	5	5	1	5	5	5	5	4	1	5	4	5	5	1		
Suj133	1	11	2	2	5	5	5	5	3	5	3	5	5	5	5	5	4	4	4	5	5	5	2	5	2	5	5	5	3	5	5	5	5	5		
Suj134	1	13	2	3	5	4	4	4	4	5	4	4	4	5	5	4	4	4	5	3	4	4	3	4	3	4	5	5	4	5	3	3	5	3		
Suj135	1	12	2	2	5	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	5	5	4	4	4	4	4	2	4	4	4	4	5	5	5	4	4	5	5		
Suj136	1	10	2	1	5	4	3	3	2	5	2	5	2	4	3	4	3	4	3	2	4	5	1	4	4	3	5	5	3	4	5	3	4	4		
Suj137	1	10	2	1	4	4	3	3	3	4	1	4	5	4	4	4	4	4	4	4	4	4	2	5	5	5	5	4	5	4	4	4	5	5		
Suj138	1	9	2	1	5	4	4	5	2	4	3	5	4	5	5	4	4	4	5	3	4	4	2	4	5	5	5	5	5	4	5	5	5	4		
Suj139	1	18	2	5	4	4	3	4	2	4	3	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	3	3	2	3	3	4	3	4	3	2	4	4		
Suj140	1	17	2	5	5	5	3	5	3	5	4	5	5	5	5	4	5	5	5	4	3	5	3	4	4	4	4	5	4	5	3	5	4	4		

	G	I	L	E	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30		
Suj141	1	18	2	5	4	4	4	5	1	3	3	5	1	3	4	4	5	3	3	3	3	5	1	4	2	4	3	3	2	5	1	3	5	2		
Suj142	1	18	2	5	5	5	5	3	3	5	5	5	3	5	3	5	4	3	4	4	5	4	2	5	3	3	5	5	3	5	3	3	5	3		
Suj143	1	18	2	5	5	5	4	4	2	5	3	5	3	4	5	3	3	2	5	1	3	5	1	4	1	2	4	4	1	5	2	1	5	1		
Suj144	1	19	2	5	5	4	5	4	2	5	4	5	5	5	3	5	3	5	5	3	4	5	2	5	5	5	5	5	2	5	5	5	4	5		
Suj145	1	18	2	5	4	4	5	4	2	4	4	4	3	4	4	4	4	4	4	3	3	5	2	4	2	4	4	4	2	5	3	2	4	2		
Suj146	1	19	2	5	5	4	5	4	3	5	4	5	3	4	3	4	2	3	4	3	4	4	2	4	3	3	4	4	3	5	4	3	5	3		
Suj147	1	19	2	5	4	3	4	3	1	3	3	2	2	4	3	2	3	22	3	2	3	3	2	3	4	4	4	2	3	3	3	2	5	4		
Suj148	1	13	1	3	4	4	4	4	3	4	5	5	4	5	5	4	4	5	4	4	5	5	2	4	4	4	5	3	4	4	5	5	5	5		
Suj149	1	14	1	3	4	5	4	4	4	4	3	3	4	4	5	3	3	5	3	3	4	4	2	4	4	4	4	5	5	5	4	4	5	5		
Suj150	1	13	1	3	4	3	3	3	5	5	5	5	3	3	3	4	4	5	4	4	4	5	2	4	4	5	5	4	4	4	4	4	4	5		
Suj151	1	14	1	3	4	4	4	4	4	4	5	5	5	5	4	4	5	5	5	5	5	4	1	5	4	4	4	4	5	5	5	4	4	4		
Suj152	1	14	1	3	3	3	3	3	3	3	4	4	4	5	5	4	4	3	3	5	5	5	2	5	4	4	5	5	5	5	5	5	5	5		
Suj153	1	13	1	3	4	4	3	3	3	4	4	4	4	5	3	3	3	3	4	4	4	5	1	4	4	4	4	4	4	4	5	5	5	4		
Suj154	1	13	1	3	4	3	3	3	5	5	5	5	3	3	3	4	4	5	4	4	4	5	2	4	4	5	5	4	4	4	4	4	4	5		
Suj155	1	14	1	3	4	4	4	4	4	4	5	5	5	5	4	4	5	5	5	5	5	4	1	5	4	4	4	4	5	5	5	4	4	4		
Suj156	1	15	1	4	4	4	3	3	2	5	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	2	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5		
Suj157	1	15	1	4	4	3	3	3	3	4	3	4	3	5	5	4	3	2	5	2	2	5	1	3	1	1	3	5	1	5	3	1	3	3		
Suj158	1	15	1	4	4	4	3	3	3	4	3	3	3	3	3	3	5	3	4	4	4	4	2	4	3	3	3	5	2	3	3	3	4	3		
Suj159	1	14	1	4	4	4	5	3	3	5	4	5	4	4	4	4	4	4	5	3	3	5	2	5	4	4	4	5	4	4	4	4	5	5		
Suj160	1	15	1	4	4	4	4	4	3	4	5	4	4	4	4	4	3	3	4	3	4	4	2	4	4	4	5	5	4	4	4	5	4	4		
Suj161	1	15	1	4	3	4	3	2	2	3	2	4	3	3	4	3	3	3	4	3	3	4	2	3	2	3	3	4	2	3	3	2	3	4		
Suj162	1	14	1	4	4	4	3	5	4	4	3	4	5	4	4	4	3	3	4	5	4	5	3	3	2	3	4	5	3	5	4	4	3	3		
Suj163	1	15	1	4	3	5	4	3	2	4	4	4	3	3	3	4	3	3	4	3	3	5	2	3	2	4	3	3	2	4	4	2	5	5		
Suj164	1	14	1	4	4	4	3	4	4	5	3	3	3	4	4	3	3	3	4	3	4	4	2	3	3	4	2	4	3	4	4	3	4	3		
Suj165	1	15	1	4	5	3	5	3	3	4	3	5	5	5	5	4	5	3	5	5	5	5	3	5	3	5	4	4	1	4	4	4	4	4		
Suj166	1	13	1	3	4	3	1	4	3	4	4	4	5	3	3	3	4	3	4	3	3	4	1	3	1	3	3	3	4	3	4	4	3	4		
Suj167	1	13	2	3	3	3	5	4	2	3	4	5	3	5	3	3	4	3	5	3	2	5	3	3	3	3	4	5	3	3	4	1	2	5		
Suj168	1	13	2	3	3	3	3	4	2	4	4	5	5	4	3	4	4	3	4	3	4	5	3	3	2	3	3	3	2	3	4	4	4	5		

	G	I	L	E	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30		
Suj169	1	14	2	3	3	3	4	2	5	4	5	2	5	4	3	5	3	5	4	4	5	1	3	2	3	3	4	4	4	3	4	4	4	3		
Suj170	1	14	2	3	2	2	3	1	4	3	4	1	4	3	2	4	2	4	3	3	5	1	2	1	2	3	4	2	3	1	2	4	4	5		
Suj171	1	13	2	3	4	4	3	2	4	3	4	3	4	3	4	2	4	4	4	4	4	2	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	3			
Suj172	1	13	2	3	3	4	3	4	4	4	5	3	4	3	4	3	5	4	3	4	5	3	5	2	3	3	5	4	5	4	3	4	3	4		
Suj173	1	14	2	3	5	4	5	3	5	3	5	4	5	4	3	5	3	5	3	4	5	2	3	2	3	5	5	2	4	4	4	4	5	4		
Suj174	1	13	2	3	3	4	3	2	5	5	5	4	4	3	3	3	4	5	3	4	5	3	5	3	5	5	5	4	5	5	4	5	5	5		
Suj175	1	14	2	3	5	2	2	2	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	1	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5		
Suj176	1	13	2	3	3	3	4	2	4	4	5	5	4	3	4	4	3	4	3	4	5	3	3	2	3	3	3	2	3	4	4	4	5	3		
Suj177	1	10	2	1	3	4	2	3	2	4	3	5	3	3	4	4	4	2	5	3	4	5	1	2	2	2	3	5	4	4	4	3	4	4		
Suj178	1	10	2	1	3	4	5	4	4	3	3	3	3	3	3	4	3	5	4	5	3	5	2	5	5	4	5	5	5	5	5	5	5	5		
Suj179	1	10	2	1	4	5	5	1	4	5	5	5	1	5	4	5	4	5	1	5	5	5	1	5	5	5	5	1	1	5	4	4	4	1		
Suj180	1	9	2	1	4	5	5	1	4	5	5	5	1	5	4	5	1	5	5	5	5	5	1	5	5	5	5	4	1	5	4	5	5	1		
Suj181	1	10	2	1	5	5	5	5	3	5	3	5	5	5	5	5	4	4	4	5	5	5	2	5	2	5	5	5	3	5	5	5	5	5		
Suj182	1	11	1	2	4	3	3	3	3	4	3	4	3	3	3	3	3	3	4	3	3	4	2	3	3	3	4	4	3	3	4	3	4	4		
Suj183	1	11	1	2	5	4	5	3	3	5	3	5	5	5	5	5	5	4	5	3	4	5	3	5	3	5	5	5	4	5	5	5	5	5		
Suj184	1	11	1	2	3	4	3	3	3	4	4	3	2	3	5	4	4	2	4	4	4	3	3	3	2	4	3	4	2	3	2	2	5	5		
Suj185	1	12	1	2	5	4	4	4	3	5	3	5	3	5	4	4	4	4	4	5	4	4	1	4	4	4	4	5	5	4	5	4	4	4		
Suj186	1	12	1	2	5	5	5	3	3	5	5	5	5	5	5	5	4	3	5	5	5	5	2	3	2	4	5	5	1	5	4	3	2	5		
Suj187	1	12	1	2	2	4	2	2	2	3	1	3	1	2	3	2	3	2	4	4	4	4	1	2	1	2	2	3	1	3	3	3	4	4		
Suj188	1	11	1	2	4	4	3	3	3	3	5	5	3	4	4	3	3	3	4	2	3	5	1	3	3	5	4	4	3	4	4	4	5	5		
Suj189	1	12	1	2	3	4	3	3	3	3	3	3	4	4	4	4	4	4	3	4	3	3	4	3	3	3	4	4	4	3	4	4	3	3		
Suj190	1	12	1	2	5	3	3	4	2	5	4	5	2	5	4	3	5	3	5	4	4	5	1	3	2	3	3	4	4	4	3	4	4	4		
Suj191	1	11	1	2	4	2	2	3	1	4	3	4	1	4	3	2	4	2	4	3	3	5	1	2	1	2	3	4	2	3	1	2	4	4		
Suj192	1	11	1	2	4	4	4	3	2	4	3	4	3	4	3	4	2	4	4	4	4	4	2	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3		
Suj193	1	11	1	2	4	3	4	3	4	4	4	5	3	4	3	4	3	5	4	3	4	5	3	5	2	3	3	5	4	5	4	3	4	3		
Suj194	1	17	1	5	5	4	5	4	3	5	4	5	3	4	3	4	2	3	4	3	4	4	2	4	3	3	4	4	3	5	4	3	5	3		
Suj195	1	17	1	5	4	4	5	4	2	4	4	4	3	4	4	4	4	4	4	3	3	5	2	4	2	4	4	4	2	5	3	2	4	2		
Suj196	1	17	1	5	5	4	5	4	2	5	4	5	5	5	3	5	3	5	5	3	4	5	1	5	5	5	5	5	2	5	5	5	4	5		

	G	I	L	E	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	
Suj197	1	18	1	5	4	3	4	3	1	3	3	2	2	4	3	4	2	2	3	2	3	4	2	4	3	4	4	4	2	3	3	2	5	4	
Suj198	1	19	1	5	4	4	4	3	3	3	3	4	3	4	3	4	3	3	4	3	4	4	3	4	4	3	3	3	3	2	3	4	4	4	
Suj199	1	17	1	5	5	4	5	4	3	5	4	5	3	4	3	4	2	3	4	3	4	4	2	4	3	3	4	4	3	5	4	3	5	3	
Suj200	1	17	1	5	4	4	5	4	2	4	4	4	3	4	4	4	4	4	4	3	3	5	2	4	2	4	4	4	2	5	3	2	4	2	
Suj201	2	12	1	2	5	5	5	3	3	5	5	5	5	5	5	5	4	2	5	5	5	5	2	3	2	4	5	5	1	5	4	3	2	5	
Suj202	2	12	1	2	2	4	2	2	2	3	1	3	1	2	3	2	3	2	4	4	4	4	1	2	1	2	2	3	1	3	3	3	4	4	
Suj203	2	11	1	2	5	4	4	4	3	5	3	5	3	5	4	4	4	4	5	4	4	5	1	3	3	4	4	5	3	5	4	3	5	3	
Suj204	2	11	1	2	3	4	2	3	2	4	3	5	3	3	4	4	4	2	5	3	4	5	1	2	2	2	3	5	1	4	4	1	3	3	
Suj205	2	11	1	2	5	5	3	2	2	5	4	5	1	4	5	4	4	3	5	2	5	5	1	5	2	5	5	5	3	5	3	4	5	3	
Suj206	2	12	1	2	3	4	5	3	4	3	5	4	4	4	3	5	4	4	4	4	4	5	2	4	4	4	5	5	4	5	4	5	4	5	
Suj207	2	12	1	2	4	4	4	4	4	5	5	5	5	5	5	4	5	5	5	5	5	4	4	1	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	
Suj208	2	12	1	2	3	3	3	3	3	3	4	4	3	4	3	4	4	4	5	3	4	4	2	4	4	4	4	5	4	4	4	4	4	4	
Suj209	2	12	1	2	4	3	3	3	5	5	5	5	3	3	3	4	4	5	4	4	4	5	2	4	4	5	5	4	4	4	4	4	4	5	
Suj210	2	11	2	2	3	4	3	3	3	4	4	3	2	3	5	4	4	2	4	4	4	3	3	3	2	4	3	4	2	3	2	2	5	5	
Suj211	2	12	2	2	5	4	4	4	3	5	3	5	3	5	4	4	4	4	4	5	4	4	1	4	4	4	4	5	5	4	5	4	4	4	
Suj212	2	12	2	2	5	5	5	3	3	5	5	5	5	5	5	5	4	3	5	5	5	5	2	3	2	4	5	5	1	5	4	3	2	5	
Suj213	2	12	2	2	2	4	2	2	2	3	1	3	1	2	3	2	3	2	4	4	4	4	1	2	1	2	2	3	1	3	3	3	4	4	
Suj214	2	11	2	2	4	4	3	3	3	3	5	5	3	4	4	3	3	3	4	2	3	5	1	3	3	5	4	4	3	4	4	4	5	5	
Suj215	2	12	2	2	3	4	3	3	3	3	3	3	4	4	4	4	4	4	3	4	3	3	4	3	3	3	4	4	4	3	4	4	3	3	
Suj216	2	12	2	2	5	3	3	4	2	5	4	5	2	5	4	3	5	3	5	4	4	5	1	3	2	3	3	4	4	4	3	4	4	4	
Suj217	2	11	2	2	4	2	2	3	1	4	3	4	1	4	3	2	4	2	4	3	3	5	1	2	1	2	3	4	2	3	1	2	4	4	
Suj218	2	11	2	2	4	4	4	3	2	4	3	4	3	4	3	4	2	4	4	4	4	4	2	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3
Suj219	2	11	2	2	4	3	4	3	4	4	4	5	3	4	3	4	3	5	4	3	4	5	3	5	2	3	3	5	4	5	4	3	4	3	
Suj220	2	12	2	2	5	4	5	4	3	5	4	5	3	4	3	4	2	3	4	3	4	4	2	4	3	3	4	4	3	5	4	3	5	3	

Género	1 - Masculino	2 - Feminino
---------------	----------------------	---------------------

Localidade	1 - Castelo Branco	2 - Coimbra
-------------------	---------------------------	--------------------

Escalão	1 - Benjamins	2 - Infantis	3 - Iniciados	4 - Juvenis	5 - Juniores
----------------	----------------------	---------------------	----------------------	--------------------	---------------------

Perguntas (1 a 30)	1 - Nada Importante	2 - Pouco Importante	3 - Importante	4 - Muito Importante	5 - Totalmente Importante
---------------------------	----------------------------	-----------------------------	-----------------------	-----------------------------	----------------------------------

E. Tabelas do Nível de Significância das Comparações entre Grupos os Escalões para cada pergunta (Análise Inferencial)

Variável Dependente	(I) Grupo	(J) Grupo	Diferença de médias (I-J)	Erro Padrão	p.
PERGUNTA 1	BENJAMINS	INFANTIS	,170	,151	,866
	BENJAMINS	INICIADOS	,215	,167	,800
	BENJAMINS	JUVENIS	,170	,207	,954
	BENJAMINS	JUNIORES	-,173	,179	,920
	INFANTIS	INICIADOS	,044	,153	,999
	INFANTIS	JUVENIS	,000	,196	1,000
	INFANTIS	JUNIORES	-,343	,166	,372
	INICIADOS	JUVENIS	-,044	,209	1,000
	INICIADOS	JUNIORES	-,397	,181	,336
	JUVENIS	JUNIORES	-2,487	1,850	0,182
PERGUNTA 2	BENJAMINS	INFANTIS	,127	,141	,937
	BENJAMINS	INICIADOS	,311	,157	,415
	BENJAMINS	JUVENIS	,136	,194	,974
	BENJAMINS	JUNIORES	-,029	,168	1,000
	INFANTIS	INICIADOS	,184	,143	,797
	INFANTIS	JUVENIS	,010	,183	1,000
	INFANTIS	JUNIORES	-,155	,155	,909
	INICIADOS	JUVENIS	-,175	,195	,938
	INICIADOS	JUNIORES	-,340	,169	,404
	JUVENIS	JUNIORES	-,165	,204	,957
PERGUNTA 3	BENJAMINS	INFANTIS	-,457	,184	,189
	BENJAMINS	INICIADOS	-,470	,204	,260
	BENJAMINS	JUVENIS	-,800*	,252	,043
	BENJAMINS	JUNIORES	-1,193*	,218	,000
	INFANTIS	INICIADOS	-,012	,186	1,000
	INFANTIS	JUVENIS	-,343	,238	,724
	INFANTIS	JUNIORES	-,736*	,202	,011
	INICIADOS	JUVENIS	-,330	,254	,792
	INICIADOS	JUNIORES	-,724*	,220	,031
	JUVENIS	JUNIORES	-,394	,266	,700

Variável Dependente	(I) Grupo	(J) Grupo	Diferença de médias (I-J)	Erro Padrão	p.
PERGUNTA 4	BENJAMINS	INFANTIS	,355	,155	,269
	BENJAMINS	INICIADOS	,114	,172	,979
	BENJAMINS	JUVENIS	,198	,213	,930
	BENJAMINS	JUNIORES	-,289	,184	,654
	INFANTIS	INICIADOS	-,241	,157	,674
	INFANTIS	JUVENIS	-,157	,202	,962
	INFANTIS	JUNIORES	-,644*	,171	,008
	INICIADOS	JUVENIS	,084	,215	,997
	INICIADOS	JUNIORES	-,403	,186	,324
	JUVENIS	JUNIORES	-,487	,225	,324
PERGUNTA 5	BENJAMINS	INFANTIS	-,129	,169	,964
	BENJAMINS	INICIADOS	-,872*	,187	,000
	BENJAMINS	JUVENIS	-,110	,232	,994
	BENJAMINS	JUNIORES	,303	,201	,685
	INFANTIS	INICIADOS	-,742*	,171	,001
	INFANTIS	JUVENIS	,019	,219	1,000
	INFANTIS	JUNIORES	,432	,186	,251
	INICIADOS	JUVENIS	,762*	,234	,034
	INICIADOS	JUNIORES	1,175*	,203	,000
	JUVENIS	JUNIORES	,413	,245	,584
PERGUNTA 6	BENJAMINS	INFANTIS	,043	,148	,999
	BENJAMINS	INICIADOS	,083	,164	,992
	BENJAMINS	JUVENIS	-,145	,203	,972
	BENJAMINS	JUNIORES	-,072	,175	,997
	INFANTIS	INICIADOS	,040	,150	,999
	INFANTIS	JUVENIS	-,188	,192	,915
	INFANTIS	JUNIORES	-,115	,162	,973
	INICIADOS	JUVENIS	-,228	,204	,870
	INICIADOS	JUNIORES	-,156	,177	,942
	JUVENIS	JUNIORES	,073	,214	,998

Variável Dependente	(I) Grupo	(J) Grupo	Diferença de médias (I-J)	Erro Padrão	p.
PERGUNTA 7	BENJAMINS	INFANTIS	-,330	,181	,506
	BENJAMINS	INICIADOS	-1,031*	,200	,000
	BENJAMINS	JUVENIS	-,490	,248	,421
	BENJAMINS	JUNIORES	-,323	,214	,687
	INFANTIS	INICIADOS	-,701*	,183	,006
	INFANTIS	JUVENIS	-,161	,234	,976
	INFANTIS	JUNIORES	,007	,198	1,000
	INICIADOS	JUVENIS	,540	,250	,325
	INICIADOS	JUNIORES	,708*	,216	,033
	JUVENIS	JUNIORES	,168	,261	,981
PERGUNTA 8	BENJAMINS	INFANTIS	,151	,157	,921
	BENJAMINS	INICIADOS	,247	,174	,735
	BENJAMINS	JUVENIS	,220	,216	,904
	BENJAMINS	JUNIORES	,190	,187	,904
	INFANTIS	INICIADOS	,096	,159	,985
	INFANTIS	JUVENIS	,069	,204	,998
	INFANTIS	JUNIORES	,039	,173	1,000
	INICIADOS	JUVENIS	-,027	,217	1,000
	INICIADOS	JUNIORES	-,057	,188	,999
	JUVENIS	JUNIORES	-,030	,227	1,000
PERGUNTA 9	BENJAMINS	INFANTIS	,206	,225	,932
	BENJAMINS	INICIADOS	-,479	,249	,451
	BENJAMINS	JUVENIS	-,223	,309	,971
	BENJAMINS	JUNIORES	,105	,267	,997
	INFANTIS	INICIADOS	-,685	,228	,063
	INFANTIS	JUVENIS	-,430	,291	,704
	INFANTIS	JUNIORES	-,101	,247	,997
	INICIADOS	JUVENIS	,256	,311	,954
	INICIADOS	JUNIORES	,584	,269	,322
	JUVENIS	JUNIORES	,329	,325	,906

Variável Dependente	(I) Grupo	(J) Grupo	Diferença de médias (I-J)	Erro Padrão	p.
PERGUNTA 10	BENJAMINS	INFANTIS	,191	,150	,804
	BENJAMINS	INICIADOS	-,009	,167	1,000
	BENJAMINS	JUVENIS	,191	,206	,930
	BENJAMINS	JUNIORES	,106	,178	,986
	INFANTIS	INICIADOS	-,200	,152	,786
	INFANTIS	JUVENIS	,000	,195	1,000
	INFANTIS	JUNIORES	-,086	,165	,992
	INICIADOS	JUVENIS	,200	,208	,920
	INICIADOS	JUNIORES	,114	,180	,982
	JUVENIS	JUNIORES	-,086	,217	,997
PERGUNTA 11	BENJAMINS	INFANTIS	,197	,159	,820
	BENJAMINS	INICIADOS	,157	,176	,938
	BENJAMINS	JUVENIS	,185	,218	,949
	BENJAMINS	JUNIORES	,157	,189	,952
	INFANTIS	INICIADOS	-,039	,161	1,000
	INFANTIS	JUVENIS	-,012	,206	1,000
	INFANTIS	JUNIORES	-,039	,175	1,000
	INICIADOS	JUVENIS	,027	,220	1,000
	INICIADOS	JUNIORES	,000	,190	1,000
	JUVENIS	JUNIORES	-,027	,230	1,000
PERGUNTA 12	BENJAMINS	INFANTIS	,112	,156	,972
	BENJAMINS	INICIADOS	,050	,173	,999
	BENJAMINS	JUVENIS	,054	,214	,999
	BENJAMINS	JUNIORES	-,128	,185	,976
	INFANTIS	INICIADOS	-,062	,158	,997
	INFANTIS	JUVENIS	-,058	,202	,999
	INFANTIS	JUNIORES	-,239	,171	,745
	INICIADOS	JUVENIS	,004	,216	1,000
	INICIADOS	JUNIORES	-,178	,187	,924
	JUVENIS	JUNIORES	-,182	,226	,957

Variável Dependente	(I) Grupo	(J) Grupo	Diferença de médias (I-J)	Erro Padrão	p.
PERGUNTA 13	BENJAMINS	INFANTIS	-,060	,166	,998
	BENJAMINS	INICIADOS	-,290	,184	,646
	BENJAMINS	JUVENIS	-1,95	,228	,946
	BENJAMINS	JUNIORES	,246	,197	,815
	INFANTIS	INICIADOS	-,231	,168	,756
	INFANTIS	JUVENIS	-,136	,215	,982
	INFANTIS	JUNIORES	,306	,182	,589
	INICIADOS	JUVENIS	,095	,229	,996
	INICIADOS	JUNIORES	,537	,199	,125
	JUVENIS	JUNIORES	,442	,240	,496
PERGUNTA 14	BENJAMINS	INFANTIS	-,119	,183	,981
	BENJAMINS	INICIADOS	-,940*	,203	,000
	BENJAMINS	JUVENIS	,149	,251	,986
	BENJAMINS	JUNIORES	,035	,217	1,000
	INFANTIS	INICIADOS	-,821*	,185	,001
	INFANTIS	JUVENIS	,268	,237	,865
	INFANTIS	JUNIORES	,153	,201	,965
	INICIADOS	JUVENIS	1,089*	,253	,001
	INICIADOS	JUNIORES	,975*	,219	,001
	JUVENIS	JUNIORES	-,114	,264	,996
PERGUNTA 15	BENJAMINS	INFANTIS	,009	,132	1,000
	BENJAMINS	INICIADOS	,188	,146	,800
	BENJAMINS	JUVENIS	-,087	,181	,994
	BENJAMINS	JUNIORES	,162	,156	,898
	INFANTIS	INICIADOS	,179	,134	,774
	INFANTIS	JUVENIS	-,096	,171	,989
	INFANTIS	JUNIORES	,153	,145	,890
	INICIADOS	JUVENIS	-,275	,182	,686
	INICIADOS	JUNIORES	-,025	,158	1,000
	JUVENIS	JUNIORES	,249	,191	,789

Variável Dependente	(I) Grupo	(J) Grupo	Diferença de médias (I-J)	Erro Padrão	p.
PERGUNTA 16	BENJAMINS	INFANTIS	-,364	,181	,402
	BENJAMINS	INICIADOS	-,567	,201	,097
	BENJAMINS	JUVENIS	-,381	,249	,673
	BENJAMINS	JUNIORES	,255	,215	,842
	INFANTIS	INICIADOS	-,203	,183	,875
	INFANTIS	JUVENIS	-,017	,235	1,000
	INFANTIS	JUNIORES	,620*	,199	,049
	INICIADOS	JUVENIS	,186	,250	,968
	INICIADOS	JUNIORES	,822*	,217	,007
	JUVENIS	JUNIORES	,636	,262	,211
PERGUNTA 17	BENJAMINS	INFANTIS	-,171	,151	,865
	BENJAMINS	INICIADOS	-,409	,168	,208
	BENJAMINS	JUVENIS	-,025	,208	1,000
	BENJAMINS	JUNIORES	,159	,180	,940
	INFANTIS	INICIADOS	-,238	,153	,662
	INFANTIS	JUVENIS	,146	,196	,968
	INFANTIS	JUNIORES	,330	,166	,415
	INICIADOS	JUVENIS	,384	,209	,501
	INICIADOS	JUNIORES	,568*	,181	,047
	JUVENIS	JUNIORES	,184	,219	,950
PERGUNTA 18	BENJAMINS	INFANTIS	,089	,142	,983
	BENJAMINS	INICIADOS	,507*	,158	,038
	BENJAMINS	JUVENIS	,050	,195	,999
	BENJAMINS	JUNIORES	,110	,169	,980
	INFANTIS	INICIADOS	,418	,144	,081
	INFANTIS	JUVENIS	-,038	,184	1,000
	INFANTIS	JUNIORES	,021	,156	1,000
	INICIADOS	JUVENIS	-,457	,197	,254
	INICIADOS	JUNIORES	-,397	,170	,250
	JUVENIS	JUNIORES	,060	,206	,999

Variável Dependente	(I) Grupo	(J) Grupo	Diferença de médias (I-J)	Erro Padrão	p.
PERGUNTA 19	BENJAMINS	INFANTIS	,077	,166	,994
	BENJAMINS	INICIADOS	-,066	,184	,998
	BENJAMINS	JUVENIS	-,067	,228	,999
	BENJAMINS	JUNIORES	,093	,197	,994
	INFANTIS	INICIADOS	-,143	,168	,948
	INFANTIS	JUVENIS	-,144	,215	,978
	INFANTIS	JUNIORES	,016	,182	1,000
	INICIADOS	JUVENIS	-,001	,230	1,000
	INICIADOS	JUNIORES	,159	,199	,959
	JUVENIS	JUNIORES	,160	,240	,979
PERGUNTA 20	BENJAMINS	INFANTIS	,287	,183	,653
	BENJAMINS	INICIADOS	,010	,203	1,000
	BENJAMINS	JUVENIS	-,189	,252	,967
	BENJAMINS	JUNIORES	-,320	,218	,706
	INFANTIS	INICIADOS	-,277	,186	,695
	INFANTIS	JUVENIS	-,476	,238	,408
	INFANTIS	JUNIORES	-,607	,201	,062
	INICIADOS	JUVENIS	-,199	,253	,961
	INICIADOS	JUNIORES	-,330	,220	,688
	JUVENIS	JUNIORES	-,131	,265	,993
PERGUNTA 21	BENJAMINS	INFANTIS	,416	,217	,454
	BENJAMINS	INICIADOS	-,514	,241	,338
	BENJAMINS	JUVENIS	,291	,298	,916
	BENJAMINS	JUNIORES	,207	,258	,958
	INFANTIS	INICIADOS	-,930*	,220	,002
	INFANTIS	JUVENIS	-,125	,281	,995
	INFANTIS	JUNIORES	-,209	,238	,942
	INICIADOS	JUVENIS	,805	,300	,130
	INICIADOS	JUNIORES	,721	,260	,108
	JUVENIS	JUNIORES	-,084	,314	,999

Variável Dependente	(I) Grupo	(J) Grupo	Diferença de médias (I-J)	Erro Padrão	p.
PERGUNTA 22	BENJAMINS	INFANTIS	,168	,186	,937
	BENJAMINS	INICIADOS	-,235	,207	,862
	BENJAMINS	JUVENIS	,151	,256	,986
	BENJAMINS	JUNIORES	,187	,221	,949
	INFANTIS	INICIADOS	-,403	,189	,340
	INFANTIS	JUVENIS	-,017	,242	1,000
	INFANTIS	JUNIORES	,020	,205	1,000
	INICIADOS	JUVENIS	,386	,258	,692
	INICIADOS	JUNIORES	,422	,223	,469
	JUVENIS	JUNIORES	,036	,270	1,000
PERGUNTA 23	BENJAMINS	INFANTIS	,403	,164	,203
	BENJAMINS	INICIADOS	-,053	,182	,999
	BENJAMINS	JUVENIS	,510	,226	,281
	BENJAMINS	JUNIORES	,191	,195	,915
	INFANTIS	INICIADOS	-,456	,167	,116
	INFANTIS	JUVENIS	,107	,213	,993
	INFANTIS	JUNIORES	-,211	,180	,849
	INICIADOS	JUVENIS	,563	,227	,194
	INICIADOS	JUNIORES	,244	,197	,819
	JUVENIS	JUNIORES	-,318	,238	,774
PERGUNTA 24	BENJAMINS	INFANTIS	,044	,162	,999
	BENJAMINS	INICIADOS	,122	,179	,977
	BENJAMINS	JUVENIS	-,108	,222	,993
	BENJAMINS	JUNIORES	,027	,192	1,000
	INFANTIS	INICIADOS	,078	,164	,994
	INFANTIS	JUVENIS	-,152	,210	,971
	INFANTIS	JUNIORES	-,017	,178	1,000
	INICIADOS	JUVENIS	-,230	,224	,900
	INICIADOS	JUNIORES	-,095	,194	,993
	JUVENIS	JUNIORES	,135	,234	,988

Variável Dependente	(I) Grupo	(J) Grupo	Diferença de médias (I-J)	Erro Padrão	p.
PERGUNTA 25	BENJAMINS	INFANTIS	,076	,222	,998
	BENJAMINS	INICIADOS	-1,171*	,246	,000
	BENJAMINS	JUVENIS	,306	,305	,909
	BENJAMINS	JUNIORES	,365	,264	,750
	INFANTIS	INICIADOS	-1,248*	,225	,000
	INFANTIS	JUVENIS	,229	,288	,959
	INFANTIS	JUNIORES	,289	,244	,843
	INICIADOS	JUVENIS	1,477*	,307	,000
	INICIADOS	JUNIORES	1,537*	,266	,000
	JUVENIS	JUNIORES	,060	,321	1,000
PERGUNTA 26	BENJAMINS	INFANTIS	-,106	,158	,978
	BENJAMINS	INICIADOS	-,242	,175	,754
	BENJAMINS	JUVENIS	-,109	,217	,993
	BENJAMINS	JUNIORES	-,550	,188	,077
	INFANTIS	INICIADOS	-,136	,160	,949
	INFANTIS	JUVENIS	-,003	,205	1,000
	INFANTIS	JUNIORES	-,443	,174	,168
	INICIADOS	JUVENIS	,132	,219	,985
	INICIADOS	JUNIORES	-,308	,189	,620
	JUVENIS	JUNIORES	-,440	,229	,450
PERGUNTA 27	BENJAMINS	INFANTIS	,324	,175	,488
	BENJAMINS	INICIADOS	-,180	,194	,930
	BENJAMINS	JUVENIS	,497	,240	,371
	BENJAMINS	JUNIORES	,671*	,207	,036
	INFANTIS	INICIADOS	-,504	,177	,092
	INFANTIS	JUVENIS	,173	,227	,965
	INFANTIS	JUNIORES	,347	,192	,516
	INICIADOS	JUVENIS	,677	,242	,102
	INICIADOS	JUNIORES	,851*	,209	,003
	JUVENIS	JUNIORES	,174	,253	,976

Variável Dependente	(I) Grupo	(J) Grupo	Diferença de médias (I-J)	Erro Padrão	p.
PERGUNTA 28	BENJAMINS	INFANTIS	,207	,209	,912
	BENJAMINS	INICIADOS	-,707	,232	,058
	BENJAMINS	JUVENIS	,359	,287	,816
	BENJAMINS	JUNIORES	,461	,248	,487
	INFANTIS	INICIADOS	-,914*	,212	,001
	INFANTIS	JUVENIS	,152	,271	,989
	INFANTIS	JUNIORES	,254	,230	,873
	INICIADOS	JUVENIS	1,066*	,289	,010
	INICIADOS	JUNIORES	1,168*	,251	,000
	JUVENIS	JUNIORES	,103	,303	,998
PERGUNTA 29	BENJAMINS	INFANTIS	-,092	,160	,988
	BENJAMINS	INICIADOS	-,375	,177	,350
	BENJAMINS	JUVENIS	-,427	,220	,439
	BENJAMINS	JUNIORES	-,435	,190	,266
	INFANTIS	INICIADOS	-,283	,162	,551
	INFANTIS	JUVENIS	-,335	,208	,626
	INFANTIS	JUNIORES	-,343	,176	,434
	INICIADOS	JUVENIS	-,053	,221	1,000
	INICIADOS	JUNIORES	-,060	,192	,999
	JUVENIS	JUNIORES	-,008	,232	1,000
PERGUNTA 30	BENJAMINS	INFANTIS	-,114	,193	,986
	BENJAMINS	INICIADOS	-,524	,214	,203
	BENJAMINS	JUVENIS	-,258	,265	,917
	BENJAMINS	JUNIORES	,502	,229	,312
	INFANTIS	INICIADOS	-,410	,195	,358
	INFANTIS	JUVENIS	-,144	,250	,988
	INFANTIS	JUNIORES	,616	,212	,080
	INICIADOS	JUVENIS	,266	,267	,911
	INICIADOS	JUNIORES	1,025*	,231	,001
	JUVENIS	JUNIORES	,760	,279	,119